MAURICIO GOMYDE



O MUNDO de Vidro

3ª EDIÇÃO



MAURICIO GOMYDE



O MUNDO de Vidro

3ª EDIÇÃO



PORTO EDITORA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Net*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



O MUNDO de Vidro

Copyright © 2011 by Mauricio Gomyde
Capa:
Diagramação: Helkton Gomes
Impressão: Brasília Artes Gráficas
Tiragem: 1.000

O Mundo de Vidro. Mauricio Gomyde. Brasília,DF. Brasília Artes Gráficas. 3ª Edição. 234 p.

ISBN:

1 - Romance

www.omundodevidro.com.br

www.mauriciogomyde.com

Prefácio

Escrever o prefácio de um primeiro livro deve ser tarefa complicada, mas vou tentar. Na verdade, nem sei direito a melhor forma de escrevê-lo. Não sei se devo fazer um breve resumo da história ou se tentar justificar o motivo de ter inventado de escrever um livro. O que sei é que foi muito gratificante colocar no papel alguma coisa, principalmente depois de acreditar na impossibilidade de conseguir tal feito. Há pouco tempo, se dissesse para mim mesmo que escreveria algo, duvidaria muito. Mas o mundo dá voltas.

No princípio tive a ideia de mandar o livro para alguém conhecido e pedir que escrevesse este prefácio. Até imaginei algumas pessoas de renome internacional. O Papa, o Dalai Lama. Alguém assim, de fácil acesso. Só que se minha mãe ler e disser que não gostou do livro, vou dizer que ela não entende nada de literatura contemporânea, não pegou a essência da história, não leu prestando atenção. Agora, se o Papa e o Dalai Lama disserem que não gostaram, vou achar que não entendo nada de literatura contemporânea, não peguei a essência da história ou não escrevi prestando atenção. Melhor não arriscar minha reputação. E, pensando bem, sairia caro mandar duas cópias do livro lá pros lados do Vaticano ou do Tibete.

Abortada precocemente a ideia da introdução acachapante escrita pela sumidade! Quem sabe numa próxima oportunidade dou a eles o privilégio. Vou eu mesmo, sem dó nem piedade, inventando algumas abobrinhas pra encher linguiça e ver se consigo fazer um prefácio com mais de uma página e que dê moral. Afinal de contas, um prefácio com menos de uma página não deve dar moral nenhuma para um escritor. Vão dizer que não tenho nada para acrescentar e nada que preste na cabeça.

Então, vou enrolar e colocar palavras extremamente quilométricas para ver se até o crepúsculo do encerramento do paralelepípedo do prefácio consigo, ainda que anticonstitucionalissimamente, dizer algo que preste e que vá melhorar algo no contexto da completude do bojo geral e irrestrito do cerne da questão como um todo.

Afinal de contas, para ser de vez por todas sincero, direto, claro, conciso, peremptório, sucinto, resumido, breve, lacônico, preciso, objetivo, categórico e centrado, venho lá do fundo do âmago da essência íntima do interior das entranhas do meu ser, assim como viria um peido, confessar para o leitor que não faço a menor ideia de como terminar este parágrafo. E muito menos este prefácio.

Mas que diabos! Existem certas coisas que inventaram há milênios, não servem para nada, e acabam virando lei. Acho que porque todo mundo se acostuma. Todo mundo abre um livro e já espera que nas primeiras páginas venha um prefácio. Por que a história não começa de uma vez e pronto? Será que queimaria meu filme se o livro não tivesse prefácio? Deveria se chamar "predifício", e não prefácio. Se fosse fácil qualquer um fazia. Acho melhor mandar o próximo para alguém fazer, nem que seja a empregada do vizinho. Ou o Papa. Ou o Dalai Lama.

Chega! Nem eu tô me aguentando! Mas tá bom, já consegui escrever mais de uma página. E além do quê, só neste prefácio a palavra "prefácio" apareceu doze vezes, o que não deve ser lá muito recomendável para um escritor como eu, que tem ideias claras na cabeça, vai sempre direto ao ponto, sem rodeios, repetições, perífrases, subterfúgios ou circunlóquios, e nunca

fica procurando palavras em dicionários para escrever longas frases sem pontuação, que dão falta de ar ao ler, e repetir a mesma ideia várias vezes com sinônimos só para parecer culto, gabaritado, instruído, ilustrado, proeminente, com categoria e de nível.

Bem, chega de prefácio (décima terceira vez) e vamos ao que interessa...

"As mulheres foram feitas para serem amadas, não para serem compreendidas" (Oscar Wilde)

"Último Capítulo

Talvez ela quisesse descobrir a razão de ter conhecido um livro como aquele, pequena história para ser lida apenas por uma pessoa e que não deveria ser compartilhada por ninguém que não ela e ele, o autor. Talvez se perguntasse a razão de ter sido escolhida para dividir tantas palavras, questões e versos, provenientes de alguém que nunca desconfiou que pudesse fazer aquilo.

Tinha tido lá suas suspeitas, é verdade.

A leitura dos capítulos virou obsessão. Se demoravam a chegar, temia pela possibilidade de não mais recebê-los. Tinha medo de não chegar a conhecer o final da história, ou até de não vir a conhecer nem o autor de tantas e tão belas palavras. E ela, a cada novo rumo que tomava o livro, deixava-se fascinar por ele. Não sabia ao certo se estava fascinada pela personagem que ele representava no livro ou se por ele enquanto autor, em carne e osso, que ela jamais tinha visto. Ou melhor, sabia que já o tinha visto, claro, mas não com os olhos que deveria. Olhos que enxergariam alguém a quem entregaria seu amor. Certamente havia de ter considerado entregar seu amor a ele. Quem sabe fosse alguém que cruzasse seu caminho todos os dias, mas não via ninguém em sua frente com jeito de ser dono de tamanha pureza que a encantava a cada capítulo. Ou melhor, via uma pessoa, sim. Desejou que fosse uma, aliás. Mas já não esperava mais nada.

E sentia naquele momento, claramente impresso nas mal escritas linhas do derradeiro ato, o tom inspirado, mas melancólico, da revelação pela qual havia esperado tanto tempo. Talvez ele se perguntasse se houve algo de errado durante o tempo todo, se não seria melhor que não tivesse cruzado o caminho dela, que não tivesse ocupado tanto tempo em sofrer por um desejo que considerava impossível. Que considerava fruto de sua imaginação fértil de amor. Ou então se não deveria ter-se revelado logo de início. Por que não veio a ela de uma vez e despejou todo seu desejo, seu carinho, suas intenções, mostrando tudo o que poderia acontecer de bom? É que poderia parecer estranho à primeira vista, mas, diferentemente do que aparentava, ele não dominava bem a arte de falar. Escrever era, no seu humilde entender, uma maneira muito mais fácil de dizer coisas às vezes tão absurdas que pronunciá-las seria um exercício de

execução impossível. Além disso, poderia utilizar o direito de apagar, reescrever, pensar com calma, ou, ao final, resolver nem mandar. Apenas esquecer.

Talvez infelizmente para ela, a quem dedicava suas palavras, a vontade que tinha em dizer estas coisas superava em muito a timidez e o imenso pavor em imaginar-se dizendo pessoalmente e sendo desprezado. Preferia dizer anonimamente e tentar fazer a diferença. Caso tivesse se revelado no início, achava ele, jamais poderia ter dado continuidade ao fascínio provocado por um de seus poucos lamentos de amor.

Dizia "infelizmente" porque imaginava que ela talvez preferisse nem ser tão importante para ele, que quisesse apenas ser mais uma no meio da multidão, daquelas pessoas que vem e vão das nossas vidas sem deixar ou levar nada. E que nem quisesse saber que, com seus pequenos gestos, olhares e atos, provocava reações inimagináveis na cabeça dele. Reações que se eternizavam até o próximo encontro, quando começava tudo de novo, sem nem perceber nada. Ah, como seria bom se tudo fosse como ele desejava! Se pudesse ditar o ritmo dos acontecimentos de sua vida, conseguisse fazê-la ter o prazer de senti-lo tão profundamente, e compartilhar tantos pequenos momentos quase imperceptíveis que, somados, tornam uma vida excepcional!

Como seria bom se ele pudesse se enganar e achar bom ficar sem encontrá-la todos os dias, todas as horas, minutos e segundos de seus dias. Mas a falsidade não fazia parte de sua índole. Ficar sem os olhos, o sorriso e as palavras dela poderia até fazer parte, mais do que justamente, da ordem natural das coisas. Só que não era isto o que ele sinceramente desejava.

Sentia, nas poucas vezes em que se encontravam, que ela não tinha por ele toda essa ternura que experimentava, contida, presa no peito e resistente a sair. E por isso não se encorajava a uma aproximação definitiva, como tentativa de libertar o sentimento de seu peito. Preferia que nada houvesse entre eles a ter que se revelar pessoalmente e, de repente, ser incompreendido e contemplado com um lacônico "- Impossível!".

Revelava-se agora, nesta que era a última vez em que escrevia para ela suas palavras de amor, certo de ser, enfim, a hora certa. E continuava questionando, como, aliás, desde que começou a escrever o seu lamento: "Por que tudo isto, se seria melhor tê-la apenas como algo bom que apareceu, mexeu com a calmaria das coisas e revirou pensamentos como um furacão impiedoso que destrói qualquer construção, por mais sólida e bem acabada que seja?". Justamente porque, mesmo este furacão trazendo consigo o frio, a chuva, a escuridão, trazia também a certeza de que, ao final, o sol e o calor apareceriam. E tudo isto o incomodava e fascinava profundamente. Não era assim tão fácil esquecê-la. Ele bem que tentou quase de tudo para tal...

Daquele momento em diante, o mundo de vidro seria criado para sempre."

1

Final de dezembro. Aproximava-se o reveillon da virada do milênio. Ou pelo menos um dos dois reveillons da virada do milênio, já que havia discórdia generalizada sobre a real data da mudança de vinte para vinte e um. Uns defendiam que seria mesmo no final de 1999, período em que começa esta história. Outros, que realmente a virada seria só no fim de 2000. De qualquer forma, o comércio aproveitava para vender a ideia de que o milênio viraria mesmo naquele ano, já sabendo que dali a um ano venderia a ideia do "Agora sim! A verdadeira virada! Esqueçam tudo o que dissemos ano passado!". Capitalização em dobro, pela febre consumista de pessoas ávidas por bugigangas comemorativas que em poucos meses achariam de péssimo gosto.

A euforia tomava conta de todos os "privilegiados", que haviam de agradecer por estarem vivos e poderem presenciar aqueles segundos que, na verdade, seriam iguais a quaisquer outros que passavam despercebidamente durante os dias atribulados e entediantes da vida de cada um.

Era época de rever prioridades, fazer planos, corrigir erros, acertar o rumo da vida, calibrar a pontaria da felicidade, passar giz no taco das atitudes, esquecer problemas, definir o futuro e votar nas listas dos melhores filmes, músicas, presidentes, seleções de futebol, mulheres e personalidades de todos os tempos.

A comemoração daquela que era para ser a mais emocionante de todas as viradas que o mundo até então tinha tido o prazer de celebrar teriam que ser mesmo pra arrebentar. Fosse no meio da avenida mais movimentada da mais movimentada cidade do mundo, fosse sozinho em casa.

E assim começava aquela história. Dez minutos para a meianoite, no meio da *Times Square, Manhattan, New York...*

- Eu te amo! Eu te amo! Eu te amo! - gritava ela já meio tonta, segurando uma garrafa de Don Perignon em uma das mãos e abraçando seu namorado com a outra.

- Eu também te amo! Eu também te amo! Eu também te amo! retrucava ele, gritando, de olhos fechados e braços abertos para o alto. Usavam chapéu de festinha infantil na cabeça, daqueles conezinhos de papelão e elástico, e língua-de-sogra no canto da boca.

Estavam com os melhores amigos em um apartamento alugado na quinta avenida, esbaldando-se com o clima mágico da virada. Beijavam-se, bêbados, sob uma chuva de papéis picados que vinha ninguém sabe de onde. Talvez de gente disposta a virar o milênio jogando papelzinho pela janela ou de alguma máquina inventada especialmente para isso. Coisa de americano e de japonês, com certeza. Nada fora dali seria capaz de reprimir a felicidade. Nem o fato de o país natal estar na merda, cheio de escândalos lamacentos envolvendo de boys a presidentes de instituições supostamente respeitáveis, de saberem que dali a dois dias voltariam para sua rotina, e de, na realidade, não haver muitos motivos sinceros que justificassem tal euforia. Queriam apenas dançar ao som das bandas que faziam a festa naquele cenário de filme, mais nada. A multidão, enlouquecida, era só abraços em nome de tempos melhores. Ou então em nome de passar a virada beijando na boca, fosse de alguém conhecido ou não.

Um enorme telão digital animava a massa de quase quinhentas
americana e do tio Sam, imagens das festas ao redor do mundo. Intercalava tudo com cenas das maiores personalidades americanas do século, como Marilyn Monroe, Michael Jordan, Pernalonga e Alfred E. Neuman.

- Quero me casar com você! - gritava ele, bebaço, no ouvido dela.

- Só se for aqui, agora, já, nesse momento! - respondia ela, igualmente bêbada, com uma gargalhada e puxando o namorado pelo braço.

E simulavam, com os amigos, a cerimônia de casamento. Um se passando por padre, outra fingindo trazer as alianças, um terceiro de padrinho e uma quarta jogando papel picado como se fosse arroz. Estavam completamente doidos, mas noivaram ali mesmo, faltando dois minutos para o século vinte e um. Na falta de aliança ele colocou um chapeuzinho nela e ela um chapeuzinho nele, seguido por um longo beijo. Tudo o que ela sempre sonhou na vida, no que diz respeito a ser feliz ao lado de alguém.

E o grande momento chegou, com eles gritando mais alto que todos:

- *Ten... Nine... Eight... Seven... Six...*

...

-... Cinco... Quatro... Três... Dois... Um...

... "Poc"! - Abriu-se, a mais de cinco mil quilômetros dali, uma caixinha de suco natural em um apartamento modesto de uma grande cidade qualquer da América ao sul do Equador.

Ele acompanhava pela televisão, sozinho e completamente entregue a uma solidão interminável, a queima de fogos na praia mais famosa do país. Via no rosto das pessoas uma felicidade incontida, um prazer imenso por fazerem parte daquele espetáculo. Alegria pelo simples fato de comemorarem a mudança dos quatro dígitos que teriam que preencher nos cheques dali em diante.

As cenas da virada alternavam-se nos canais. Fosse na Micronésia, onde nativos de sarongue jogavam flores dentro de um vulcão extinto; fosse na Antártida, onde um grupo de pesquisadores fazia sinal de positivo a cinquenta graus negativos (como se fosse possível achar qualquer coisa de positivo a cinquenta negativos); na África, em que uma tribo dançava uma dança esquisita ao som de tambores de couro de elefante; na Amazônia, onde um bando de turistas cachaceiros se atiravam no rio com lindas índias seminuas; ou em festas dentro de grandes empresas, cheias de funcionários temerosos por possíveis problemas com o *bug* do milênio.

Todas aquelas cenas o deprimiam. Como desejava estar longe dali, daquela solidão sem fim, de si mesmo, da certeza de ser a única pessoa do mundo infeliz num momento tão marcante da humanidade! Mas não era algo que o surpreendia. Já estava acostumado com aquilo. Seria apenas a entrada em mais um ano da monótona jornada rumo ao "nãoseioquê" que era sua vida sem objetivos. Na verdade, nunca tinha parado para definir claramente esses objetivos de vida. Ele nem sabia ao certo qual seria o fim.

Ficou ali, questionando o sentido de acordar todos os dias cedo, encarar o trabalho sem graça que tinha, voltar para casa e ver televisão sozinho, sem ninguém com quem compartilhar emoções, novidades, problemas. Chegou à conclusão de que não havia sentido algum. Se resolvesse acabar com a vida naquele momento, ninguém notaria.

Abriu uma garrafa de scotch nacional e decidiu que era melhor esquecer aqueles devaneios. Trancou as janelas, para não cometer nenhuma besteira. Sentou no sofá, olhando

para a televisão sem fixar em nada. Como se esperasse algo que não sabia o que era e que o fizesse esquecer a solidão.

...

- *... Five... Four... Three... Two... One...*

A enorme quantidade de fogos de artifício ofuscava os olhares incrédulos dos quinhentos e tantos mil que ali estavam. E era beijo pra tudo quanto era lado. Tanto dos namorados, noivos e casados cumprindo o ritual pré-determinado para a ocasião, quanto dos guerreiros de plantão, com os beiços estirados à procura de qualquer boca desamparada, fria e à espera de uma acolhida caridosa e benevolente. E os dois mais recentes nubentes do mundo ali, felizes com as possibilidades que surgiam a partir da decisão de juntarem os trapos.

- Com licença. Uma palavrinha para a televisão?

Um repórter falando sua língua e ainda querendo que dessem sua contribuição para a festa era o que menos poderiam imaginar acontecer ali. Mas estavam muito felizes e queriam compartilhar isto com o mundo inteiro.

- Faaaala! - gritaram.

- O que significa a virada do milênio para vocês?

- Acabamos de ficar noivos. Ei, mãe. Ele me pediu em casamento. Um beijo pra senhora. Depois de amanhã eu volto.

- Mas o que significa a virada do milênio para vocês?

- Aí, galera! Morram de inveja! Tô noiva desse gato aqui! disse isto dando um gole no champanhe e pulando no colo dele.

- Mas o que sig...

- Uhuuuu! Bom demais! Feliz ano novo! - ela tentando tomar o microfone da mão do coitado do rapaz.

- Bom, obrigado pela entrevista. É isso aí... Realmente, o clima aqui é de muita descontração e felicidade. Vai daí, Valmir!

A "entrevista" foi encerrada com um close no beijo que davam, daqueles chupões de envergonhar a mãe a mais de cinco mil quilômetros.

E a mais de cinco mil quilômetros ele assistiu àquelas cenas ao vivo. Sentiu inveja do sujeito por estar com aquela mulher linda. Queria também ter a sorte de poder beijar uma mulher assim em um momento muito especial de sua vida, como uma virada de milênio. E estava tão bebum que caiu no sono, sozinho, com a TV ligada...

2

Trinta e poucos anos, ele tinha. Baixo, magro com uma leve barriga de chope, cabelos castanhos lisos e curtos, olhos verdes. Estava sempre meio curvado, talvez pela baixa autoestima que cultivava. Possuía o perfil do que se pode chamar de cidadão-médio-comum-normal. Comum demais, até. Levava vida mais entediante que aqueles programas de venda de produtos, que dão ofertas irresistíveis para coisas que as pessoas jamais vão realmente precisar. Programas que ele, invariavelmente, acompanhava madrugada adentro.

Graduou-se em processamento de dados por uma faculdade caça-níqueis, onde quem conseguia não se formar levava um fusca para casa, tamanha dificuldade para tal. Processamento de dados era o curso da moda, de tal sorte que, levado pela absoluta falta de opção, já que não se interessava por nenhuma profissão, acabou por ingressar na carreira.

Era também um músico frustrado. Na infância sua mãe o impusera o estudo do violino. Ela achava lindo, mas ele achava que macho que era macho não tocava violino. O ponto máximo da curta carreira foi o dia em que provocou uma crise de nervos no gato siamês de sua prima, com os grunhidos do arco na corda mais aguda. Tentou o piano, o saxofone, o contrabaixo, o violão e a bateria. Tocava tudo quanto era instrumento. Mal.

Quando tinha lá seus vinte e poucos anos, num porre monumental que tomou num bar, foi dar uma canja na bateria de uma banda de *covers* do Credence Clearwater Revival. "Porra, nunca ouvi falar nessa banda. Credence o que mesmo?" - ele alegaria mais tarde, ainda embriagado, quando esteve no hospital fazendo tomografia computadorizada do cérebro, após ser enxovalhado pelos seguranças do local, que o tiraram na base da porrada. A batida de valsa, que era a primeira e única lição que tivera de bateria, não combinava mesmo com a levada de "*Have you ever seen the rain?*", clássico da banda.

Acabou ficando apenas com o violão. Comprava sempre a revistinha com as cifras das músicas da moda na banca mais próxima. Sonhava com o dia em que poderia tocar para uma linda mulher, romanticamente, ao redor de uma fogueira em alguma praia deserta. Esta cena não saía da sua cabeça, era seu conceito de momento feliz: ele, num cenário de filme com a maravilhosa, curtindo sua voz e seu violão acompanhando o som do vento e das ondas quebrando.

Morava em um pequeno apartamento alugado a duras penas com o modesto salário que recebia de funcionário de uma repartição pública, na seção fazendária. Salário congelado há cinco anos, digase de passagem, fazendo com que a inflação tivesse comido, ao longo deste tempo, mais de oitenta por cento de seu poder de compra. Desenvolvia sistemas que não sabia para quê serviam. Não serviam para nada mesmo. Gastava grande parte do seu tempo de trabalho navegando na internet, sem o conhecimento do chefe. De vez em quando tentava uma sala de bate-papo, mas era tão sem sal que não conseguia sair nem da fraca e habitual abordagem: "De onde tc?".

Era o sócio número um da maior vídeo-locadora da cidade, a alegria do dono e o terror dos atendentes. Vivia perguntando sobre os filmes, se eram bons, se os clientes tinham gostado. Queria ver a classificação, quanto tinha arrecadado, quem eram os atores, os diretores, de quem era a fotografia, o figurino e o continuísmo. Não sabia nada sobre

continuísmo, mas conhecia de cor o nome dos principais continuístas de Hollywood.

Promovia para si mesmo sessões memoráveis de vídeo, alugando vários títulos do mesmo autor. Algo como o "Fim de semana Fellini", o "Festival de entretenimento Charles Chaplin", a "Rodada Cultural Pasolini" ou "Glauber e Eu em transe", que ele assistia sozinho, acompanhado apenas de salgadinhos e refrigerante. Era um leitor contumaz. Estava sempre com alguma coisa na cabeceira. Preferia romances. Principalmente os de amor, que curtia na solidão de seus dias.

Assinava uma revista masculina, procedimento justificado para si pelas excelentes reportagens que a mesma apresentava. Não que não olhasse atentamente as beldades peladas nas páginas centrais. Claro que olhava atentamente! E nem ligava pro fato de a maioria das deliciosas serem resultado de retoques por programas capazes de deixar gostosa até a avó de quase cem anos da vizinha do apartamento de cima.

Gastava muita grana com CDs. Era eclético neste ponto. Ia do som gutural dos Crânios Dementes ao sofisticado da Orquestra Filarmônica de Berlim, passando pelo som alegre da Banda de Pífanos de Caruaru e pelo obscuro e grotesco, mas visceral, da *Joe Louis & the White Castle's Band*.

Tinha uma habilidade secreta: era um exímio desenhista de lápis e papel. Sempre rabiscava alguma coisa quando estava em casa, mas jamais mostrara seus belos desenhos a alguém. Não compartilhava por temer críticas negativas.

Não era muito viajado. Morria de medo de avião. Conheceu o mar com quinze anos, inventou de se enterrar na areia e suas pernas acabaram dormindo. Teve que ser retirado por um salva-vidas e levado a um hospital ortopédico para recuperar os movimentos.

Teve apenas duas namoradas, caso entre nesta conta Sissy, uma loirinha de cabelos cacheados do jardim de infância que, aos cinco anos, ele conseguiu pegar na mão duas vezes e que ficou horrorizada quando soube que beijar fazia parte do processo, terminando tudo de forma irreversível e traumática. A única que provou realmente de seus encantos foi Samantha, uma alma caridosa, desengonçada, sardenta, que, aos doze anos de idade, já sabia tudo sobre sexo. Na verdade, ela só tinha ouvido uma conversa de sua irmã mais velha sobre o assunto e morria de medo só de imaginar, mas mantinha a fama na escola. Ainda bem, porque ele morria de medo de ela resolver fazer alguma coisa e ele não fazer a menor ideia de como proceder, queimando seu filme perante a galera. Namoraram por uma semana, antes dela se mudar para os Estados Unidos, em companhia da família. Foi, deixando dentro dele, pra sempre, a lembrança do amor inocente e puro.

Era boa gente, incapaz de fazer mal a uma mosca. O pessoal do trabalho gostava dele, mas jamais o convidavam para sair. Tinha poucos amigos. Apenas um grupo da época de colegial que se encontrava todo final de ano para rever os velhos tempos e contar o que cada um andava fazendo então. Henry Seven, o advogado bem sucedido de um escritório inglês, com filiais pelo mundo inteiro; Charles, diretor de uma empresa de segurança em estradas por satélite; Sergy, ator de filmes de pancadaria tipo B em Hollywood, cujo sonho era ser o Van Dame; Mark, comediante profissional que fazia shows pelo país ou a bordo de navios pelo Caribe com um tipo hilário de um ateu que namorava a filha do pastor evangélico; Andrew, o boa-pinta. Dentista conceituado, dizia que a mulherada não resistia a seus olhos azuis e ficava, literalmente, de boca aberta e babando durante as consultas; Richard Cross, cabeça de área de um time de segunda divisão do interior, com propostas para jogar no milionário futebol

Saudita; e, por fim, Maurice, guitarrista de uma banda na iminência do sucesso. Já havia excursionado pelos quatro cantos do país e estava para assinar seu primeiro grande contrato.

Era o único da turma que não tinha algo interessante a contar nas reuniões.

Morava sozinho. Sabia o nome de cinco pokemons.

Era sozinho.

3

Vinte e tantos anos, ela tinha. E um sorriso lindo, boca desenhada à mão, cabelos castanhos, corpo maravilhoso, olhos castanhos claros. Nariz pequeno para seu rosto, mas colocado perfeitamente. Tinha o andar rápido, ereto, com a cabeça sempre pra cima. Os cabelos caíam sobre os ombros e as costas, largos. A postura imponente e o corpo escultural eram resultado de anos de balé clássico levado a sério. Era apaixonada por dança de todos os estilos.

Praticava esportes também. Rapel em construções abandonadas e natação. Nadava dois mil metros três vezes por semana. Quando sobrava tempo, pedalava no parque da cidade. Vivia em dieta. Não que precisasse, mas tinha pavor do dia em que a idade pesaria e a incontrariável lei da gravidade agiria impiedosamente sobre sua bunda e seus peitos, derrubando-os clamorosamente ao chão.

Confiava plenamente na medicina alternativa. Tomava ginseng, catuaba, chá disso, daquilo, curtia uma erva de vez em quando. Já havia mascado canabis algumas vezes e acreditava que purificava a mente e a alma. Comprava revistas de saúde, e sempre que aparecia nova reportagem sobre resultados alcançados pelo consumo de alguma fruta ou verdura milagreira, corria à quitanda e se entupia do alimento nas refeições. Fazia máscara no rosto, misturando iogurte com morango e açúcar. Colocava rodelas de pepino nos olhos e de tomate na testa.

Era independente, mulher moderna. Formada em jornalismo pela Universidade de Roma e economia pela de Chicago, semanalmente colaborava com um jornal escrevendo artigos sobre a conjuntura econômica do país, além de dar aula de economia na faculdade estadual e em cursos temporários. Tinha lido tantos livros que um dos quartos de sua casa se transformara num depósito. Precisava arranjar tempo para organizar tudo e catalogar por autor, por assunto, qualquer coisa. Protelava por preguiça.

Já tinha viajado mundo afora. Conhecia até países fora do roteiro convencional das agências de viagens, como Guatemala, Índia, Turquia e Dinamarca. Fez safári na África, escalada no Grand Canyon e o caminho de Santiago de Compostela.

Era bem de vida. A herança recebida de sua avó na adolescência garantia estabilidade, complementada pelos salários de jornalista e professora. Nunca tinha preocupação com contas a pagar. Morava em uma boa casa, própria, localizada em um bom bairro com muitas árvores, segurança e tranquilidade. Dirigia carro importado do ano, mas o utilizava com pouca frequência, pois preferia o contato com a cidade, ao invés da frieza do ar condicionado. Além do quê o trânsito era uma loucura e tinha lido que o stress era a principal causa das doenças do coração. Era realmente despojada com lance de grana. Invariavelmente ia ao centro da cidade e perambulava por pequenas lojas atrás de roupas, sapatos e bolsas em promoção. Vestia-se muito bem.

Tinha muitos amigos. Do jornal, da academia, dos cursos que ministrava. Já tinha namorado alguns caras, outros tantos tentaram namorá-la. Alguns até namoraram sem que ela soubesse. Estava noiva. Seu noivo morava em outra cidade. Não podia mais esperar o dia em que ele viria definitivamente para perto dela.

Morava sozinha. Lia Nietzsche, escutava Enya e Caetano.
Era linda.

4

Aquele parecia um dia como outro qualquer, sem absolutamente nenhum sinal de que algum fato viesse a transformálo em uma data importante, ou o primeiro dia do resto de sua vida. Ele saiu de casa cedo para o trabalho, após tomar uma tigela de leite com café pelando e dois pães com manteiga, na refeição-padrão de suas manhãs. Como habitualmente, foi caminhando até a estação do metrô, observando silenciosamente o início do movimento da cidade, das lojas abrindo suas portas, das pessoas saindo das padarias com o pão fresco, do sol começando a esquentar a manhã. A caminhada era longa, mas acostumou-se a enfrentar aquele calvário todos os dias, na obrigação de ir ao que considerava o ambiente mais hostil do mundo: seu trabalho.

A estação estava lotada, como de costume. Respirou fundo e enfiou-se no meio da confusão, sabendo que deveria agir como um impiedoso gladiador romano para conseguir entrar no metrô. O momento era um vale-tudo. Valia empurrar velhinha, pisar em carrinho de neném, dar cotovelada em gorda, subir na cabeça de uns ou se arrastar por debaixo de outros. Preparou-se, armou a guarda, segurou firme sua pasta, estalou o pescoço, respirou fundo. Quando apareceu o vagão da frente, na saída do túnel, começou a excitação da galera. Parecia a geral do maracanã, no momento em que apontaria a seleção na saída do túnel dos vestiários, na entrada em campo da final do campeonato mundial. Pois bem, parados os vagões começou o empurra e, estranhamente, naquele momento alguma sensação esquisita o fez ficar imóvel e com o olhar ao longe. Parecia estar no meio de uma hola mexicana, como um joão-bobo deixando-se levar pelo movimento pra lá e pra cá da massa. Tomou sovacada na cara, pisão no pé, empurrão, baforada na nuca, todo tipo de dedada (sacanagem!) e ouviu um número considerável de palavras de baixo calão a respeito de sua querida mãe. Não pegou aquele metrô porque não teve como, mas acordou e pôs-se a esperar o seguinte, estranhando o fato de não ter, pela primeira vez na vida, entrado no carro daquele horário. Enquanto esperava o próximo, caminhou até o final da estação pra pegar o último vagão, sem entender muito bem a razão. Talvez para entrar sem ter que enfrentar um desconfortável e constrangedor exame de próstata na frente de todo mundo.

Quando parou o carro seguinte e a porta se abriu, conseguiu entrar um pouco mais folgadamente. Uma sensação boa tomava conta de seus pensamentos, seu olhar estava sereno e sentia-se muito calmo. Ficou assim por um tempo com o metrô já em movimento e acompanhando o balanço e o chacundum da viagem, vendo, pela milésima vez, tanto que já sabia de cor, a sequência das estações até o destino final.

Foi quando seus olhos começaram a pegar foco e presenciar uma cena maravilhosa nos últimos bancos. Parecia um daqueles quadros embaralhados que demoramos a ver o que são e, após um tempo de fixação, começam a revelar a forma tridimensional de uma figura antes escondida, mas que estava lá o tempo todo.

Era uma mulher linda demais, de maquiagem leve no rosto e uma expressão pura parecida com a de um anjo. Lia um livro, calada. Compenetrada, como se o fato de estar sentada dentro de um metrô cheio e barulhento fosse um detalhe que jamais atrapalharia a viagem nas páginas de sua história. Naquela fração de segundo houve uma conexão única, ainda que unilateral, entre os dois. Ela nem o percebeu, mas ele ficou imóvel, sem conseguir desviar os olhos

daquele rosto perfeito e da boca mais linda que já tinha visto na vida. As pernas bambearam, o coração disparou, o corpo passou a tremer e, se não segurasse no corrimão, certamente desmontaria no chão. Ficou um tempão ali, totalmente fora de si, perdido na imagem única, com enquadramento perfeito e luz suave, de seus olhos negros piscando em câmera lenta. Silêncio absoluto como trilha sonora.

Quando se deu conta viu que ela não estava mais lá. Procuroua no meio das pessoas em pé e nada. Já tinha descido. Acabou perdendo o ponto, tendo que parar no seguinte e voltar pelo sentido contrário. Caminhou leve como uma pluma, flutuando num andar suave e tranquilo, enquanto assobiava, de olhos fechados, uma melodia que tinha acabado de inventar.

Não conseguiu trabalhar aquele dia. A concentração foi embora junto com o metrô. O computador era como uma caixa branca totalmente sem nexo na sua frente. Todos notaram sua cara, mas ninguém quis perguntar o que era, já que não havia intimidade para tal. Então, ele sentiu vontade de botar tudo pra fora, extravasar, gritar, contar para alguém, deixar sair aquela sensação tão boa que preenchia seu dia e apertava seu peito. Como não tinha ninguém a quem contar, pegou um papel e uma caneta. Escreveu freneticamente, meio sem noção:

"Não tenho certeza quando nem como tudo irá terminar, só sei quando começou. Foi hoje. Na verdade, nem vou me preocupar com isso. Melhor nem pensar, pra não enlouquecer. Apenas imaginar como deve ser bom cada momento vivido intensamente ao lado dela. Não uma intensidade que deságue em atos inconsequentes, mas aquela outra, do tipo que nos faz viajar aos mais longínquos lugares sem tirar os pés do chão. E ela deve ter mesmo o poder para isto, pois sinto estar diante de uma daquelas pessoas que, de uma forma ou de outra, acabariam cruzando meu caminho. "Meu caminho...". Que caminho será esse? Será que tudo na vida já está escrito? Será que sou eu que faço minhas próprias regras? Poderei desviar-me do prédeterminado, impedir o óbvio? Algo que terá que acontecer de qualquer jeito? Ou será que justamente todas as escolhas também já estão previstas? Acho melhor não me aprofundar no tema. Isso pode dar em um problema sentimental, e acho que a solução virá a cada obstáculo surgido. E ela não deve ser, seguramente, o que se pode definir como obstáculo. Obstáculos lembram dificuldade, conotam algo de difícil absorção, corroem a mente para descobrir como transpor. É uma criatura capaz de revirar minha cabeça um ângulo de cento e oitenta graus para acompanhá-la passando, que tem na ternura de seu olhar um convite à imersão total no interior de seus pensamentos e ideias, de seus questionamentos e sonhos. E deve ter preso, na beleza de sua boca, o dom de dizer o improvável, de ser surpreendente. E mesmo nas muitas vezes em que se calar, quem dirá que precise dizer algo? Se forem estes os obstáculos, que prazer superá-los!".

Nunca tinha escrito nada como aquilo, e, como não era nem um pouco romântico, jamais imaginaria chegar ao ponto de pensar qualquer coisa um pouco mais profunda. Aquelas palavras pareciam ter sido escritas com a alma e totalmente fora do seu estado normal de consciência. Estranhou, e ficou o resto do dia pensando no que exatamente ela tinha provocado, já que era apenas alguém que tinha visto por alguns segundos de sua desinteressante vida. Ele não sabia nada a respeito dela, não a conhecia pessoalmente, não sabia seu nome, sua idade, se era sozinha, feliz, carinhosa, romântica ou qualquer coisa que pudesse dar sentido ao que sentiu quando a viu. Sensação que jamais havia tido por qualquer mulher, nem de longe. Nem sabia se iria revê-la algum dia. Tudo bem que ela era linda, o que, certamente, havia sido um motivo a mais para que tudo tivesse acontecido. Mas quantas e

quantas lindas mulheres cruzavam seu caminho todos os dias e não provocavam reação maior que um autocomentário do tipo "que tesão!"? Teve a nítida impressão de já tê-la visto em algum lugar antes, mas não sabia onde. Não aventuraria uma aproximação caso a visse de novo, pois temia encerrar precocemente o que não havia sequer começado quando dissesse uma das "pérolas" que costumava soltar. Não era um expert na arte da conquista. Aliás, era um zero à esquerda nesta questão. Tinha muita vontade dentro de si, mas nenhuma coragem de colocá-la pra fora. No fundo, nunca tinha tido coragem de cantar mulher nenhuma, dizer palavras legais, inventar poesia, ser sincero com seus sentimentos e botar pra fora a quantidade de bondade que sabia existir no fundo de sua alma. Nenhuma pretensão de que algum dia conseguiria fazer isto por alguém como ela, até porque ela jamais notaria a existência de um ser tão estranho e inexpressivo. Talvez fosse mesmo melhor ficar só em sonho. Ainda bem que, ao menos, tinha noção de que seria muita falta de romantismo cantar um mulheraço daquele dentro de um metrô.

Pensou muito na cena e chegou à conclusão de que deveria ter havido um motivo, qualquer um, pra ter perdido o vagão que estava acostumado a pegar, e então ter a oportunidade de esbarrar sua vida com a dela. Não era muito de acreditar nestas coisas de destino, mas sabia que sua vida certamente estaria na mesma lengalenga, caso por uma fração de segundo tivesse entrado no trem de sempre, nem que fosse empurrado via dedada.

Nos dias seguintes não conseguiu tirar da cabeça a loucura de que deveria resolver de qualquer jeito esta paixão platônico metropolitana, responsável por excelentes longas-metragens que ele andava produzindo na sua cabeça, enquanto exercia o sagrado direito de fazer justiça com as próprias mãos no banheiro. Precisava da chance de sentar a seu lado, nem que fosse uma única vez na vida. Por isso, começou sempre a pegar o mesmo carro. Às vezes a encontrava lá, sentada tranquilamente sozinha, ou ao lado de alguém com o olhar perdido e entediado por enfrentar o batente tão cedo, na labuta diária que era obrigação daquela gente. Ela sempre lendo um livro. Daria tudo para inventar alguma forma de saber o que ela pensava enquanto ia naquela rotina. E saber para onde ia. E saber o que lia. Ou o que rabiscava de vez em quando no caderno, ou diário, que parecia o companheiro inseparável. Mas sempre desistia na hora H, falando baixinho para si mesmo:

- Pára com isso! Isso não vai te levar a lugar nenhum. Você ainda vai criar inimizades por causa desta loucura. Larga mão de ser tonto! Uma mulher daquela vai querer o quê com você? Ela nunca vai perder tempo com alguém tão insignificante...

Até que num dia qualquer entrou e lá estava ela, sentada sozinha no final do carro, com uma vaga ao lado. Tomou coragem, pensou, titubeou, avaliou e, num impulso decisivo, como se alguém o tivesse empurrado antes que se arrependesse, foi ao assento que parecia convidá-lo. Sentar ali não faria mal nenhum.

- Er... Aham... Cof... Cof... Com licença?

Ela apenas olhou, consentindo o direito de sentar ali. Não poderia negar, mesmo que quisesse. Ele sentou e deu uma olhada de rabo de olho, meio sem graça, tentando ver o que ela lia e dando uma daquelas tossidas secas. Deu uma esticada no pescoço, com a boca meio torta, sem noção da cara ridícula. Então ela virou rapidamente em sua direção, pra pegá-lo de surpresa no bom e velho "que que tá olhando?". Ele tomou um susto e aproveitou para mandar um sorriso amarelo, sacudindo a cabeça e levantando a sobrancelha.

- Bom dia - sem acreditar que falava com ela e já suando frio.

Ela apenas balançou a cabeça levemente e continuou sua leitura, acostumada com o tipo de reação de homens desconhecidos que sentavam a seu lado só para puxar papo. E o que ela pensava naquele momento? Será que era como ele? Quando tinha alguém ao lado ficava matutando de onde vinha, o que fazia, qual o nome, o tipo de música favorito, quantos anos, preferência de livros, filmes, etc.?

Teve o impulso de dizer alguma coisa, qualquer coisa. Mas dizer o quê, meu Deus? Era nestas horas que se mordia por não ter o dom do improviso, de soltar uma frase de efeito arrebatadora que a deixasse boquiaberta com sua inteligência e perspicácia. Como estavam debaixo da terra não podia nem comentar sobre o tempo, talvez um dos poucos assuntos disponíveis no repertório. Poderia tentar ser engraçado, mas não era capaz de fazer rir nem o mais bobo dos mortais, com suas tiradas sempre irregulares. Precisava dar uma treinada nestas abordagens. Anotaria isto em algum lugar para lembrar-se de exercitar mais tarde em frente ao espelho.

E então, de súbito, enquanto se martirizava para achar uma brilhante citação de algum livro para impressioná-la, ela se levantou, pedindo licença friamente com o olhar. Tomou um susto e, decidido a fazer um galanteio, fez um gesto com o braço, de olhos semifechados, levantando as sobrancelhas e mordendo o lábio inferior, pensando: "Sim, toda a licença do mundo! Se quiser eu até me ajoelho, deusa do Olimpo, coisa mais perfeita dessa vida, tentação do outro mundo! Passa! E toma teu rumo, ô pedaço de mau caminho...". Bem... Bateu no braço dela, derrubou no chão todo o material que carregava, desequilibrou-a totalmente, entortando seu centro de gravidade em um ângulo obtuso negativo tão íngreme que quase ela enfia o nariz no corrimão e a boca na cadeira. Teve que segurá-la lepidamente pela cintura para não provocar uma tragédia. Ajudou a pegar o material, desculpando-se, sem jeito. Ela nem respondeu, pois estava tão indignada com a cena que se aprumou e saiu rapidamente ao abrir da porta, enfiando-se no meio da confusão, cheia de gente agoniada por chegar cada um a seu destino.

Ficou alguns segundos contemplando-a pela janela do carro, que já ia em alta velocidade. Tentou, em vão, acompanhar seus cabelos que sumiam por entre a correria da multidão. Não se perdoou por ter produzido cena tão tosca. Coisa mais anormal! Bom, mas era alguma coisa. De repente seria uma abordagem para algum dia pedir desculpas.

E por mais algumas poucas vezes ele a viu lá, sempre se escondendo atrás de alguém para que não fosse visto.

Não teve mais coragem de sentar a seu lado. Queria apenas sentir-se bem por estar perto, por respirar o mesmo ar e por partilhar de seu perfume. Mas tinha estragado tudo naquele dia. Quem sabe em alguma outra oportunidade conseguiria se redimir e chegar um pouco mais longe.

5

Em todos os dias subsequentes, ao entrar no metrô continuou a dar uma espiada geral para procurá-la. Em uma das raras bem sucedidas tentativas, tomou coragem e desceu na mesma estação que ela. Que se danasse o seu trabalho. Mandaria um atestado médico fraudulento para abonar aquele dia, o que certamente valeria o sacrifício de tomar falta injustificada, caso o chefe não se convencesse da operação no cérebro que teve que fazer às pressas. Queria saber mais, onde ela trabalhava, os lugares que frequentava, se tinha alguém, o que fazia da vida.

Estava de capote preto, óculos escuros e chapéu de aba redonda. Enfiou-se no meio da multidão para não dar bandeira. Esbarrou em tudo quanto pôde para não perdê-la de vista. Quase foi atropelado por um pipoqueiro que chegava para garantir seu ponto no meio-fio da avenida mais movimentada do centro. Seguiu como um detetive, sempre com a preocupação de que ela não notasse que havia alguém fazendo aquela autêntica coisa de louco fugido de hospício. Em alguns momentos de lucidez perguntou-se o porquê daquilo tudo. Não era possível que alguém que jamais tivesse trocado nem um "oi!" com ele pudesse mexer assim com seus sentimentos. E, além disso, ele próprio se achava muito estranho. Até tentava desistir, mas os surtos de lucidez acabavam rapidamente e a overdose de insanidade amorosa voltava com mais força, guiando-o cegamente em meio à multidão, por entre prédios e avenidas. Era uma força muito estranha que o levava a fazer aquilo, uma energia do além empurrando suas pernas em direção a uma coisa que ele sabia que jamais daria em alguma coisa.

Mas que era irresistível.

Até que ela entrou em um prédio moderno, destes com vidros espelhados azuis. Entrou atrás, cuidando para que não fosse percebido. Praticamente impossível, devido a sua indumentária pouco discreta. Ficou próximo a ela, no meio da confusão de pessoas que esperavam o elevador para subir. Entrou junto no bolo e observou, por sobre o ombro de uma senhora gorda que ocupava quase todo o quadrado, que ela apertara o décimo segundo andar.

Foi ao décimo primeiro e subiu pelas escadas correndo, ofegante e esbarrando em quem ousasse estar na frente. Abriu a porta da escada ainda a tempo de vê-la entrar numa sala com um letreiro: "Curso *Master Applications for Economic Business*". Que diabos seria aquilo? Um curso de alguma coisa muito escrota, certamente, desses que só desocupados sem nada mais interessante com que se preocupar fazem. Algo tão inesperado quanto ele numa aula de culinária tailandesa ou de dança de salão. Mas não a conhecia. Ela devia ter alguma excelente razão para estar matriculada naquele curso. Verificaria.

À noite voltou ao centro, disposto mesmo a fazer de tudo para aproximar-se dela. Estava decidido. Faria a matrícula. Já sonhava em estar ao seu lado pelo menos duas vezes por semana, ainda que obrigado a estudar uma coisa muito escrota, dessas que só desocupados sem nada mais interessante com que se preocupar fazem. Não falava nada de inglês, mas imaginou que *economics* deveria significar "economia" e *business*, talvez "buzinas". Deveria ser alguma coisa como "aplicações para mais ter buzinas de carros econômicos". Certamente deveria ter algum sentido figurado embutido ali. Onde já se viu fazer curso para economizar na buzina? De qualquer forma, ainda que não tivesse carro e fosse mesmo um curso de buzinadas, sempre se pode aprender alguma coisa nova. Teve que conversar com o chefe de

sua seção e convencê-lo de que faria um curso muito importante, de modo que conseguiu permissão temporária, desde que compensasse ao final do expediente. Valia tudo para estar ao lado dela.

No dia seguinte lá foi ele. Comprou um caderno e uma caneta, o suficiente para enfrentar a aula. Não teve a sorte de encontrá-la no metrô. Chegou cedo. Apenas alguns alunos na sala. Preferiu sentarse no fundo para que ela não o visse logo na entrada, pois temia que o reconhecesse de cara. Para garantir ficou de óculos escuros e cabeça baixa.

Os alunos foram entrando ora em grupos de dois ou três, ora sozinhos. Mas nada dela. De repente a porta se abriu e ela entrou, como naquelas cenas de cinema, em que tudo fica em câmara lenta. O caminhar inconfundível, toda de preto, os cabelos batendo prum lado e pro outro, o sorriso estampado no rosto. A trilha sonora da cena seria uma sonata executada por um quarteto de cordas, melodia suave, junto com uma caixa clara marcando o ritmo de seus passos. Ficou paralisado com a cena, estampando um sorriso idiota no rosto.

- Aluno novo? - perguntou a professora.

- Hein? - disse ele, ainda com o sorriso idiota na cara.

- Você mesmo. Hoje é o seu primeiro dia, não?

Foi como um tapa na cara, um soco na boca do estômago, um chute nos culhões. Meu Deus, a professora! Ela. Não poderia ter imaginado? Nem passou pela cabeça a hipótese? Agora era tarde. Um calafrio tomou conta de seu corpo, sua cabeça começou a rodar, o cérebro entrou em parafuso e o coração disparou. Suava que nem um gambá.

- Er... Aham... Cof... Cof... Sim, meu primeiro dia - virou o rosto pra parede sem tirar os óculos e já querendo por tudo no mundo que não tivesse tido a estúpida ideia de entrar ali.

- Eu não te conheço de algum lugar?

- Er... Aham... Cof... Cof... Acho que não - olhando ainda para a parede.

- Bem, você já deve ter algum conhecimento em *economic business*, não? Sabe que se trata de um curso avançado, indicado para profissionais graduados na área?

- Sim, ô, pode acreditar - suando.

- Você é formado por qual universidade?

- Er... Aham... Cof... Cof... Universidade de... Cochabamba.

- Cochabamba? - perguntou, surpresa.

- Curso novo, mas muito bom.

- E qual a área de atuação?

- Hum... Economia.

- Economia? Só economia?

- É. Economia. E tem outra? Rá... - completamente sem graça.

- Bem, seja bem-vindo. Qualquer dúvida, temos um fórum de discussão da classe sobre os temas abordados. Durante, ou ao final da aula, se tiver alguma questão pode perguntar - ela disse isso olhando fixamente e desconfiando de já tê-lo visto em algum lugar.

Ele balançou a cabeça, desviando o olhar e concordando, sem muito entusiasmo. Estava frito, já que não fazia a menor ideia de que merda tratava o tal do "*economic business*". Definitivamente não tinha nada a ver com buzinar um carro econômico. Duzentas pratas jogadas no lixo! E que papo era aquele de Cochabamba? Coisa mais estúpida! E Cochabamba lá tinha curso de economia? Devia ter. Mas, seguramente, não deveria ser um curso tão bom. Já que a cagada estava feita, que pelo menos dissesse Paris, Londres, Nova York, Frankfurt,

qualquer coisa, menos Cochabamba. Ao menos ela teria um pouco mais de consideração.

- Com licença! - pediu um aluno, querendo sentar-se na cadeira a seu lado, a única disponível na sala.

- Sim.

Era um rapaz aparentemente um pouco mais velho que ele. Terno bem cortado, elegante, sapato engraxado e gravata. Gel no cabelo, engomado. Parecia um destes diretores de empresas fazendo reciclagem, pois não aparentava precisar aprender nenhuma coisa sobre tema algum.

- Ela já começou algum novo assunto hoje? - perguntou o rapaz.

- Hein? Assunto? É... Bem... Acho que não. A aula começou agora - ainda estava atordoado com a situação.

- Realmente, é difícil prestar atenção, não?

- Como? - estava completamente aéreo, preocupado em fraudar um diploma da Cochabamba *University*.

- Eu também demorei a conseguir prestar atenção na aula. Ela é linda, apaixonante. Isso é que é mulher! Confesso que estou tão apaixonado que me matriculei neste curso só por causa dela - falou baixinho, o rapaz.

- Por causa de quem? - perguntou ele, incrédulo.

- Da professora. Ela é maravilhosa, inteligente. Faria qualquer coisa por uma mulher dessas! Se eu tivesse coragem, não fosse muito tímido, me declararia pessoalmente - disse o rapaz, com cara de apaixonado.

- Ai, não! Não acredito que você se matriculou aqui só por causa da professora! Um curso caro desses? Tá maluco?

- Ah, vale os duzentos. Acho que tô maluco sim, mas é por ela. Repara só como é perfeita! Ai... - suspirou.

Quis voar na cara e descer a mão no pé da orelha do indivíduo, de tanta raiva. Conteve-se.

- Sabe que eu nem tinha reparado nela?

- Bom, prazer, meu nome é Silvester. Qualquer coisa estamos aí.

- Prazer - disse, secamente.

Assistiu à aula, embaraçado com a situação, e muito revoltado com o colega de turma. Não entendeu uma vírgula do que tratava o tema, até porque metade dos termos era em inglês. Mas se esforçou para prestar atenção, na medida do possível. Esquivou-se de toda e qualquer pergunta e não perguntou nada. A situação havia mudado, pois ela era sua professora agora. Desgraça pouca era bobagem. Ao término da aula saiu depressa, cabeça baixa, ainda com os óculos e sem dar margem a qualquer comentário.

No caminho para o trabalho parou em uma livraria e comprou dois livros. Um chamado "*Economic Business* – Manual de Sobrevivência na Selva", de Svatslav Dimitri. E outro, intitulado "Como Conquistar a Mulher Inconquistável – Uma visão Holística", de S.S.Stewart. Havia lido, em uma resenha na revista que assinava, que o tal S.S.Stewart tinha morrido solteiro e jamais conquistara qualquer mulher. E por isso se achava em condições de aconselhar aos outros, acho que para que nunca empregassem as táticas que utilizou durante sua completa vida de solteiro. De qualquer forma, os livros de autoajuda estavam na moda e por que não poderia ele utilizar-se de tal artifício para tentar melhorar?

6

Com uma história absurda de que precisaria falar com ela urgentemente para tirar algumas dúvidas cruciais sobre um tratado de economia globalizada elaborado dois mil e quinhentos anos antes de Cristo, conseguiu seu telefone com a secretária do curso. No dia seguinte tomou coragem, respirou muito fundo e ligou...

- Alô - ela atendeu com voz de sono.

Seu coração disparou. Ficou em silêncio, tremendo. Queria apenas ouvir a doce voz que ela tinha. Era melhor. Ficaria ali ouvindo aquele "alô!" maravilhoso e musical. Por nada neste mundo revelaria sua identidade. O simples fato de saber que apenas um fio os separava naquele momento já era suficiente para senti-la perto de si e mudar completamente pra melhor seu dia.

- ALÔ! - ela gritou.

Sentia-se imponente, controlando a situação, quieto, ouvindoa entregar-se à busca frenética de uma resposta que clareasse a curiosidade infinita que seu silêncio provocava, sobre a vontade de saber quem estaria ali fazendo com que ela tivesse um dos momentos mais felizes da vida. E não falaria mesmo.

- VOU DESLIGAR!

- Não!

Será que se arrependeria mais tarde? Quem sabe. Mas não queria ficar sem falar com ela. Esperou tanto tempo pela coragem e agora deixaria que partisse assim, secamente, desligando, indignada? Nem que fosse preciso se rebaixar, descabelar, pedir pelo amor de Deus... (afinal de contas ela estava ali, em suas mãos, derretendo-se por ele...).

- Quem é?

- Er... Aham... Cof... Cof... Eu, ué!...

- "Eu, ué!", quem, ué?

Tremeu. Quis desligar, sumir, desaparecer, escafeder-se. Desligou... E caiu na cama, acuado, com a cabeça debaixo do travesseiro. Não se perdoaria nunca mais por aquela atitude. Mas que burrice! Achar que ela reconheceria sua voz se transformara na pior tática empregada na história das conquistas desde que Adão passou uma cantada na Eva e ela resolveu dar pra ele, desencadeando a história que todos conhecem.

E agora tudo estava perdido. "Que imbecil", ela pensaria. Analisou as estratégias possíveis, consultou o "Como Conquistar a Mulher Inconquistável..." no capítulo "Telefonemas – Telefone você mesmo". De acordo com as opções apresentadas pelo autor, teria duas saídas: mudar pra alguma montanha deserta do Tibet, alguma caverna no Afeganistão, algum buraco em Omuranga Superior, ou então ligar novamente e resolver a situação ali mesmo, sem titubear, com a firmeza, certeza e objetividade peculiar aos grandes homens da humanidade.

Pegou o telefone. Tirou do gancho. Colocou de novo. Foi até a cozinha, fritou um ovo. Largou o ovo. Tirou do gancho. Colocou no gancho. Tirou e colocou doze vezes. Finalmente discou. Bem objetivo, firme e certeiro, como os grandes homens da humanidade.

- Alô.

- Er... Aham... Cof... Cof. Oi!

- De novo? Quem fala, por favor?
- Sou seu aluno novo, do curso de *economic business*. Sabe quem é, né?
- Sim?
- Desculpa estar ligando assim, de repente.
- Sim?
- Peguei seu telefone na secretaria do curso.
- Sim?
- Bem... É... Eu queria tirar algumas dúvidas a respeito da aula de hoje.
- Sim?

Mas que saco. Ela só dizia "sim"? - pensou.

- Na verdade eu tô meio confuso com algumas questões e queria saber se você não se disporia a dar aulas particulares.
- Não costumo trazer trabalho para casa.
- Não?
- Não!
- Não mesmo?
- Não mesmo.

Mas que saco. Ela só dizia "não"? - pensou. Como ela poderia dar uma resposta destas, tão seca? Que falta de compreensão e humanidade com o desespero alheio! Ele, ali, precisando de ajuda para resolver questionamentos que o intrigavam quanto à economia mundial. Em busca de respostas que esclarecessem dúvidas presentes no contexto global da matéria abordada. Desesperado, e ela negando o justo direito ao conhecimento, fundamento previsto na Constituição? Onde já se viu? Ele se valorizaria e nunca mais ligaria. Nada de autocomiseração! "Orgulho" era a palavra da vez. Estava indignado. Desligaria, definitivamente. Ela não merecia sua solidariedade, sua complacência. Sob hipótese alguma, nem que fosse a última alternativa do mundo, iria se rebaixar e pedir novamente para ter aulas particulares com ela.

- Olha, eu preciso muito destas aulas particulares. Você não pode negar isto a um aluno seu. Por favor! Por favor!
- Mas... - pensou um pouco, já prevendo que se arrependeria mais tarde - É, tá bom, vai. Pode ser...
- Hoje?
- O que?
- Hoje? A aula.

Já até imaginou a cena, irresistível: compraria um vinhozinho tinto suave, um saquinho de pistache; iriam para seu apartamento, colocaria uma música envolvente, entraria só de roupão, fumando um charuto à meia-luz; ela viria de vestidinho colado, mula manca, tomaria todas e em seus braços dormiria. Admiraria então suas perfeitas curvas, sem deixar que ela notasse.

- Não. Hoje não. Estou muito cansada.
- Combinamos outro dia, então?
- Outro dia. Tchau.
- Tchau. Um beijão.
- Ãhn?

Bom, já era um começo. Ela já havia topado estar pelo menos uma hora de sua vida ao

seu lado. Isso fez com que o ego fosse às alturas. Olhou-se no espelho, encolheu a barriga, piscou pra si mesmo, levantou uma sobrancelha, abaixou a outra, forçou o tórax, mandou beijinhos sensuais, ficou de cueca, cantou uma música do Charles Aznavour enquanto dançava com a vassoura. Pra finalizar, tocou guitarra na raquete de tênis, fazendo playback do solo de *Stairway to Heaven*, do Led Zeppelin. Estava ridículo. Se o espelho falasse, não diria nada. Apenas soltaria uma boa gargalhada. Percebeu isto quando se tocou da cena. É... Definitivamente, tinha que dar um trato no visual. Precisava cuidar do corpo e melhorar as roupas, já que seu guarda-roupa cheirava a mofo, tamanha antiguidade de suas vestimentas. Resolveu sair às compras.

Comeu o ovo e bateu a porta.

7

Desceu do coletivo na principal avenida do centro da cidade. Há muito tempo não comprava nada para si. Desorientado quanto à melhor opção e motivado por um anúncio da televisão, resolveu comparecer à "By The Hour of Death". Uma lojona. Era enorme, chique. Um reluzente lustre no centro iluminava demasiadamente o ambiente. Grandes quadros com velhas pinturas e molduras em estilo barroco enfileiravam-se nas paredes daquele recinto de pé direito altíssimo. Um colorido tapete persa preenchia quase todo o chão da loja. Havia móveis em madeira escura e pesada, com estofado em couro que fazia um convite quase irresistível a uma deitada. Admirava, desnorteado, os ternos, camisas, gravatas, meias. Tinha até medo de perguntar quanto custavam...

- Iiiiiiihhhhh, nooooooossssaaaa! - alguém gritou, com uma voz fina.

Um frio tomou conta de sua espinha. Uma mão gelada pegou na sua cintura por trás e apertou-a. Deu um pulo e virou-se em posição de combate, imaginando que a morte havia capturado de surpresa mais uma alma encomendada. Não chegava a tanto, mas o naipe do cidadão era de matar um desavisado. Um ser negríssimo, com um terno alaranjado, gravata azul piscina, óculos de gatinho e gel no cabelo redondo estava ali, prostrado em sua frente. Sorriso largo, dentes branquíssimos, uma das sobrancelhas subindo e descendo. Braços abertos, posição de cruz. Cabeça pendendo pro lado direito.

- ARGHHHH! - gritou ele, fazendo cara de assustado.

- ARGHHHH! - gritou a criatura, com cara de nojo.

Teve o impulso de grudar no pescoço da figura, jogá-la no chão e, com um golpe certeiro, salvar a terra daquele alienígena que parecia ter vindo de alguma galáxia remota destruir a humanidade. Mas ficou quieto, só na análise. Um minuto entreolhando-se, paralisados, olhares fixos, de bocas abertas. - Sim? - perguntou ele, desconfiado.

E com a voz fina e um sotaque afrancesado forçado, mais ou menos o sotaque falado na região do semiárido francês, ali, na *Champs-Élysées* que separa Petrolina de Juazeiro, o ser soltou: - Pgazerrr! Sullivan Von Dögff! Com um tguema no "o" e dois "efes". Em que posso segvi-lo, fofo?

E o mesmo sorriso, a mesma sobrancelha subindo e descendo, os mesmos braços abertos. Aqui, a cabeça pendendo pro lado esquerdo. - Aham! Nada não. Na verdade eu só tava olhando, sem compromisso.

- Ah, menino. Deixa de bobeiga. Olha só como você tá maltgapilho, um lixo, um caco! Desculpa, tá? Mas você tá hogogoso. Ho-go-goso! Suas goupas estão foga de moda, meu bem! Não se pgueocupe, pogque veio ao lugar cegto, a "Bai de Áueg off Déff". E eu sou a solução dos seus pgoblemas. Apgoveita, pogque minha consultoguia assim, de ggaça, não se encontga em qualquer esquina, viu?

Aquela enormidade de "erres" e "gês" no lugar errado dava nos nervos, porra. Segurou a mão para não pegar a língua e puxá-la até vê-la soltar do fundo da boca daquela figuraça. - Hum, sei!

- Hmmm... Venha cá, vai! - deu uma piscadela e o puxou pelo braço - Sei o que você pgocuga.

E passou a tarde mostrando camisas de seda japonesa, gravatas de seda italiana, ternos de seda mexicana, um mais colorido que o outro. De vez em quando sussurrava coisas do tipo:

- Meu amor, você vai agasar com esse estilo. Vou te contar uma infogmação confidencial, então não espalha não, tá? Na Eugópa isto é só o que se usa hoje em dia! Amiga, a sua cútis vai ficar magavilhosa e divinamente guealçada se combinagmos alguns tons semivulcânicos com outgas tonalidades pêssego, ou então fúcsia com uma pitadela de sensações antágticas. Sou obguigada a te confessar que não faz pagte da minha pguefeguência, e que acho mesmo uma ggande baixaguia isso, mas a muguiegada não vai desggudar dos seus pés. Fica tganquilo que, nas minhas mãos, você vai ficar simplesmente podegoso, necesságuio e um luxo, ou eu não me chamo Sullivan, com um tguema no "o" e dois "efes".

Também falou sobre as tendências do homem moderno, as novas formas de conquista do amado, contou seus amores e desamores, chorou em seu ombro. Em alguns momentos ele até chorou com a bichinha, sensibilizado que ficou com as histórias de paixão, loucura e abandonos vividas com Santos, coronel do exército, seu namorado. Estava decidido. Seria um novo homem. A pilha de novas roupas enchendo a mesa central já o fazia sonhar com o momento em que estaria diante dela, causando alvoroço por seu bom gosto. Escolheu, provou, pagou, dividiu em doze vezes sem entrada. Comprometeu quase o valor de seu modesto salário de um mês inteiro. Afinal de contas, sabia que qualquer bicha entenderia muito mais de moda que ele. Despediu-se de Sullivan com a promessa de voltar qualquer dia pra contar sobre a repercussão da compra. E ainda dando conselhos para dar um jeito no coronel Santos:

- Levanta a cabeça, menina, bola pra frente que a fila tem que andar. Sai dessa, criatura!

Disse aquilo? Que ridículo! Conseguiu até encher d'água os olhos da bichinha. Tinha que agradá-la, em retribuição pela simpatia e consultoria.

- Ai, que lindo! Tô emocionada! Me aguepiei toda! Olha só - e mostrou o braço, arrepiado pelo brilhante conselho.

Saiu sentindo-se poderoso, carregando sacolas e mais sacolas dentro do ônibus. Ela ficaria impressionada com tamanha elegância e bom gosto.

8

No dia seguinte foi o primeiro a chegar à aula. Estrategicamente, sentou-se onde pudesse ser notado pela professora e não incomodado pelo colega ridiculamente apaixonado por ela. Estava puto com o cara, de modo que não queria nem cruzar seu olhar com o dele e ter que ouvir elogios acerca das qualidades que ela tinha, pra não se enfezar e querer partir pra cima. Sua intenção era estudar, e não ser incomodado por pessoas que estavam ali com intenções ocultas que não única e exclusivamente aprender *economic business*, como ele. Oras...

Estava arrumado, realmente arrumado. Tudo bem que a camisa de seda não fosse bem o que se pudesse definir como discreta. O roxo e o amarelo basicamente nunca foram cores muito próximas, mas ele estava plenamente convencido de que era a nova tendência da moda na Europa, conforme havia explicado Sullivan.

Quando ela entrou não havia ninguém além dele na sala. Grande chance. Deu uma ajeitada, forçou o tórax, ficou mais alto, fez cara de galã de novela mexicana. Mas ela passou diretamente até sua mesa, na frente da sala. Sentou, cabisbaixa, macambúzia, sorumbática, circuncifláutica, quieta, olhos de choro. Não estava tão linda quanto habitualmente. De calça preta de ginástica, camisão branco por cima, tênis, largada, cabelo preso. Seu caminhar sempre passava a impressão de deixar um vácuo para trás, sufocando quem cruzasse seu caminho. Naquele dia não.

Lembrou-se da primeira vez que a viu no metrô, quando ficou tão fascinado pela beleza de sua boca que por pouco não entrou em estado de choque. Mas naquela manhã não conseguia fixar o olhar em sua boca, como de costume. Apenas em seus olhos. Algo não estava bem. Era uma situação inusitada, contraditória. Ele vestido tal qual uma arara em extinção e ela ali, introspectiva, com o pensamento longe. Ensaiou uma aproximação, tomou coragem, esfregou as mãos e foi, decidido a falar.

- Olá!

- ...

- Alôuôôôô!

- ...

- EI! ÔÔÔ! - gritou, apavorado, passando a mão na frente dos olhos parados que ela apresentava.

- Hein?

Graças a Deus o estado catatônico tinha volta. Ela estava ainda neste planeta.

- Você está bem?

- Sim, estou, quer dizer, te conheço?

Porra, e não me conhece? Já até nos falamos ao telefone. Ou você não se lembra de ter ficado desesperada de desejo por ouvir minha voz? Olha que deste jeito eu não ligo mais, hein? Veja só... pensou.

- Er... Aham... Cof... Cof... Sou aluno aqui. Te liguei ontem. Lembra?

- Ah, sim!

- Mas não vamos falar nisto agora. Só queria me certificar de que você estava bem. Me pareceu esquisita.

- Não é nada não. Obrigada.

Voltou pro seu lugar, calado. Gostou da conversa. Bom, não tinha sido nada assim tão surpreendente que pudesse ser rotulado como "conversa", propriamente dita. Mas era um papo que não sobre economia, e já era um começo. "Um pequeno passo para um homem, um grande salto para onde, mesmo?". Lembrou-se mais ou menos desta frase, dita quando da conquista da lua... Ou era marte? Bem, um planeta destes qualquer. E sentia que seu grande desafio estava ali, ao alcance dos olhos. Faria de tudo para conquistá-la e fincar sua bandeira, tal qual o bandeirante que desbrava o desconhecido, o inesperado, o fascinante! "Fincar sua bandeira..." Gostou do comentário. Usaria qualquer dia...

Ao mesmo tempo, ela pensava: "Eu, hein! Cara mais estranho! Parece uma arara em extinção!". Estava completamente fora dali. Mas apreciou sua gentileza, e só. E a aula transcorreu aos trancos e barrancos. A pior aula que deu em toda sua vida.

E ele passou o resto do dia bem. Estava até se achando mais bonitão e inteligente. Tentou se mostrar por dentro dos assuntos abordados na sala, fazendo perguntas sábias. Sem sucesso algum, diga-se de passagem, ainda que isto não o incomodasse. Don Juan de Marco que tomasse cuidado, pois sua fama estava a um fio de ser abalada pelo romântico nato que surgia ali. Nada deteria tamanha sede de conquista do amor perfeito.

Ainda assim, ficou matutando o porquê de ela estar daquele jeito. Talvez fosse algo importante e ele pudesse ajudar de alguma forma. Tentaria descobrir, custasse o que fosse pra custar.

9

Sol escaldante. Ela saiu da aula e foi diretamente à estação do metrô. Parecia que tinha ligado o piloto automático, com o olhar distante, fora de qualquer estado normal de consciência. Não desviou os olhos fixos do nada, não ouviu as buzinadas de um carro que quase a atropelou, nem xingamentos a algumas de suas gerações passadas que um mendigo proferiu, quando ela pisou no chapéu que ele mantinha no chão para as doações de caridade dos transeuntes mais sensíveis. Durante o balanço da viagem de volta, continuou com o mesmo olhar de peixe drogado, sem prestar atenção em absolutamente nada que acontecia à sua volta. Quando chegou em casa, parou na frente da porta. Ficou ali por alguns minutos. Até que desabou a chorar e a se perguntar, desesperada:

- Por quê? Por que, meu Deus?

Não sabia a resposta para tanto sofrimento. Aliás, sabia. Tá certo que Stevens parecia ser o homem da sua vida até então, mas ter sabido daquilo pessoalmente ao escutar uma conversa no celular esquecido ligado, se transformara na pior forma de saber que ele tinha outra em sua cama. Ouvir gemidos, grunhidos e fungações do noivo em companhia de outra qualquer a centenas de quilômetros de distância realmente tinha sido uma experiência péssima. Que ela jamais imaginou que passaria um dia. Ela não merecia isso. Ninguém merece. Muito menos ela.

A certeza de traição viera como um punhal quente penetrando seu coração, rasgando suas entranhas e abrindo uma ferida funda e de impossível cicatrização. E logo ela, que se dedicara tanto por ele! Na verdade, ela também já o havia traído, mas ele nunca soube. Tinha sido por uma noite apenas, e ela sempre se desculpava de ter bebido além da conta. O que os olhos não vêem (ou os ouvidos não escutam)...

Noivado desfeito, sem volta. Por telefone mesmo. Não conseguia imaginar-se novamente com ele, principalmente pela imensa dor em seu coração, em parte pela traição, em parte por estar sozinha, em parte por ter a sensação de ter feito papel de trouxa. Entrou e nem trancou a porta. Foi direto ao telefone e ligou para Sandra, sua melhor amiga.

Sandra era solteirona, quase quarenta anos, feminista engajada. Destas ativistas que vão com os peitos de fora em passeatas pró-liberação sexual e igualdade de direitos entre os sexos. Do tipo que não se importa que os peitos, que batem na cintura, vão balançar na televisão, em cadeia nacional, pra milhões de expectadores. Era uma crítica ferrenha do modelo machista que ocupava as entranhas da sociedade. Acreditava haver um complô entre todas as autoridades do mundo a fim de reprimir o avanço da mulher no poder político e religioso. Pregava que o próximo papa fosse uma mulher, uma mama, porque aí neguinho ia ver a coisa funcionar e uma profunda limpeza na casa. Achava os homens uns escrotos, grotescos e animais que pensavam muito mais com a cabeça de baixo do que com a de cima. "Homem sensível era boiola e homem machão era viado reprimido. Homem não era homem. E pronto!".

- Alô! - atendeu Sandra.

- Oi, miga! - voz de choro.

Sandra reconheceu que algo não ia bem. E perguntou:

- O que houve, miga?

- O Stevens... Ele... Ele... Ele... Tem outra... - e abriu o berreiro.

- Sacripanta, energúmeno, filho de uma que ronca e fuça. Esses homens são uns escroques, uns sórdidos, uns sem noção de sentimento.

- Ele... Tava com uma vagabunda... Na cama... E... Eu ouvi tudo... E... Ai, meu Deus! Foi horrível! - dizia, entre soluços e lágrimas.

- Fodidos, nojentos, fracos, crápulas. Esses homens são uns bolhas, uns primatas.

- Ele... Tava gemendo... E ela também... E ele chamou ela de vadia... E ela chamou ele de...

- Carcamano, desqualificado, escroto. Esses homens são uns trogloditas.

- Ele... Ele... NÃO ME AMA MAIS... – gritando, desesperada.

- Bucéfalos, animais, cuzões, dementes. Esses homens são uns grossos, insensíveis.

- Ele... Ele... ELE... - esperneando e já fora de si.

-... É um merda, um excremento, uma carcaça, um cocô, umas fezes, um barro fedorento, uma massa escrota e fétida de bosta!

E ficaram ali. Uma lamentando a perda do amado e a outra desfilando seu repertório de impropérios por quase duas horas. Ao final, Sandra soltou uma pérola que tinha inventado, além de todos os chavões que conhecia sobre o tema:

- É como eu sempre digo: "Homem é igual a absorvente feminino: a gente não vive sem eles e vez ou outra tem que ter um entre as pernas. Mas basta a gente dar o sangue pela relação que eles se enchem rapidinho. A solução é jogar no lixo e pegar outro depressa". Miga, nenhum homem merece que choremos por eles. Não valem nada. Levanta a cabeça, bola pra frente, a melhor defesa é o ataque, água mole em pedra dura tanto bate até que fura, casa de ferreiro, espeto de pau, um dia é da caça e outro é da pesca.

- Tá bom, miga. Não vou mais chorar. - disse isso sem conter as lágrimas.

- Não vai chorar? - perguntou Sandra.

- Não.

- NÃO? - gritou Sandra, tal qual um general para um recruta.

- Não.

- Então tá. Sem choro, viu?

- Sem choro. Snif.

- SEM CHOROOOOO?

- Caralho, sem choro! Chega de perguntar!

- É assim que se fala, miga. Qualquer coisa me liga, tá?

- Tá. Obrigada.

- Não há de quê, miga. Beijinho.

- Beijinho.

Desligaram.

Desabou a chorar.

Meia-luz, camisola preta de seda, uma garrafa de vinho tinto no gargalo, olhar ao longe, no aparelho de som um CD pirata com músicas profundas e de melodias marcantes, trilhas sonoras do relacionamento que chegava ao fim: "*Love of my life*", do Queen; "*Your latest trick*", do Dire Straits; "*What the hell you were doing last night*?", dos The HomeBreakers; ou "*Chuba Chuba little darling*", dos Suns of the Beaches, primeiro lugar nas paradas de sucessos dos caminhoneiros do Alabama.

A cada nova música a tristeza aumentava, corriam dolorosas lágrimas, a dor no peito afundava, a solidão e a lembrança da traição chegavam carregando a sensação de abandono e falta de consideração que ele não havia tido para com a fidelidade que ela sempre lhe dedicou. A não ser pela única vez em que o havia traído. Mas ele não sabia, e pronto! Ah, e ela tinha bebido além da conta.

Ficou ali por um bom tempo, escutando todas as músicas que faziam parte da trilha sonora do relacionamento dos dois e secando a garrafa, até que o primeiro toque do telefone soou. Totalmente embriagada, virou-se de costas para o aparelho. Não queria ir até lá. Esperaria que tocasse até que a pessoa desistisse. Não queria falar com mais ninguém, nunca mais. Após o trigésimo toque, já estava curiosa para saber quem era o dono do troféu "I-Best Insistent 2000 categoria telefonia fixa".

- Alô!

Ele sentiu a embriaguez em sua voz.

- Alô! Você está bem? - perguntou, estranhando a situação.

- Ai, você de novo não! Agora não! Tchau.

- Por favor, não desliga não. Tô preocupado contigo.

- Comigo? Como assim? Você nem me conhece! E, além do mais, vocês homens são uns escrotos. Não quero saber.

- Bem... Desculpa, mas é que você tava tão fora desse mundo. Vi o jeito que você saiu da aula hoje e...

- Tá bom. Tô bem, ótima, linda, maravilhosa e não tem nada que você possa fazer. Me deixa em paz.

E desabou novamente no choro.

- Você está bem?

-... - silêncio absoluto.

- Ei, responde!

-... - silêncio tumular.

- Psiu! Eiii! Ahhhhh! ÔÔÔÔÔ! - gritou.

-... - silêncio sepulcral. Nada.

Apavorou-se. Sabia onde ela morava. Havia conseguido alguns dados sobre ela, inclusive seu endereço, após mentir à secretária que teria que lhe entregar um trabalho sobre a influência da queda da bolsa na estrutura macroeconômica das tribos dos índios Txucarramãe e Txucarrapai. Trancou a porta e saiu correndo.

Era Dom Quixote sobre Rocinante, em busca de Dulcinéia. Lá ia ele dentro do coletivo, azucrinando o motorista para que fosse mais depressa para salvar sua amada.

O que teria acontecido? Preparou-se para o pior.

Chegando, encontrou a porta destrancada. Preparou-se, armou a guarda, pegou pelo cabo uma vassoura caída do lado de fora e, passo firme colado à parede, foi em direção à única luz acesa da casa, em outro ambiente.

Entrou na saleta pulando, gritando, dando pernada pra tudo quanto era lado e jogando a vassoura longe.

- Kiaaaaaaaiiiiiiii! Rêêêêiiiiiiiissssssss!

Tinha que impressioná-la, caso estivesse nas mãos do sequestrador. Caiu com um pé no chão, a outra perna dobrada noventa graus e os dois braços levantados lateralmente em forma

de cisne. Tinha visto a cena no filme do Karatê Kid. E lá estava o belo corpo, inerte, caído no sofá, segurando uma garrafa vazia. Havia uma foto no chão. Correu até ela, desacordada. Tirou a garrafa de suas mãos, não sem antes verificar que na foto era ela e um homem bonito no meio de uma confusão de gente, ambos com um chapeuzinho de festinha de criança na cabeça e um monte de papel picado caindo de muitos prédios altos. Achou esquisito, pois parecia já ter visto aquela cena antes. Estava puto consigo mesmo. Onde já se viu achar homem bonito? Bem-apessoado, ele se convenceria mais tarde. Simpático, talvez? Legalzinho, quiçá? Muito razoável, quem sabe? Ou melhor, achou o cara um escroto. Feio pra caralho, e pronto!

De qualquer forma, sentiu uma pontinha de satisfação, pois aquilo parecia um rompimento. Para ela estar naquela condição deplorável, só poderia ser um rompimento. Que bom, teria alguma chance. Segurou seu pulso e conferiu que ainda batia normalmente. Foi, então, até a cozinha, pôs uma água para esquentar, pegou um pano e o molhou rapidamente, voltou à sala e sentou no sofá, puxando a cabeça para seu colo. Colocou o pano sob a nuca e afastou os cabelos. Era mesmo linda. A camisola de seda, folgada, revelava ao mundo uma pequena parte de seus seios. Queria muito olhar, mas não era justo ela ali, desacordada, e ele babando nos seus peitos. Quis também fazer respiração boca a boca, mas não poderia convencer nem o mais ignorante leigo em medicina de que era realmente necessária a utilização daquele expediente. Não tinha nada a ver, ela não tinha se afogado. Bem, estava afogada, mas não literalmente.

Então ficou ali, sem noção da exata dimensão que representava ela, deitada, impotente sob seus braços. Era a situação que havia sonhado viver por muito tempo: olhar para seu rosto e admirá-lo, sem restrições. O CD agora tocava uma melodia calma e alegre. Maskavo. Sentiu que estava tudo bem e que ela acordaria mais hora menos hora. Fez carinho nos cabelos, na boca, na nuca. Como quis beijá-la! Segurou o ímpeto. Sentia que ela estava protegida ali com ele. Não importava a causa daquele porre. Só sabia que ela poderia contar com ele a qualquer hora.

Mas precisava ir. Pegou-a no colo. Seus braços envolveramno. Foi ao quarto e a colocou deitada suavemente na cama. Cobriu seu corpo com a mais grossa das mantas que achou e ficou, por alguns segundos, contemplando aquela cena. No som, a letra da música dizia:

"Por você eu vou, seja onde for. Por você eu vou, subo ao Equador. Gosto de te ver assim, em paz. O teu sorriso me deixou mais feliz. Eu vejo um mundo melhor...".

Desligou o som e apagou as luzes. Fechou a porta e trancou, levando a chave.

10

No dia seguinte chegou atrasado ao curso. Estranhou, pois a sala estava vazia. Foi até a secretaria para saber das razões de não haver aula. A resposta foi que a professora não havia comparecido por motivo de força maior. Pensou que talvez ela tivesse tido algum problema, um coma alcoólico, uma cirrose hepática, ou qualquer coisa como resultado da cachaçada. Quem sabe fosse até sua casa pra ver se estava tudo bem. Decidiu que não tinha nada a perder, afinal de contas a tinha resgatado do naufrágio na noite anterior. O mínimo que poderia ouvir era um "Obrigado, meu amor!". Tomou coragem e foi.

Bateu na porta. De dentro ela gritou:

- Quem é?

- Desculpa, eu vim até aqui pra ver se você tinha passado bem a noite. Não foi à aula. Disseram que você teve um problema.

- Ah, é você. Bem que eu tentei ir até lá, mas perdi a chave da minha casa e não tenho cópia. Telefonei pro chaveiro e ele disse que já vem.

Tocou-se da burrada. Tinha trancado a porta com ela dentro. Como poderia ser tão imbecil assim? A chave estava no seu bolso, mas pelo bem de sua integridade física e moral não contou que havia estado na noite anterior em sua casa.

- Você quer que eu tente abrir?

- Tenta aí.

- Então espera que já volto.

Voltou em um minuto com um pedaço de pau e um de arame. Já tinha visto esta cena no seriado do MacGyver, aquele que fazia bomba atômica com um chiclete e um pedaço de corda enquanto se ouvia ao fundo "*Tom Sawyer*", do Rush. Não custava nada tentar, porque se de repente numa cagada histórica ele conseguisse, abriria crédito com ela futuramente. Enfiou daqui, torceu dali, rodou pra direita, pra esquerda, no sentido horário, anti-horário, sem sentido algum, jogou o pau na porta, chutou e forçou o trinco. Já estava quase pra desistir quando, milagrosa e inacreditavelmente, a porta se abriu.

- Tchan tchaaaaannnn! - ele gritou, animado.

Ela sorriu, agradecida. E estranhamente sentiu, pela primeira vez, uma coisa diferente, boa, um conforto por ele estar ali. Não se lembrava de nada da noite anterior, de modo que não fazia ideia de que ele tinha ido lá. Talvez a imagem dele cuidando dela tenha ficado gravada em seu subconsciente, e isso naturalmente trouxesse um sentimento bom. Ligou para dispensar o chaveiro e o convidou para entrar.

- Olha, eu sei que tenho sido meio grossa contigo. Mas é que tô passando por problemas pessoais e você fica perguntando o que é, querendo saber de tudo... Ai, me desculpa vai, não devia falar assim. Afinal de contas, se não fosse você eu ainda estaria trancada em casa. Só não me lembro onde coloquei as chaves.

Ele, discretamente, jogou a chave sobre o tapete e, simulando um susto, gritou:

- Oh! Achei sua chave! Acabei de pisar nela.

- Ai, ai, estava na minha frente. Nossa, bebi demais ontem...

- Eu é que sei...

- Hein?

- Er... Aham... Cof... Cof! Legal sua casa - e pegou um livro sobre a mesinha da sala.

- As Brumas de Avalon. Conhece?

Conhecia, mas odiou. Não conseguiu terminar nem o primeiro volume.

- Nunca li, mas já ouvi dizer que é um livro excelente.

- Você não tem noção de como é bom... Um dos melhores livros que já li.

- Qualquer dia me empresta?

- Claro. Você gosta de ler?

Lia muito. Estava lendo o livro sobre a conquista de mulheres impossíveis, mas por nada neste mundo diria que estava lendo tal título. Ela poderia achá-lo estranho, no mínimo.

- Não tenho o hábito. Não tenho muita paciência com livros.

Não queria parecer muito intelectualizado. Mulheres não gostam muito de homens muito inteligentes, conhecedores de todos os assuntos, pois assim se sentem inferiores. Elas gostam da chance de explicar as coisas, ensinar algo, soltar frases sábias. Pelo menos era o que ensinava o livro "Como Conquistar...", no capítulo "Livros – Leia você mesmo". E ele realmente seguia à risca os ensinamentos do autor.

- Pois deveria ler. É muito bom pra cabeça e te tira da realidade dura e cruel do dia a dia.

- É mesmo? Taí, vou seguir seus conselhos - fez cara de interessado.

Ela o convidou para tomar alguma coisa, um guaraná *diet,* sugestão que foi prontamente aceita. Na verdade ele odiava tal bebida, mas era preciso demonstrar alguns pontos em comum pra fazê-la acreditar que estaria diante de sua alma gêmea.

Ela perguntou algumas coisas básicas, como seu nome, de onde era, etc. Como assim, não sabia nem seu nome? Que absurdo! Era sua professora. E logo ele, que sabia quase tudo a respeito dela!

Apresentaram-se formalmente pela primeira vez.

- Desculpa aquele outro dia lá no metrô, quando eu te derrubei.

- Ah, então era de lá que eu te conhecia. Eu sabia, eu sabia que já te conhecia! - e deu um sorriso.

- AIIIIIII! - gritou ele.

- Sai Paul Macartney! Desgruda da perna dele! Sai, xô daqui! - gritou ela.

Ter um basset vira-lata transando com sua perna na frente da mulher da sua vida no primeiro encontro é realmente constrangedor. Tentou disfarçar, dizer que o cão era bonitinho.

- Coisa linda!

Queria matar aquele pulguento comedor de pernas alheias, que não servia nem pra sabão vagabundo. Mas teve que achá-lo lindo para não desagradá-la.

- Só tenho ele na minha vida, né, neném? - desmanchou-se ela, pegando o Paul Macartney no colo e dando um abraço no linguiça.

- Quem? O comedor de pernas?

- Hein?

- Aham, digo, essa gracinha aí?

- É, só ele me entende.

- Entende o quê?

- Ah, são segredos só nosso, né, Paul?

- Sei... - e riu, já querendo naquele momento ser um pit bull, para torturar o quadrúpede e saber o que era tudo aquilo que ele entendia sobre ela.

Até que ele não era assim tão esquisito, achou ela. Meio atrapalhado, é verdade. Achara engraçado vê-lo derrubar o guaraná no chão, se embaralhar por estar ali com uma pessoa desconhecida e desconfortável por ser quase possuído sexualmente pelo Paul Macartney. Mas ele era gentil, meio inocente. Gostou disso. Lancharam, conversaram e quando ele ia embora ela despediu-se com a inesquecível frase:

- Obrigada por ter vindo. A gente se vê na próxima aula.

E ele foi pra casa sentindo-se um pouco mais feliz.

11

Ela, com suas vestes brancas de sacerdotisa. Ele, de túnica azul. Estavam numa ilha. A névoa seca e densa cobria a paisagem, e o céu escuro era entrecortado por nuvens carregadas, em tom cinza que metia medo. Corriam ao pé de um monte, sobre a grama. Ela na frente e ele atrás. Tentava alcançá-la. Ela corria bem mais rápido. Era sua meio-irmã. Mas ele a desejava. Correu tanto que a alcançou. Caíram os dois no chão. Uma forte chuva começou a cair e a molhar seus corpos. A veste branca encharcou-se e seu belo corpo revelou-se, perfeito. Começaram a se beijar. Deitou-se sobre ela. Um longo e demorado beijo, interrompido pelo estampido de um trovão. Virouse de susto. Ao voltar seus olhos, lá estava ela, com uma espada na mão e uma cara ensandecidamente estranha. Um grito, fincou a espada no seu peito. Agora uma gargalhada ensurdecedora. E ele caiu no chão, agonizando, tentando, em vão, retirar o metal de seu coração...

Acordou, desesperado, suando, trêmulo, no meio da noite.

Deu graças a Deus por não estar em Avalon, e sim sonhando em sua cama macia. Era muito sensitivo. Aquilo devia ser algum sinal. Estaria ele sendo avisado de alguma perversidade escondida sob seus belos cachos? Bom, de qualquer forma ficaria ligado, pois não tinha a menor intenção de ter seu coração apunhalado. E, de mais a mais, ela parecia estar tão inofensiva e carente que o máximo que poderia apunhalar de raiva seria um pedaço de fígado de boi mais nervoso.

Não conseguiu mais dormir aquela noite.

Cada cena de seu primeiro encontro repetia-se infinitamente, como se fosse um filme que volta ao início sempre que acaba. Os olhos, a boca, o sorriso, os dentes perfeitos, o corpo, a cena dele chegando e a encontrando caída no sofá, bêbada, ou quando estava deitada na cama, como um anjo. Ter insônia pensando nela seria sempre um prazer. E torcia para poder sonhar com aquelas cenas todas as noites.

Acabou caindo no sono.

12

- Levaaanta, féla da puta! Tomou um susto. Quase caiu da cama. Foi acordado pelo grito de Horácio, seu papagaio e único companheiro nos intermináveis dias de solidão. Já estava velho, coitado, mas ainda tinha disposição para, religiosamente às seis horas da manhã, disparar a única frase que aprendera ao longo dos dez anos de convivência. E só. Não falava mais nada o resto do dia. Ficava só no trapézio, pra lá e pra cá, entediado, comendo pedaços de alface e destroçando um sabugo velho.

Após cinco anos que havia comprado Horácio, ele descobriu que o papagaio era fêmea, quando da ida ao veterinário por causa de um surto de loucura do bicho, que começou a cacarejar e a ciscar tal qual uma galinha, após tomar um copo de cachaça que ele esquecera em cima da mesa. Mas ele preferiu continuar chamando de Horácio mesmo, para não confundir e traumatizá-lo. Mal sabia que Horácio (ou Horácia) jamais se dispusera a falar qualquer coisa que não a bela frase que proferia todas as manhãs, justamente sob protestos de ser injustamente uma fêmea com nome de macho.

Levantou depressa, pois, afinal de contas, era dia de encontrála no curso. Ela tinha dito: "A gente se vê na próxima aula". Seria o primeiro encontro marcado com sua amada. Colocou uma bela camisa de seda mexicana, que tinha listras verticais em tons pastéis, com algumas pedrinhas brilhantes de diversas cores ao longo de cada listra. E tal qual um carro alegórico na avenida foi ao tão sonhado encontro.

Ela ainda estava com o estilo de roupa dos dias anteriores, uma calça de ginástica e um blusão por cima. Mas parecia melhor. O cabelo solto, parecendo mais brilhante que o habitual, escorria por seu rosto. Tinha passado uma maquiagem leve no rosto, que realçava seus traços finos, sua boca, seus olhos. Irradiava uma luz suave. O grande problema daquela cena é que todas as vezes que acontecia ele ficava mais abobado, com a boca semiaberta e os olhos semicerrados. Perdia a noção do ridículo, não sabia onde colocar a mão, se deveria rir, o que falar, como agir.

- Olá! - disse ela.

- Hein?

- Olá! - e sorriu.

Se pudesse parar o tempo ali e eternizá-lo, ele faria isso. Como era boa a sensação de não precisar babar por alguém e não sentir indiferença deste alguém.

- Gasp! - até engasgou, de emoção. E continuou: - Olá! - notou que ela estava com vontade de rir. E perguntou:

- Que foi?

- Essa sua camisa. Estamos em junho. O carnaval acabou há quatro meses - e mandou uma gargalhada.

- Só me sobrou esta limpa. Minha máquina de lavar quebrou. Eu também acho horrorosa essa roupa. Não tem nada a ver com as últimas tendências da moda, nem aqui e nem na Europa - cogitou pegar Sullivan na porrada mais tarde.

- E então, vamos combinar neste final de semana a primeira aula particular? - perguntou ela.

- Ih, vou ter que dar uma olhada na minha agenda. Eu tinha combinado de levar meu

sobrinho ao cinema. Sabe como é, né? Obrigações de tio.

Não acreditou que havia dito aquilo. Que sobrinho? Era filho único. A criança mais próxima que tinha em sua convivência era o filho de um vizinho, que todo dia ia ao seu apartamento pentelhar o Horácio. Tinha vontade de enfiar o Horácio goela abaixo do moleque, mas o pai dele era policial federal, de modo que tinha que tratá-lo bem. Precisava dar uma de inacessível, sempre recorrendo ao "Como Conquistar...", desta vez no capítulo "Difícil - Dificulte você mesmo". E além do quê, se mostrasse que era bom com crianças, talvez ela o achasse um grande cara.

- Não sou muito chegada a crianças - disse ela.

- Nem eu. Aliás, eu acho o meu sobrinho um pentelho. Taí, pensado bem, não vou sair com ele. E ele quer assistir ao "Freiras do Full Contact 7 - o retorno". Eu assisti ao "Freiras 6 - O julgamento final" e não foi bom, muito violento - era bom para inventar nomes escrotos para filmes - Vamos combinar que horas então?

- Sábado, às quatro da tarde? Na minha casa?

- Combinado.

E foi embora, sentindo-se um homem incomparavelmente feliz.

13

Sábado, dez pras seis da manhã. - Levaaaanta, féla da puta! - e soltou uma gargalhada. Desta vez era ele quem acordava o Horácio com um grito no ouvido do animal, fato que quase provocou um acidente de proporções irreparáveis, depois de o bicho cair do poleiro e estrebuchar, recuperando-se em seguida. Estava tão ansioso que levantara dez minutos antes do papagaio.

Já que a ocasião pedia, decidiu realmente mudar de atitude. Malharia e tentaria esvaziar a pochete alojada na sua cintura. Afinal de contas, ela, com aquele corpo descomunal, acharia péssima a indecente e proeminente barriga que ele carregava. Iria, ainda que estivesse plenamente convencido de que o pneu trazia benefícios incontestáveis, como promover maior estabilidade nas curvas; garantir aderência na hora do pega pra capar; produzir maior empuxo dentro da água, diminuindo a chance de afundamento; e, principalmente, servir de apoio para descansar a parte superior do corpo, quando em pé em longas e intermináveis filas de banco.

Havia solicitado, via correio, um método de recondicionamento físico anunciado como milagroso por um destes atores hollywoodianos tipo B, num programa de duas horas sobre o tema abdominal e no qual a claque aplaudia cada exercício feito pelo ator. Haveria de dar certo. Era o "PROJETO **PRAIA** – **P**rograma de Recuperação **A**bdominal Intensivo e Aplicado". Este programa era um sucesso entre atletas de fim de ano, destes que começam a malhar dois meses antes de irem à praia, achando que vão conquistar as beldades que aparecem em propagandas de cerveja trajando biquininhos sumários. Não comem ninguém até o final das férias e ainda voltam seis quilos mais gordos, devido à ociosidade e à quantidade de cerveja alocada na pança.

Consistia em um plano de atuação gradativa. No primeiro dia apenas uma flexão abdominal, com acréscimos sucessivos de uma flexão a cada dia, perfazendo, ao fim de dois meses, sessenta abdominais diárias. Análoga e concomitantemente, cinquenta metros de corrida no primeiro dia e, ao final de dois meses, arrebentar com três quilômetros diários. Simples, infalível e totalmente indolor.

Tomou uma vitamina que costumava fazer para estas ocasiões e que havia batizado pelo sugestivo nome de "Nitro Pura", composta de banana, mamão, maçã, açaí, aveia, guaraná, amendoim, leite de cabra, ovo de codorna, beterraba, catuaba selvagem e energético. Ingeriu alguns comprimidos de aminoácido. Estava empolgado.

Fez sua única flexão. Com dificuldades, é verdade, mas se lembrava de um ditado inglês como estímulo para que se esforçasse: "*No pain, no gain*". Ou na quase tradução simultânea: "Não apanha, não ganha". Bom, era mais ou menos esta a tradução. Colocou o moletom do *Hard Rock Café - New York,* que tinha comprado na feira por dez paus, meteu um fone na orelha com a música do Rocky III e saiu, tal qual o Silvester Stallone, dando *jabs* e diretos no ar enquanto começava seus cinquenta metros diários. Era melhor dar uma cadenciada, a fim de não forçar demais. Mas lá pelos trinta metros começou a sentir fortes dores no peito. Resolveu que era boa hora de parar. Por aquele dia estava bom. Uma abdominal e trinta metros de corrida? Ralação!

E voltou pra casa, passando mal e quase desmaiando com as vertigens e as enormes dores no peito. Era cada estocada tão profunda no coração, como um bisturi entrando com precisão

cirúrgica entre os nervos, que dava pulos de meio metro de altura na cama.

Cambaleante, foi ao telefone e chamou a UTI vida.

- Vaaaaai, féla da puta! - gritou Horácio.

Pela primeira vez o penoso soltava uma frase diferente. Era uma satisfação tremenda ver seu dono agonizar, a cena que desejara ao longo de dez anos de repressão moral e sexual. E dava cambalhotas no trapézio.

Em dez minutos a ambulância chegou e o levou ao prontosocorro. Diagnóstico preciso: gases.

- Gases, doutor?

- É, gases. Receita: dois dias em casa comendo salgadinho pra peidar e tomando refrigerante pra arrotar. É tiro e queda.

- Mas...

- Nem mais nem menos. Com saúde não se brinca.

Pronto, estava completa a cagada. Ela passaria sozinha o final de semana e ele trancado no apartamento, infestando o ambiente com seus peidos.

Como falaria pra ela que não iria à aula particular por problemas de gases? Que situação mais... Mais... Aaaahhhh, que ódio daquilo! Teria que avisá-la...

- Alô!

- Oi, ai, ui... Tudo... Bem?

- Oiii! E aí, você tá vindo?

- É, bem... Sabe o que é? É que na verdade não vai dar pra ir. Meu papagaio entrou em depressão. E tenho que ficar aqui, porque ele tem tendências suicidas, pode pegar a faca na cozinha e apunhalar seu próprio peito.

- Tranca ele no banheiro.

- Ele já tentou duas vezes se afogar na privada. E tomou um litro de desinfetante pra acabar com a própria vida. AIIIII! – eram os gases apertando o peito.

- Que foi?

- Gases, quer dizer, nada não. Chutei o pé da mesa.

- Peeeeeida, féla da puta!

- Quem xingou? - perguntou ela.

- Xingou? Quem xingou? Ninguém xingou!- ia fazer frango à passarinho com aquela ave verde, ah, mas ia! Inventou de falar agora?

- Bom, se você prefere assim, a gente se vê na segunda-feira lá na aula.

- Tá. Aiiiiii!

- Peeeida! Peeeida! Peeeida! Peeeida! - era o Horácio.

- Você tá bem?

- Super. Aiiiiiii!

- Então tá, tchau!

- Tchau! Até segunda. Aiiiii!

Quis morrer. Mudaria para o sopé do Himalaia. Trocaria seu nome para *Lama Rashlalambud*. Subiria no alto do Everest sem máscara de oxigênio e se jogaria de lá no abismo profundo. Era a melhor solução depois da conversa que iria entrar para os anais das piores situações da humanidade como campeã mundial de imbecilidade assistida. Ficaria famoso.

Onde já se viu isso? A amada em casa, lhe esperando só de calcinha para que passasse óleo de amêndoas nas suas costas e fizesse uma sensual massagem tailandesa, e ele com recomendação médica de expelir seus gases intestinais por qualquer via, tendo que ouvir seu próprio papagaio lhe sacanear? Bem, vá lá. Tá certo que ela jamais estaria só de calcinha lhe esperando para que passasse óleo de amêndoas nas suas costas e fizesse uma sensual massagem tailandesa, mas cogitar a hipótese servia para dar maior dramaticidade à situação.

Abortou a ideia do Himalaia. E *Lama Rashlalambud* era um nome muito escroto. Ficaria em casa mesmo, se entupindo de salgadinho e coca-cola pra ver se eliminava logo aquela fumaça negra que tinha tomado conta de seu corpo indefeso.

Pediu, pelo telefone, um filme à locadora.

14

- Snif, snif...
Duas da manhã.

Deitado no sofá da sala. O filme se arrastava, denso e profundo. Sobre um chinês que era abandonado pela esposa, que fugia com o padeiro. O chinês sofria por isto, já que imaginava o padeiro com o dedo na rosca, a mão na massa, molhando o biscoito, os dois preparando sonhos. Era realmente de chorar o filme. Aconchegou-se nos braços do Horácio, que também assistia sem conter as lágrimas, se é que papagaio chora.

No final, a chinesa trocava o padeiro pelo encanador, que sabia colocar o cano no lugar certo e era mestre na arte de encaixar o parafuso na porca. Muito comovente e belo o filme. Estava realmente sensível e frágil. Enxugou as lágrimas e ficou pensando onde ela estaria naquele instante. Daria tudo para tê-la ali ao seu lado, compartilhando um verdadeiro clássico do cinema oriental.

Naquele momento, Horácio já dormia no sofá. Cobriu o bicho com um guardanapo, apagou a luz e saiu silenciosamente para o quarto. Pegou o violão, velho parceiro que estava esquecido no canto da sala, empoeirado pelo tempo e descascado pelo descuido do dono. Começou a cantarolar uma melodia qualquer, arriscando alguns acordes no instrumento ainda meio desafinado. Nunca teve ouvido musical, e não saberia afiná-lo direito, por mais que tentasse. Mas saía algo. Pensou em compor alguma coisa pra ela. De repente ela acharia legal. Nunca havia composto qualquer trecho de refrão, de modo que se tornara um belo desafio executar a tarefa. Mas estava apaixonado, e tinha lido que a melhor forma de escrever lamentos de amor é estar com o sofrimento encostado no peito e a amada longe dos olhos.

E foi então que, tal qual um sopro celestial, como se o próprio divino sussurrasse as palavras em seu ouvido, a melodia começou a aparecer. Nota após nota, a música saía como uma construção perfeita que vai desde sua fundação sendo erguida com o melhor concreto, tijolo, madeira, sem perigo algum de rachar. A letra surgiu como o material do acabamento da obra. Todo em ouro e prata, a melhor vidraçaria e a porcelana mais cara. Um lugar bonito, claro, sem mais ninguém além dos dois.

Ao final, debulhava-se em lágrimas, tão comovido ficou com aquela melodia maviosa, que trazia uma letra sobre um amor encontrado, impossível e que se revelava aos poucos. Palavras belas sobre a dor e o sofrimento de estar longe da amada, mas com o sentimento escorado na esperança de tê-la nos braços algum dia.

Pairava um ar de satisfação e superioridade. Sentiu pena do Chico Buarque de Holanda, coitado. Quem era Tom Jobim mesmo? Ah, sim, aquele menino que fez aquelas musiquinhas legais. Até imaginou o best-seller que seria o *songbook* feito em sua homenagem e a fila de lindas modelos internacionais debatendo-se freneticamente para adquirirem um autógrafo seu e tirarem uma foto a seu lado. Tocou a mesma música sessenta e sete vezes, até as seis da manha, quando o despertador verde soltou seu impropério habitual, xingando sua amada mãe (que Deus a tivesse!).

Pegou um papel e escreveu a letra. Queria mostrar para ela, mas o que será que acharia? Até então ele era apenas mais um colega que havia se aproximado inocentemente, sob o pretexto de resolver os problemas de classe. E só. Ela poderia achar estranho, já que ele não

deveria ter o direito de apaixonar-se por alguém que mal conhecia e, pior, traduzir em canção essa paixão.

Mas ele era assim. Mesmo esquisito, era autêntico. Melhor arrepender-se de algo que fizesse do que de algo que não fizesse. Utilizaria este lugar-comum como alicerce para sustentar o fato de ter composto para ela e para, quem sabe, algum dia presenteá-la com aquelas palavras.

E, assim, passou o domingo, na incerteza de saber a reação que ela teria, mas ao mesmo tempo sentindo-se orgulhoso de ter produzido peça tão memorável. O máximo que poderia acontecer seria ser ignorado e incompreendido. Mas isso era inerente às grandes personalidades da história. Os gênios invariavelmente eram incompreendidos em vida, como Van Gogh. O tempo lhes dava razão. E se fosse vontade do destino que apenas o tempo reconhecesse nele um gênio da humanidade, que assim fosse. Deixaria então para a posteridade.

15

Ela ficou o domingo em casa mesmo, pra dar um jeito na vida, apagar da memória cada resquício de uma relação tão boa até então, mas que havia acabado de forma tão dura. Procurou todas as fotos em que aparecia ao lado de Stevens. Fitou, por alguns segundos, duas ou três fotos do reveillon em que ficaram noivos. Subiu no armário, retirou a caixa que continha cada uma das inúmeras cartas de amor que recebera ao longo dos anos. Juntou com o diário que revelava detalhes de cada um dos dias dos primeiros meses de namoro, hábito próprio de adolescentes, mas que cultivava sem problemas. O diário trazia a data do primeiro beijo, da primeira rosa, do primeiro cinema, contava como havia sido inesquecível a noite da primeira transa, regada a vinho tinto quente e dentro de um carro com um Deep Purple no volume máximo. Informações que não compartilhava com ninguém, pois tinha resguardo quanto aos detalhes de seus relacionamentos. Todos os momentos vividos com ele eram só dela e de seu diário.

Pois juntou tudo com uns galhos e folhas secas no quintal, esvaziou meio litro de álcool em cima, riscou um fósforo e, caindo junto com uma lágrima que saía de seus olhos, lá se foi o fogo em direção ao monte. Em poucos segundos tudo estaria acabado, e ela não queria nenhuma sobra do sofrimento que ele a fizera sentir. A fumaça subindo e as lágrimas despencando. Lágrimas que seriam, segundo suas próprias palavras, as últimas que correriam por Stevens. Passou o resto do dia bem, tomando sol, cuidando da pele e tentando se convencer de que uma nova vida começava.

E assim seria...

16

Ele assistiu à aula seguinte mais confiante do que nunca. Tinha em suas mãos um trunfo capaz de amolecer o coração mais petrificado e arredio a encarar um relacionamento. A música que tinha composto, acreditava ele, seria o tiro de misericórdia, o chute certeiro quando quisesse definitivamente partir com os onze jogadores do time para o ataque, na conquista do golden gol. Na passarela do seu coração, só quem sambaria era ela. Seria a porta-estandarte da escola. Na escalação de sua seleção, era ela e mais dez. Era cada comentário! Frases que ilustravam o belo amor que ineditamente experimentava.

Tudo o que ela dizia parecia ser brilhante. Até os mais complexos achados de economia pareciam música em seus ouvidos. E tamanha era a vontade de aprender que já até dava alguns palpites acertados durante a aula. Neste dia ela parecia ter se transformado. Não era nem de longe a dos últimos dias. Estava bem melhor, como das primeiras vezes em que a viu no metrô, linda. Usava um vestidinho branco, mínimo, com as costas queimadas e uma marquinha à mostra. "Um chuchu", ele pensou. Estava realmente bobo naquele dia. Riu sozinho quando imaginou chamando de chuchu aquela deusa. Só não conseguia se conformar com a cara de tonto do colega de sala, babando pelo corpaço dela. O sujeito fazia pose de galã de novela mexicana, dando piscadinhas inocentes e sorrindo para todo e qualquer comentário que ela soltava. Um absurdo completo a cena grotesca protagonizada pelo sem-noção!

- Oi! - dirigiu-se a ela, aproveitando o final da aula.

- Oi, tudo bem? Como tá seu papagaio?

- Papagaio? Hum... Ah, sim! Melhorou. Tá de cama. Sabe como é, né? Depressão é fogo. Deixei uns exemplares da revista "Aves César" lá pra ele dar uma folheada. Quem sabe ele se anima. Escondi a cópia do último capítulo de "Pássaros Feridos", pra ele não resolver assistir. Pode ser meio depressivo.

Ela riu.

- Você trata seu papagaio que nem gente.

- Só ele me entende - e riu, achando o máximo ter citado o mesmo comentário dela dias atrás a respeito do basset. Estava indo bem. Já tinham algo em comum.

- Quer almoçar? - perguntou ela.

- Er... Aham... Cof... Cof... - sempre tinha que fazer esses barulhos? - Porque não? Onde? - já sem acreditar que ela o convidava. Era a primeira vez que era convidado para almoçar por um mulheraço daquele.

- Tem um restaurante japonês ótimo aqui ao lado. Sushi, sashimi, misoshiru, sunomono. Adoro!

Misoshiru e sunomono ele nem arriscaria descobrir do que se tratavam. E a coisa que mais odiava no mundo eram os tais de sushi e sashimi. Tinha pesadelos com peixe cru nadando no seu estômago. E achava que tinha gosto de rio poluído. Por nada na vida comeria aqueles pedaços molengas e fedidos. Só de imaginar passava mal. Inventaria alguma desculpa rápida para se livrar de tamanho sofrimento, e não ia nem que a vaca tossisse. Nunca! Jamais! Em tempo algum!

- Nossa, como você adivinhou que eu também adoro? Vamos?

- Que bom! Vamos. Deixa eu só pegar minhas coisas.

Ele, gentilmente, carregou as coisas dela. Segurou-se para não dar uma olhadinha nos escritos do caderno, que poderiam conter a revelação de algum segredo daquela deusa terrena, daquela potranca maravilhosa, daquele anjo caído, daquela nona maravilha do mundo antigo. Ficava brega de vez em quando, mas eram os adjetivos mais adequados.

Caminharam até o restaurante. Foram recebidos pelo maitre vestido à caráter. De quimono preto, na cabeça uma faixa branca com uma bola vermelha no centro, espada na cintura. Baixinho, cabeça grande e chata, moreno. Dali, da região do semiárido japonês. Curiosamente, tinha olhos levemente repuxados. Deve ter sido este pequeno detalhe que garantiu o emprego.

- Boa talde, né? Sevelino San, às suas óldens - e esforçava-se ao máximo para parecer um oriental, curvando-se, com as mãos juntas à frente, naquela saudação típica dos nipônicos. Não enganava nem a mãe.

Porra, um cidadão metido a japa, chamado Severino e ainda trocando o "erre" pelo "ele" pra parecer o tintureiro da esquina era dureza. Mas tinha que entrar no clima. Fez a saudação, abaixando e levantando a coluna.

- Banzai! – gentilmente agradeceu.

Silêncio total. Entreolharam-se.

Será que era mesmo banzai? Não era arigatô ou sayonará? pensou. Agora já era. Tinha que parecer conhecedor da cultura.

- Onde sentamos? – perguntou, pra tirar o foco.

- Polaquí - indicou o maitre.

- Sayonará! - agora deveria ter acertado.

- O que vão pedir, senholes?

- Traz um combinado de sushi e sashimi. Quarenta e oito peças. - disse ela, como que já sabendo do consenso quanto ao prato.

Quarenta e oito? Vou ter que comer vinte e quatro? Traz dois litros de refrigerante pra ajudar a descer - pensou ele. E disse:

- Por mim tá ótimo.

- Vão bebeloquê, senholes?

Dois litros de refrigerante pra ajudar a descer - pensou ele.

- Que tal um saquê com kiwi? - sugeriu ela.

Valha-me minha Nossa Senhora! Ai, mais essa agora? Será possível? Prefiro dois litros de qualquer tubaína pra ajudar a descer pensou ele.

- Perfeito!

Odiava saquê. Ainda mais misturado com kiwi. Mas, como diria um questionamento clássico da poesia parnasiana: "O que é um peido pra quem já está cagado?". Tinha quase certeza de que o shushi e o sashimi eram parte de um plano diabólico dos japoneses para conquistar o mundo. Isso porque, segundo uma teoria difundida nos submundos da culinária, todo mundo odeia a coisa, mas se insistir e provar seis vezes, fica viciado. No caso, ele estava em sua segunda prova, e, portanto, ainda fora do alcance do vício. E não cogitava nem de longe comer seis vezes aquela coisa horrorosa só pra confirmar a teoria. Mas ficou ali, esperando a tortura como se prestes a ser degolado por um carrasco numa execução sumária em praça pública. O Severino chegando com um capuz preto e a sequência inteira a ser enfiada goela abaixo, numa cena de dar pânico no Spectroman e no Bruce Lee juntos. Mas a

presença dela na sua frente, ansiosa por saborear sua comida favorita, o deixava completamente fora de si.

Imaginou os dois num pagode lá no Japão (tinha lido que, no Japão, pagode não era samba, até porque a frase "tem japonês no samba" indicava, claramente, que japonês não tinha ritmo), com ela vestida de gueixa, cabelos negros presos num coque com dois palitos de madeira, ele de quimono de judô, faixa preta terceiro dan. Deitado no tatame e ela pisando em suas costas, numa massagem oriental inesquecível.

- Ei, que cara é essa? - ela perguntou, já achando meio esquisita a cara de tapado e a boca torta que fazia ao imaginar a cena.

- Hein? Hum... Nada não - acordou de supetão. E emendou, aproveitando a deixa, pra mudar o foco: - Sabe que te vi outro dia no metrô? Até pensei em falar contigo, mas tava muito cheio o carro.

- É? Que bom! Pelo menos não fui derrubada - e deu uma gargalhada, desculpando-se em seguida - tô brincando contigo.

- Sei, mas vou me comportar da próxima vez - e sorriu, sem graça - O que você faz, além de dar aulas?

- Escrevo pra um jornal, dou aulas na faculdade e no curso, malho, gosto de ler, de cinema. E você, o que faz?

Sua vida era tão desinteressante que, se optasse pela sinceridade, com certeza quase absoluta jamais teria novamente a oportunidade de estar com ela em algum momento de intimidade maior que um "Oi!".

- Ah, faço tantas coisas que se for te contar aqui você não fala nos próximos vinte minutos. Vai me achar um chato.

- Hã-Hã! - fez esse som e se mostrou interessada.

- Ah, não vou contar! - fazendo doce para ver se ela desistia.

- Fala, criatura de deus! - e arregalou os olhos, como que pedindo sinceramente que ele continuasse.

Pronto, teria que inventar alguma coisa. E lá se foi o velho som de novo:

- Er... Aham... Cof... Cof... Bem, eu trabalho com desenvolvimento de sistemas, jogo tênis, gosto de cinema, restaurantes, comida japonesa é a minha favorita. Ajudo em uma instituição de caridade nos finais de semana, gosto de viajar e vou sempre a festas, pois tenho muitos amigos que sempre me convidam para eventos. Isto pra dar uma resumida.

Era melhor parar por ali. Tinha que tomar cuidado para não inventar demais, acabar se enrolando e no futuro esquecer o que tinha dito. Ali não era como as salas de bate-papo da internet, onde todas as mulheres achavam que ele era lindo como o Tom Cruise e inteligente como o Jô Soares.

- Que legal! Adoro jogar tênis. De repente qualquer dia te chamo pra um joguinho - disse ela, em tom desafiador.

Pronto, já teria que contabilizar boas economias para pagar aulas de tênis. O que conhecia do esporte limitava-se a duas partidas que havia assistido da gostosa da Anna Kournikova, e tinha reparado mais nas pernas que nas raquetadas da mesma. Pelo menos já tinha uma raquete, presente de sua mãe, que queria incentivá-lo no esporte. Mas a utilizava apenas como guitarra, quando ficava pelado e animado em frente ao espelho.

Tá bom, combinamos então daqui a dois anos pra dar tempo de eu aprender a segurar a

raquete e devolver pelo menos uma bola pensou ele.

- Tá jóia, a gente combina qualquer dia.

E lá veio o japa com a comida. Fez o sinal da cruz mentalmente. Tinha este hábito quando batia o desespero. Era como uma caravela, cheia de pedaços de salmão, atum, algas, polvos, lulas e uma erva que quase o matou, de tão forte. Quase dava pra ouvir a súplica dos bichinhos para não serem comidos, de tão crus que estavam. Os poucos pedaços desceram vagarosamente, com ele sentindo como se o rabo de cada bicho fizesse cócegas na sua garganta. Ficou tão enjoado com a comida e com o saquê que não se conteve:

- Sevelino, dois litros de coca-cola, rápido!

E ficaram ali, contando cada um suas experiências na área da economia. Ela, os cursos, palestras, seminários, encontros, debates em alto nível com catedráticos de instituições respeitáveis como o Banco Central. Já ele teve que inventar alguma coisa rápida sobre o curso em Cochabamba, algo como a influência do cultivo da folha da coca na balança comercial do país. Falou também sobre as economias que guardava no porquinho, soltou uma ou outra citação que tinha decorado ao ler o livro de economia que tinha comprado.

Sentia-se bem mais à vontade ao lado dela. E cada vez mais encantado, pois notava que ela também gostava de sua companhia. Fez questão de pagar. Uma facada, mas um investimento com retorno a longo prazo. Muito melhor que aplicar em CDB, RDB, commodities, ações, etc. Já estava familiarizado com estes termos, tão fora da sua realidade há poucos dias.

Despediram-se com dois beijinhos.

DOIS.

Trocaria os dois por um na boca, mas quase morreu de emoção.

17

Ele chegou em casa à noite. Abriu a porta rapidamente e entrou rodopiando na sala, dançando meio desengonçadamente, mas se achando o Gene Kelly em "Dançando na Chuva". Ou era "Cantando na Chuva"? Pouco importava. Podia ser até "Dormindo na Chuva" que dançaria do mesmo jeito. Foi, em silêncio, até perto do Horácio, que dormia encolhido com a cabeça por entre as asas. Deu um grito na orelha do bicho, se é que papagaio tem orelha:

- EU ALMOCEI COM E - LA - LÁ - LÁ!

Horácio deu duas cambalhotas e caiu no chão, batendo as asas freneticamente, acreditando estar no meio de um pesadelo. Quando se deu conta do que acontecia, viu que era realmente um pesadelo, pois ele cantava a música que inventara no caminho para casa, repetindo a única e ridícula frase centenas de vezes. Ora com voz de barítono, ora de tenor, ora desafinando e fazendo um contralto desesperado, ora imitando Pavarotti, Domingo e Carreras no encontro dos três tenores, ou fazendo como Fred Mercury, pegando a vassoura como um pedestal de microfone, levantando os braços e gritando:

- Eu almocei com e - la - lá - lááááááá!

Foi tomar banho, ainda cantarolando. Costumava tomar banhos de uma hora, no mínimo. Tinha até uma banqueta de plástico dentro do box, pois adorava curtir sentadão a água quente. Havia certa vez dormido por duas horas sentado ali e saído parecendo sessenta anos mais velho, tamanha quantidade de rugas pelo corpo.

Pegava o xampu e fingia que era o microfone. Entupia o cabelo de creme e com a espuma abundante nos cabelos virava um dos Jacksons Five, rebolando. Não chegou a fazer a dança da bundinha porque aí já era demais. Era um apaixonado por música, e não se rebaixaria tanto. Adorava ver as meninas botando a mão no joelho, dando uma abaixadinha, indo mexendo gostoso e balançando a bundinha. Mas ele fazer isso? De jeito nenhum! Limitou-se a imitar o Frank Sinatra com um condicionador que tinha a tampa amarela, tal qual o microfone de ouro do "*old blue eyes*" lá no show do Maracanã. E continuava, na melodia de "*New York, New York*":

- Eu almocei com e - la - lá - lá!

Até o ponto em que enjoou da música. E continuou seu banho de uma hora, silenciosamente pensando em sua amada.

Saiu, enxugou-se, passou o melhor perfume, fez a barba, colocou a cueca mais bonita, penteou até a sobrancelha, cortou as unhas, lixou o pé, deu uma cotonetada na orelha, um trato nos cabelos do nariz, passou um creme de corpo, conferiu no espelho se era bem dotado. Gostou do que viu. Enquanto isso, colocou o CD de sua cantora preferida, a Marisa Monte, que, naquela cópia pirata que havia comprado no camelô da feira, chamava-se "Mariza Montes". A música dizia: "E no meio de tanta gente eu encontrei você. Entre tanta gente chata sem nenhuma graça, você veio. E eu que pensava que não ia me apaixonar nunca mais na vida. Eu podia ficar feio, só, perdido, mas com você eu fico muito mais bonito, mais esperto. E podia estar tudo dando errado pra mim, mas com você dá certo. Por isso não vá embora. Por isso não me deixe nunca, nunca mais...".

Dançou, de olhos fechados, com uma mão no peito e a outra fingindo segurar a mão de alguém, enquanto inseria nas pausas da voz o seu "eu almocei com e - la - lá - lá!", no ritmo e

na melodia da música, obviamente estragando a bela composição e o doce timbre da moça.

Horácio já estava enjoado e com ânsia de botar pra fora toda a espiga de milho que havia consumido, por conta daquela cena que parecia saída diretamente de um pastelão dos anos trinta. Se o gordo aparecesse ali, daria o par perfeito com aquele magro escroto articulando momentos de total ausência do sentido de ridículo. Mas ele não estava nem aí. Desde a sardenta Samantha, no primário, não se apaixonava daquela forma. Que se danasse o senso de ridículo. Sabia que tinha um, mas devia ter esquecido na gaveta da mesa de trabalho aquele dia.

Estava realmente nas nuvens.

18

Ela chegou em casa à tarde exausta e tontinha, mas ainda lúcida. Tinha comido quase a caravela inteira, tomado três copos de saquê e achado estranho que fosse aquela a comida predileta dele, pois comeu apenas duas ou três fatias do peixe e tomou meio cálice da bebida junto com dois litros de coca. Sentia-se uma bola, e quase foi rolando pra casa, segundo a visão que tinha de si mesma. Na verdade, estava linda. Seu corpo era de deixar embriagado até o mais abstêmio dos cristãos, ou, definindo à boca pequena: "um tesão de corpaço delicioso, gostoso e maravilhoso, que só quem já provou algo parecido sabe o que estou dizendo". Olhou-se no espelho e achou que precisava intensificar a malhação, definitivamente. Pura vaidade.

Tinha gostado do almoço. Ele era um cara legal. E, de mais a mais, ela precisava espairecer, ainda que não fosse nada que pudesse resultar em alguma coisa.De jeito nenhum. Era meio esquisitão. Deixou pra lá. Era só um colega de classe, um aluno, e não poderia envolverse com nenhum deles, pelo bem da continuidade tranquila do curso e da sua reputação de professora. Melhor manter a distância.

Tinha sido apenas um encontro legal, e só.

Ainda estava puta com o caso da traição, e sabia que, pelo seu próprio bem, deveria esquecer tudo aquilo. Guardara tudo dentro de si e cada vez que se lembrava do fato a coisa aumentava um pouquinho. Deveria mesmo abrir-se a outro amor, pois essa era a melhor forma de esquecer o amor findo. E este amor findo tinha sido intenso.

Stevens era o estereótipo do que se poderia chamar de "genroperfeito-que-toda-sogra-adoraria-ter". Era bonitão, inteligente, bom moço, rico, bem posicionado socialmente. Ela tentou encontrar algum defeito nele. Chulé? Não, não. Tinha um pé de moça, com cheiro de alfazema. Cecê? Hum, que nada! Morreria cheirando o sovaco dele, que exalava leite de rosas. Gases? Bem, ninguém é perfeito, mas isso ela tirava de letra. Cheirava sua parte e nem ligava.

Na verdade, uma coisa a incomodava: ele era muito ligado a bens materiais. Adorava seu carro, lancha, roupas, seu Rolex de ouro. Sentia-se tão importante na vida de Stevens quanto os novos celulares que ele trocava a cada seis meses. E o pior de tudo: ele tinha traído a confiança dela. Isso era imperdoável, ainda que se lembrasse de já ter feito o mesmo. Mas ele não sabia, pronto. E ela tinha bebido além da conta, meu Deus! E pela última vez este comentário! Chega!

É... Definitivamente, ela entrava numa fase mais *cool*. Queria alguém carinhoso, que a compreendesse, que tivesse interesse pelas coisas que ela fazia, que entendesse o valor de uma palavra, de um gesto, de um olhar, que tivesse a sensibilidade de saber que ela tinha a sua individualidade e a respeitasse enquanto mulher e ser pensante. Que entendesse o valor de um cafuné no cabelo, que soubesse fazer uma massagem como ninguém, que passasse a mão em suas costas até que ela dormisse. Que olhasse fundo em seus olhos e dissesse o inesperado, o surpreendente. Que escrevesse uma poesia e a recitasse sob a luz da lua. E o mais importante, o alicerce de sua felicidade, um dos pilares do seu conceito de felicidade plena, além de tudo aquilo: teria que ser bom de cama. Isso era inegociável!

Mas tinha a certeza de que só um ET possuiria todos aqueles atributos. Ou seja, perfeição,

pelo menos neste mundo e nesta encarnação, já estava desencanada de achar. De modo que alguém que oferecesse uma parcela daquilo já estaria a meio caminho de conquistar seu coração. E ela também não ficaria procurando. Onde já se viu uma mulher daquela ficar atrás de macho? Nem sonhando!

Olhou pro Paul Macartney, que trepava com a almofada, e disse:

- Você é que é feliz, Paul, meu lindo! Contenta-se com uma almofada velha e não tem estes problemas sentimentais que nós, humanos irracionais, temos.

E Paul Macartney pensou: "É ruim, hein?", continuando a esfregação.

Enfim, passou o dia tentando esquecer o sofrimento.

19

Primeira aula particular. Ele havia decidido abandonar as roupas extravagantes. Colocou uma camiseta básica, tênis no pé e se meteu numa calça de lona, antevendo a trepação do cachorro, que pelo menos ficaria longe do contato com sua pele. Queria parecer despojado e apagar a imagem do primeiro encontro, de destaque de carro abre-alas da Marquês de Sapucaí.

Foi até a casa dela. Tocou a campainha.

- Já vou - ela gritou lá de dentro.

Enquanto esperava, deu uma geral no cabelo, molhou a ponta do dedo mínimo, deu uma alisada nas sobrancelhas, ajeitou o ombro caído e pôs a mão no bolso, só pra parecer mais bonitão e sensual. Ficou meio de lado, pra realçar seu melhor ângulo.

De repente abre-se a porta. Novamente vem a famosa cena em câmara lenta. Ela abrindo o sorriso vagarosamente, o cabelo preso num rabo de cavalo balançando, o corpo ingenuamente convidando para entrar. Vestia uma jardineira jeans clara, as coxas de fora. Por debaixo da jardineira uma mini-blusa verde escura, frente única, com as costas à mostra. Um show! Não, um showzaço! Nãão, um espetáculo, uma mega-produção, um concerto em Wembley para duzentas mil pessoas! Um show do Pink Floyd em Veneza abalando as estruturas! Isso, um show do Pink Floyd durante o solo de "*Another brick in the wall* - parte 2". A descrição exata da sensação provocada pela cena!

Sem palavras. Olhar patético. Boca aberta.

- EEEIIIIII! - gritou ela.

- Hein?

- Entra.

- Onde? - perguntou isso com um sorriso na boca e olhando para os maravilhosos peitos dela sob a blusa, incrédulo.

- Hein?

Acordou da latência. Ouviu o latido. Lá vinha ele, ofegante, pela sala. Não teve escapatória. O basset deu um salto de sete metros e grudou naquela calça linda, verde. Quase que ele deu um batepronto no vira-lata. Ô vontade! Entrou com o tarado completamente grudado na perna, puto da vida.

- Oi, totó! - disse isso abaixando, sorrindo e tentando um cafuné na cabeça do maníaco.

- Ele não é lindo? - completou ela.

- Coisa mais lindinha! Carinhoso ele, não?

- Super. Tudo de bom! Ele é meio carente, admito, mas ainda vamos arranjar uma namoradinha pra ele, né, Paul Macartney?

Porra, ela tinha cometido a heresia de dar ao pulguento o nome do grande comendador da ordem britânica, um dos maiores compositores de todos os tempos, baixista da maior banda que o mundo já ouviu: "Sir" Paul Macartney. E ainda vinha com aquele papo ridículo de "namoradinha"? Pensou em trazer a Bruna Lombardi, rotweiler do seu colega de trabalho, pra ver se o animal tinha coragem de chamá-la de "meu amor". Era uma boa ideia. De repente a bicha dava uma canseira naquele basset indecente e ele ficava traumatizado com sexo.

- Que lindo! Uma namoradinha! Ai que fofo! - disse ele.

E foi entrando.

- Cadê seu caderno?

- Caderno? Caderno? Hmmm...

- Aquele negócio que a gente usa pra escrever as coisas e costuma levar às aulas.

Que estúpido! Tinha esquecido o caderno. Na verdade, não fazia a menor ideia de onde estava. Tinha coisas mais importantes para se preocupar ali do que um caderno. Queria só estar com ela, e mais nada.

- Veja só, que coisa, né, rá rá... - completamente sem graça uma velhinha queria atravessar uma poça de lama lá perto do meu prédio e eu, sem titubear, ofereci meu caderno para que ela pisasse em cima. Ficou todo enlameado. Acabei lavando e pondo pra secar.

- Hmmmmm, que romântico!

Pela primeira vez um improviso seu tinha efeito positivo no bojo da coisa. Tinha que continuar a praticar, pois estava quase perfeito na arte de inventar desculpas maravilhosas, originais e infalíveis, como aquela. Sentaram-se na mesa da cozinha e começaram o estudo. Já nem se importava com o basset, àquela altura exausto mas ainda com fôlego pra sacudir sua perna.

Estar com ela a sós era tudo o que sonhara nos últimos tempos. Ela falava com desenvoltura impressionante, entrava e saía de teorias econômicas, dava exemplos, soltava piadinhas, desenvolvia fórmulas, gráficos probabilísticos. Em nenhum momento entendeu um milímetro sobre o que ela falava, mas não estava nem aí. Quando ela fazia alguma pergunta o tipo de resposta que vinha na sua mente era sempre algo como "Você", "Na sua cama", "Nós dois", "Da sua boca", "Pelados, é claro!", "Eu por baixo e você por cima!". Por via das dúvidas, sempre respondia "Não sei!".

Estava completamente viciado na droga que ela oferecia a cada palavra sussurrada. Ficava meio desconexo nas ideias. Tornara-se dependente daquela química que ela tinha, mais viciante que qualquer ácido lisérgico, que o maior charuto de maconha, que a mais longa linha de coca ou que a maior pedra de crack do mundo. Se houvesse um AA para "Apaixonados Anônimos" frequentaria diariamente para dizer: "Consegui ficar mais um dia mais apaixonado por ela", e receber aplausos calorosos dos colegas. Esse comentário arrebentou! Adorava quando fazia essas analogias. Qualquer dia publicaria uma autobiografia não autorizada e colocaria ali seus melhores pensamentos.

De repente sua perna encostou na dela, por debaixo da mesa. Um calafrio subiu pela espinha. Tremeu-se da unha do mindinho do pé até o último fio de cabelo. E aí? O que fazer? Desencostaria, em sinal de respeito? Ou ingenuamente ficaria roçando pra lá e pra cá? Que dilema! Ela ali, na sua viagem econômica, e ele com pensamentos libidinosos por estar com a perna encostada na dela. Tava meio tarado. Era melhor parar com aquilo e deixar como estava, fingir que nem havia sentido a encostada e também fingir que prestava atenção na aula. Sabia que ficaria sem dormir dois dias por causa daquilo, então melhor relaxar e curtir.

Estudaram por duas horas. Aliás, foi sarrado por duas horas. Em uma das pernas pelo cão e na outra pelo simples toque daquela pele morena. Não sabe patavina até hoje o que se falou durante as tais duas horas.

- Então é isso. Não tem erro, né? Recapitulando: o CDB tem prioridade sobre a renda fixa quando a inflação come cinco por cento do PIB e a previsão de crescimento global reflete uma queda na desaceleração dos juros a longo prazo, descontado, obviamente, o redutor aplicado à

taxa selic. Tá nitidamente representado na curva hiperbólica do gráfico. Muito fácil e claro - ela disse, encerrando a aula.

- Ô! Moleza! Muito fácil e claro - falou isso sem convicção alguma.

- Se você não tiver nada pra fazer, tenho na geladeira uns bolinhos de bacalhau prontos pra fritar. Aceita? - ela sugeriu.

Tomou um susto. Parecia um sonho ouvir aquilo. Bolinhos de bacalhau com a amada! Jamais imaginaria coisa mais romântica. Eles, na casa dela, sozinhos, saboreando bolinhos de bacalhau.

- Pode ser, se eu não estiver incomodando.

- Claro que não está. Enquanto frito, se você quiser espremer umas laranjas para um suco, o processador está no armário e as laranjas na cesta.

Tomou um susto. Parecia um sonho ter ouvido aquilo. Suco de laranja com a amada! Jamais imaginaria coisa mais romântica. Eles, na casa dela, sozinhos, saboreando suco de laranja.

A intimidade já rolava naturalmente. "Espremer laranjas no processador dela" poderia até ser considerado uma corruptela para "fazer aquilo que todos querem fazer a dois quando sentem tesão um pelo outro e estão sozinhos em casa". Um passo importante que dava, pois, definitivamente, não devia ser para qualquer um utilizar o espremedor de frutas favorito da amada, se é que existe essa paixão toda de uma mulher por seu espremedor de frutas favorito. Daria uma conferida mais tarde no seu guia "Como Conquistar...", no capítulo "Eletrodomésticos - Domestique você mesmo".

Passaram o resto da tarde conversando. Pela primeira vez ela detalhava um pouco de sua vida. Contou o que gostava de fazer, o que não gostava, sua mania por saúde, por esporte, seu gosto pela leitura, cinema, teatro e arte contemporânea. Mostrou algumas fotos da viagem que fez pelo deserto do Saara, onde ficou acampada por duas semanas em busca do seu "eu interior". Eram fotos de um monte de areia pra tudo quanto era lado, fotos dela em posição de lótus meditando (ou dormindo, preferiu não perguntar), fotos de uns camelos com a língua de fora. Achou o camelo meio nojento. Nunca tinha reparado em como o camelo era nojento. Achava meio esquisito esse troço de "eu interior". E ainda tinha gente que o procurava? Mas achou bonito e sensível, como tudo o que ela dizia. E se mostrou encantado e interessado. Perguntou como foi o encontro dela mesma com o "ela interior" dela, atentamente ouviu-a falar sobre a insensatez da alma humana, e aproveitou para soltar algumas perguntas-cabeça sobre o id e o ego em conflito com a coexistência pacífica entre os opostos, apesar de não fazer a menor ideia em que parte do corpo ficavam o id e o ego. Imaginava que era no estômago, ou no pulmão. Tinha que parecer culto.

Tomaram licor de menta, que ela guardava para as visitas. Aproveitou pra fazer um gargarejo com o licor, sem ela perceber, claro, a fim de dar um trato no hálito. De repente ela resolveria beijálo e ele não poderia despejar em seu nariz um bafo de bolinho de bacalhau com suco de laranja. Pegaria mal.

E assim passou a até então mais feliz tarde de sua vida. De tardezinha, enquanto o sol se punha, resolveu que era melhor ir embora, pois já tinha ficado muito tempo por lá e não queria que ela o achasse muito pegajoso, apesar de dar tudo na vida pra virar a noite ao lado dela. Era como o milagre chinês: "Primeiro um passo pra trás para depois dar dois à frente". Não tinha plena certeza se aquilo era o milagre chinês. Coreano? Japonês, talvez? Bem, era o

milagre de algum povo de olho puxado e... Mas que diabos! Ter que lembrar do milagre chinês logo naquela hora? Coisa mais inoportuna!

Despediu-se e foi pra casa, sentindo-se um homem pra lá de feliz.

20

Até que ele é interessante - pensou ela. Não o achava mais tão estranho quanto nos primeiros encontros, já que as conversas que tinham eram divertidas. E achou engraçado que esperasse o dia do curso só para vê-lo. Tinha ficado algumas vezes rindo sozinha do jeito desengonçado que ele tinha.

Aquela seria uma semana atípica. Não teriam aulas, devido às comemorações da semana santa. Não era católica praticante, mas daquelas pessoas que já haviam experimentado de tudo um pouco. Budismo, Candomblé, Santo Daime, Logosofia e a Igreja Quadrangular do Triângulo Redondo, onde cada vértice do pentágono hexagonal continha a representação de uma divindade arcaica etíope. Mas não se identificava plenamente com nada, e conversava diretamente com os entes superiores. Tinha se sentido bem em uma reunião espírita, certa vez. De modo que lia Kardec, Bíblia, Alcorão, bula de remédio e apelava para Deus, Jah, Osho e Raul Seixas. Não tinha preconceitos.

E não se veriam naqueles dias.

Estranhamente, sentiu vontade de ligar para ele. Não sabia ao certo a razão de sentir isso. De repente poderiam se encontrar pra tomar alguma coisa, pegar um cinema, um teatro, qualquer coisa.

Ligou.

- Alô! - ele atendeu.

- Olá! Tudo bem?

De pronto ele reconheceu a doce voz com a qual sonhava todas as noites e começou a tremer de emoção. E daquela vez a voz estava mais doce ainda. Em alguns momentos o timbre afinava como o de uma menina adolescente, ficava macio. Aquilo o deixava numa paz e num tesão impressionantes.

- Ôpa! Tudo bem. E contigo?

- Então, eu tava pensando que se você não estivesse ocupado, se não tivesse nenhum de seus compromissos, se estivesse de bobeira, a gente poderia dar uma saída, um cineminha. Que tal?

Tomou um choque com aquela proposta inesperada. "Ah, eu sabia que você tava afim de mim, Maria gasolina. Vou ver se tenho agenda", pensou. Por sorte a lucidez bateu. Estava louco pensando aquilo? Que se ferrasse o guia de conquista da mulher inconquistável, que propunha cautela e a não aceitação imediata de uma proposta indecente daquela. Enviaria um e-mail mais tarde pro tal S.S.Stewart mandando-o pro inferno, sem escala no purgatório. Jogou o livro no lixo.

- Por mim tudo bem - tentou controlar a emoção.

- Passa aqui?

Não tinha carro. Pegaria mal deixá-la saber que era um duro.

- Er... Aham... Cof... Cof... Meu carro tá na oficina.

- Te pego então. Meia hora?

- Meia hora.

Passou o endereço e, ao desligar, quase desmaiou. Caiu na cama e ficou deitado por dez minutos, com as duas mãos atrás da cabeça, olhando pro teto branco-infinito, catatônico, com

um sorriso idiota na cara e ar de superioridade. Como se fosse um César admirando seu poderoso império, sentado no trono e com a coroa de louros na cabeça.

Trocou seu banho habitual de uma hora de duração por um de dez minutos. Fazia de tudo por ela, inclusive diminuir o banho. Colocou uma bela roupa de sair. Calça de linho escura, sapato bico fino, camisa de gola pólo branca. Meteu um gel no cabelo, abriu o único perfume francês que tinha e que, aliás, ele nunca tinha tido motivo pra usar. Borrifou no pescoço, para quando fossem dar dois beijinhos; e atrás da orelha, caso ela resolvesse chupá-la; e nas mãos, para deixar na mão dela quando a pegasse; e abaixo do umbigo, não soube muito bem o motivo. Seu sexto sentido mandava que borrifasse na região pélvica. Pura intuição de matador.

Ficou sentado no sofá da sala olhando a porta, aguardando o ding-dongar da campainha, com um sorriso idiota na cara e segurando um copo de refrigerante. Esperou. Mas esperou muito. Mais ou menos uma hora além do combinado ainda estava ele lá, estático, abobado, com o mesmo sorriso idiota no rosto. O gel tinha secado, a franja caía na cara, a bunda dormia o sono profundo dos justos e o refrigerante já tinha decantado, havendo separação nítida entre o xarope e a água sem gás. Não sentia mais suas pernas. Formigaram tanto que nem sentia o chão sob seus pés.

Até que a campainha tocou, como um gongo que salva o cambaleante lutador do nocaute iminente. Mas ele nem se mexeu, mantendo ainda o velho sorriso e a paralisia corporal e mental. Tocou de novo e ele só mexeu a cabeça, pendendo para o outro lado, completamente fora deste mundo. Tocou mais três vezes, seguidamente.

- Levaaaaanta, féla da puta!

Incrivelmente, jamais Horácio havia falado aquilo fora das seis em ponto da manhã. Mas serviu para salvá-lo. Haveria de agradecer eternamente pela ajuda.

Levantou-se de uma vez, com um pulo do sofá. Não deu outra. Caiu no chão por não sentir as pernas e arrastou-se até a porta, enquanto o som da campainha repetia-se continuamente. Escorou em tudo o que havia no trajeto, do pé da mesa ao abajur de chão que usava para sua leitura diária. Conseguiu ficar de pé, ainda com as pernas bambas. Aprumou-se e abriu.

Foi a cena mais linda que viu até então na sua desinteressante vida. Ela de vestido vermelho, um salto que a deixava maior que ele, maquiagem básica no rosto e batom levemente rosado, que realçava mais ainda sua já desejada boca. Era como se estivesse diante de uma deusa, da criatura mais perfeita que o criador tivera o prazer de criar. Queria poder fechar a porta e pedir pra ela tocar de novo a campainha mais mil vezes, pra que abrisse mil vezes e mil vezes presenciasse aquela cena maravilhosa. Ofereceu em pensamento um minuto de silêncio, como homenagem póstuma à feiúra, à breguice, à solidão e à falta de respeito com a perfeição. Se pudesse mandaria um telex pro divino, em agradecimento por tê-la feito nascer e com um pedido para que fosse para sempre utilizada como molde eterno para o sexo feminino. Que comentários! Que comentários!

Conteve-se.

- Demorei? - ela perguntou, sem-graça.

Demorou pra cacete, quase liguei pra UTI pra que os paramédicos viessem ressuscitar minha bunda - pensou.

- Que nada! Eu acabei de me aprontar também. Ainda bem que você se atrasou um pouquinho. Quer entrar para um drink?

- Pode ser. Por mim tudo bem.

- Eu almocei com e - la - lá - lááááááá! - esperneou o Horácio.

- Que gracinha! O que foi que ele disse? Que almoçou com ela? Ela quem?

Pronto, a partir de agora teria que enfiar um esparadrapo na boca do bicho toda vez que falasse com ela.

- Er... Aham... Cof... Cof... Na verdade, "ele" é "ela". Mas se chama Horácio. É uma longa história. Acho que o que ela quer dizer é que almoçou com a cacatua da vizinha. Elas são amigas. Às vezes a cacatua vem aqui e as duas passam a tarde juntas, comendo e fofocando - disse isso dando uma encarada revoltada pro Horácio e mais uma vez emocionado por ter produzido desculpa tão irrefutável.

- Que lindo! - ela comentou, achando graça.

Definitivamente, era melhor sair dali.

Mas ela sentou no sofá, para esperar o drink que ele prepararia. E comentou:

- Bonito seu apartamento.

- Obrigado.

Sabia que ela queria apenas ser gentil, porque era um desleixado com coisas de casa. Duvidou que ela falasse sério, mas deixou passar. Realmente precisava observar melhor essas coisas. Mulher gosta de casa arrumada e limpa.

- O que vai beber? - perguntou ele.

- Que tal um hi-fi?

Ai, cacete! Que porra é hi-fi? – pensou. Para ele era alguma coisa relacionada a aparelhos de som. Por um instante tentou associar o som estéreo com o dolby surround para ver se vinha alguma luz que o fizesse comparar com alguma bebida. Sem sucesso, teve que improvisar:

- Hum Hum! Acho que não vai dar. Estou sem conhaque...

- Conhaque no hi-fi? - espantou-se ela.

Tinha acabado de saber que hi-fi não levava conhaque.

- Foi mal, eu quis dizer tequila, e não conhaque.

- Como? Tequila? No hi-fi? Como assim?

Tequila também não. E tentou consertar:

- Rá rá rá... Te peguei! Tô brincando, né? Relaxa aí que vou preparar uma das minhas especialidades, direto de Cochabamba.

Nunca tinha preparado uma birita pra alguém. Foi à cozinha, enquanto ela colocava um CD. A noite começava perfeita. Ouvia o som que vinha da sala, enquanto inventava alguma coisa que se parecesse com qualquer drink.

A música da Sade parecia perfeita para a ocasião. Animadinha, mas nem um pouco corta-tesão. Tava boa pro preâmbulo daquela noite, que prometia ter um epílogo feliz. Que comentário sensacional! Esse ele anotou em um guardanapo e guardou no bolso.

Colocou meio copo de vodka e outro tanto de fanta laranja, que tinha sobrado da sessão "Almodóvar até que é legal", da semana anterior. Fez dois copos, misturou, chacoalhou e fosse o que Deus quisesse. Voltou à sala e lá estava ela, embasbacada com a quantidade de livros que ele tinha na estante do quarto.

- Você, hein? Disse que não gostava muito de ler, né? Bobinho! Só pra não parecer muito intelectualizado!

Cadê o livro do S.S.Stewart, mesmo? Tinha que resgatar aquela bíblia da arte de

conquistar amores impossíveis, daquele paladino da paixão, discípulo de Afrodite, gênio do amor, apóstolo do sexo. Pediu perdão pela heresia de mandá-lo pro inferno. Recuperaria o livro na lixeira mais tarde.

- É, sabe como é, né? Toma o drink. Prova aí.

- Obrigada!

- Não sei se vai estar tão bom assim - rezou para que prestasse.

Ela tomou um gole. E soltou:

- Hummmm! Esse hi-fi tá uma delícia!

- Hein?

- Hummmm! Muito bom! - sorriu, saboreando o hi-fi que ele tinha feito sem querer.

- Pois é, é minha especialidade.

- Engraçadinho!

O divino realmente estava de bom humor naquela noite. Já estava até pensando em qual lençol usariam quando fossem dormir, se de algodão ou de seda. Ou o que tomariam de café da manhã, depois da intensa noite de sexo.

- O que é isso? - ela perguntou, referindo-se a uma folha com um desenho belíssimo, em grafite, de uma praia deserta com uma fogueira e a lua ao fundo imprimindo um rastro no mar.

- Nada não. Só uns rabiscos simples.

- É lindo. Você desenhou?

- É, bem... Tento desenhar de vez em quando. É só um hobby. Se quiser, pode ficar pra você.

- Pra mim? Obrigada. É lindo! Quero uma dedicatória.

Quando pegou o desenho, viu que havia junto outra folha. Possuía um texto com umas letrinhas em cima.

- E isto, o que é? - estava curiosa naquela noite.

- Er... Aham... Cof... Cof... (precisava mudar esses barulhos). É... É uma música.

- Você compõe?

Aquela era filha única de pai solteiro. Todas as vezes em que havia escrito alguma coisa não tivera coragem de cantar nem pro Horácio, de tão ruim que eram as melodias e desconexas as letras. Mas era a música que tinha feito para ela. Sua obra-prima.

- Já compus algumas coisas. Esta aí, particularmente, eu nem sei se ficou assim tão boa.

- Mas a letra é linda. Toca pra eu ouvir?

- Eu?

E por que não? De repente ela poderia se apaixonar perdidamente por ele. Mas não revelaria de início que era ela a musa inspiradora, mantendo o mistério. Então começou a dedilhar e a cantar como jamais havia cantado. A música fluiu lindamente em cada parte, das estrofes ao refrão marcante. Até o Horácio ficou emocionado, chegando a escorrer uma lágrima dos olhos do bicho, se é que papagaio chora. Ela ficou impressionada, pois jamais imaginara que fosse tão sensível assim. Nem ele acreditava nisso. Ao final da cantoria ela não falou nada, ficando em silêncio, embasbacada com a música. Ele esperava uma ovação, ser chamado de gênio, de João Gilberto do novo milênio, Mozart da era de aquário. Ficou apreensivo e disse:

- Pior que dizer que não gostou é não dizer nada.

- E precisa? É linda!

- Obrigado.

- Você fez pra alguém em especial?

- Er... Aham... Cof... Cof... - titubeou - Pra... Ninguém.

- Duvido! Só alguém apaixonado escreveria assim.

- Bem, na verdade eu fiz sim pra uma pessoa, mas deixa pra lá.

- Fala! Diz quem é a felizarda que teve a honra de merecer tantas e tão belas palavras.

Era a chance que jamais poderia ter imaginado, a deixa para o bote final, a hora da verdade, o momento crucial para revelar que era ela o motivo da genial canção. A partir daquela fração de segundo ela seria sua para sempre.

- Er... Aham... Cof... Cof... É... Bem... Você!

- Er... Aham... Cof... Cof... Hein? Eu? - e matou o meio-copo que sobrava do hi-fi, espantada e engasgando.

- É que... Não me leve a mal. Eu... Olha, foi só um momento de inspiração, só isso. Nada demais e...

Ela se assustou com aquilo. E perguntou:

- Mas... Não, não, como assim?

- Desculpe.

- Não, a música é linda. Mas... Não tem nada a ver, somos apenas amigos e...

"Não tem nada a ver, somos apenas amigos". Como odiava aquela frase! E ela veio como um sopro forte, derrubando o castelo que ele estava construindo na cabeça, e que achava que era sólido.

- Olha, é melhor eu ir embora.

- Fica, por favor. Não era pra você se chatear. Esquece isso. E o cinema?

- É melhor eu ir. A gente se vê outro dia.

E saiu, levando seu desenho. Entrou no carro, ainda confusa. Parecia com medo do que tinha ouvido.

21

Três da manhã. Ele com os olhos vermelhos e baixos, parecendo um sapo-boi. Boca mole. Uma mão segurando um copo cheio de vodka e a outra com o dedo indicador apontando pro infinito. Tinha colocado um disco velho do Nelson Gonçalves na vitrola, empoeirada pelo pouco uso e com a agulha já pedindo outra, fato que inviabilizaria sua utilização mais dia menos dia. Não se achava mais no mercado aquela relíquia.

A música era um lamento que dizia:

"Estou mais triste nesta triste noite fria, sem esperança que ela volte para mim. Minha saudade transformou-se em agonia, estou mais triste neste triste botequim. Beba comigo, companheiro de tristeza, traga seu copo e sente-se à minha mesa. Chore comigo esse pranto emocional, não se envergonhe de chorar perto de mim, porque a lágrima é o desabafo natural entre dois copos e a mesa de um botequim. Liberte o peito do amargor e da revolta, com mais um trago deste traçado de anis. Faça como eu, acostume-se à derrota, pois a vitória não pertence ao infeliz".

E o disco, de tão riscado, resolveu ser gente boa com ele e ficar pulando no derradeiro verso daquela triste canção, repetindo indefinidamente "acostume-se à derrota, pois a vitória não pertence ao infeliz".

Ficou estirado no sofá, abraçado ao papagaio, que também dava umas bicadas na vodka colocada numa tampinha de refrigerante. Demorava muito entre uma palavra e outra, entremeadas por enormes talagadas da bebida. Tudo rodando. Bebaço!

- Vesja bem, Horacius...

Encasquetou que o nome do bicho era Horacius. E continuou:

- (hic)... (hic)... mulher... não... presta... não... presta... porra... (hic)... merda... (hic)... mulher é isso... não serve pra... (hic)... porra nenhuma... nada... nunca serviu... (hic)...

"Acostume-se à derrota, pois a vitória não pertence ao infeliz".

-... desculpa vai... você é mulher, mas eu sou obrigado a falar... hic... quer dizer, você não é mulher porra nenhuma... você é uma papagaia... pa... pa... ga... ia... tá me entendendo?

"Acostume-se à derrota, pois a vitória não pertence ao infeliz".

Mais uma talagada e continuava:

- Duvido que você... me desprezaria assim, Horacius! - outro gole.

"Acostume-se à derrota, pois a vitória não pertence ao infeliz".

E emendava:

- Eu te amo, Horacius!

"Acostume-se à derrota, pois a vitória não pertence ao infeliz".

- Não quero mais saber de nada daquela... daquela... daquela... coisa maravilhosa... linda... chuchu... - e ria pra cacete por chamar de chuchu aquela deusa do outro mundo.

"Acostume-se à derrota, pois a vitória não pertence ao infeliz".

- Que merda é essa, Horacius? - perguntou, ao perceber o riscado do LP.

"Acostume-se à derrota, pois a vitória não pertence ao infeliz".

- Cala a boca, porra! - e jogou o copo na vitrola, que deu seu último suspiro.

E chorou, secando a garrafa. Vodka cowboy mesmo.

Dormiram os dois ali, completamente chumbados, sem noção de nada, embriagados até a

tampa...

22

Três da manhã. Ela deitada na cama, sob uma grossa manta, encolhida entre as pernas, admirando o desenho que tinha recebido de presente e que estava colocado no criado-mudo virado para si. Insônia. O silêncio só era quebrado pelo barulho do vento na janela.

Não conseguia parar de pensar no que tinha acontecido. Como é que ele podia ter chegado àquele ponto? Baseado em quê teria se declarado daquela forma? Só se fosse um louco, um tarado. Não tinham nada em comum que os pudesse aproximar algum dia. Voltou a achá-lo esquisito. Lembrou das roupas que usava. Ele era mesmo muito estranho.

Gostava dele como amigo, mas ele a tinha deixado completamente amedrontada com as palavras da música. Paixão daquela não existe. Impossível ser amada tão profundamente assim. Arriscar acreditar e depois tomar outro tombo? De jeito nenhum embarcaria numa furada daquela. Só sabia que não queria mais encontrá-lo. Não queria sofrer, ainda mais por alguém que nem sabia direito quem ela era.

Pensou em ligar e dizer que era melhor não se verem mais, mas não queria ouvir sua voz. Aproveitaria o feriado pra tentar esfriar a paixão insana que ele tinha revelado naquela música. Certamente o afastamento seria a melhor alternativa pra que ele visse que não existia a menor condição de que houvesse algo mais profundo além de uma boa amizade. De jeito nenhum cogitaria dar uma falsa esperança naquele amor insano e exagerado.
Chorou, baixinho, até dormir.

23

Ele acordou com uma dor de cabeça impressionante. Ressaca mais moral que alcoólica. Decidiu que não sofreria por ela, apesar de saber que era praticamente impossível que pudesse esquecê-la assim, de uma hora para outra. Tinha dedicado a ela todo seu amor, todos seus melhores sonhos, tinha perdido noites pensando no que ela fazia, o que gostava, o que preferia. Tinha bolado os melhores planos para quando ela soubesse do grande trunfo que tinha nas mãos: sua música. Tinha na cabeça a cena exata do primeiro beijo, da primeira vez em que veria seu corpo. Imaginava as mais perfeitas curvas sob as roupas que usava. Seria capaz de morrer pela paixão que nutria por sua boca, seus olhos, sua inteligência, seu corpo. Abriria mão de qualquer projeto para acompanhá-la aonde quer que fosse.

Ligou para Maurice, um dos amigos de infância. Não se viam desde o último encontro de final de ano. Queria saber a quantas andava a banda e se ele se interessaria por receber a música que tinha composto. Quem sabe lá teria melhor serventia, pois não tinha mais coragem de tocá-la.

Maurice sentiu a angústia do amigo e foi até sua casa, a fim de fazer uma visita e ver qual era a da tal canção. Foi, duvidando que pudesse aproveitar uma composição feita por alguém sem o menor dom de escrever nem poesia de porta de banheiro, e sem o pré-requisito exigido para tal: a sensibilidade. Sabia que ele não era nem um pouco sensível. Ou, ao menos, imaginava até então.

Ao chegar encontrou o amigo derrubado, com enormes e fundas olheiras decorrentes do porre da noite anterior. Conversaram da vida, Maurice lhe contou que tinha assinado contrato com uma grande gravadora e que começaria a gravação do primeiro CD. Contou das mulheres que começavam a aparecer. Isso só fez aumentar seu sofrimento, apesar de torcer pelo sucesso de Maurice. Via o quão bunda era sua vida.

Por fim, mostrou a música. Empunhou novamente o violão e cantou, com o fio de voz que ainda restava. Disse a Maurice que podia fazer o que quisesse com ela. Se gostasse, poderia tocar algum dia. Se não gostasse poderia mudar a letra, a melodia, a harmonia. Estava tão triste que atribuiu à "maldita" canção a responsabilidade por nunca mais ter seu grande amor por perto.

Maurice ficou tão impressionado com o potencial da composição que prometeu desenvolver o mais belo arranjo possível e apresentá-la para a gravadora, com a intenção de gravá-la já no seu primeiro CD.

24

Ele abandonou o curso. Não tinha mais sentido estar três vezes por semana em um lugar que não lhe acrescentava nada. Aliás, achava todo aquele negócio de economia um pé no saco. Como é que alguém em seu estado normal de sanidade mental poderia estudar aquilo? Deu graças a Deus por nunca ter conhecido Cochabamba, e "que fosse pro caralho a boceta da influência que a merda da alta na taxa de juros poderia ter no volume de investimentos externos na porra do país!".

E ela que desse mole pro aluno babão apaixonado, pois não estava mais nem aí. Problema deles. De repente o negócio dela era mesmo estar ao lado de caras bonitos e ricos. Não que ele achasse bonito o escroto da sala, de jeito nenhum. No fundo, ele nem achava o escroto da sala um simples escroto. Era muito mais que isso. Era um escroto sem-noção, um puta de um escroto, pois elogiava o corpo, a beleza e a inteligência de quem não merecia. Será que ele, o superescroto, não via isso? Ô falta de senso do escrotão!

Voltou para sua vida, mas decidido a ser um novo homem. Aquela pequena experiência o tinha feito ver que não era assim tão anormal. Tinha seus encantos, sua personalidade, seus momentos. Alguém haveria de notar isso.

Apesar de não ter obtido o que queria, seu amor, era grato a ela por ter sido a responsável pela transformação que ora tomava corpo. E estava certo de que jamais iria deixar-se apaixonar daquela forma novamente. Seria uma barra de gelo, um iceberg intransponível. Seu coração não seria mais enganado. Não perderia a ternura jamais, mas endureceria. Gostou deste último comentário, mas achou que outra pessoa já havia dito algo parecido. Deixou pra lá. Nem anotou.

Há um tempo tinha visto um best-seller à venda na megalivraria que costumava frequentar, cujo título era "Beije na boca e seja feliz", de Sally May Raies. Achou o título de péssimo gosto naquela ocasião. Não leu nem a orelha do bicho, mas sabia que era sobre a felicidade do descompromisso com o alheio. Comprou o livro e o leu duas vezes, prestando atenção nos detalhes, anotando as dúvidas e sublinhando com caneta luminosa os pontos mais importantes. Chegou a corresponder-se com a autora, pedindo conselhos sobre a técnica de deixar o sentimento de lado e entregar-se ao prazer carnal. Ela deu bons conselhos e realmente mudou sua visão das coisas. A principal linha de ação abordada pela autora era um comparativo de que um relacionamento era como um jogo de futebol. Primeiro, os dois adversários jogavam na defesa, estudando um o comportamento do outro. Não era recomendado arriscar-se demais, pois caso se fosse ao ataque com muita vontade a defesa poderia ficar desguarnecida. Com o tempo e o perfeito entendimento das táticas adversárias, recomendava partir para o ataque sem medo, pois já se saberia como defender um possível contra-ataque. Chutes poderiam ser arriscados, mesmo que resultassem em bolas fora. E, caso estivesse difícil a obtenção do resultado satisfatório, os três pontos, seria permitido apelar para canelada, mão na bola, impedimento e xingar a mãe do juiz.

E ele se identificou com as ideias. Beijaria na boca e seria feliz, partindo com tudo para o ataque, num esquema mais ofensivo que qualquer 3-2-5 jamais visto e mais eficiente que qualquer carrossel que a laranja mecânica tenha adotado. Logicamente que teria que achar quem compartilhasse da mesma ideia, alguém que entendesse o valor de uma transa sem

compromisso, sem a obrigação de ligar no dia seguinte, porque não queria mais levar o tombo que levou. Dedicar seu mais puro sentimento a alguém, e ser incompreendido, tinha sido mesmo uma péssima experiência.

Chegou a bolar um dispositivo revolucionário. Mandaria os croquis para alguma empresa produzir. Era o "AB Extruder Sex Isolator Plus" (tinha que ser um nome sonoro e vendável, claro), que consistia de uma cama de motel redonda e bipartida, com um giroscópio adaptado na base e uma tubulação acolchoada que teria seu final em uma rua fora do prédio. Ao final da transa, o sujeito puxaria discretamente uma alavanca secreta e a parte da cama onde estivesse a mulher daria um giro de cento e oitenta graus no sentido horizontal, tendo o giroscópio a responsabilidade pela estabilidade da cama. A mulher sumiria e surgiria magicamente uma pizza de calabresa quentinha, junto com uma coca de dois litros estupidamente gelada. Concomitantemente a este processo, a mulher escorregaria pela tubulação acolchoada e cairia em um táxi que já estaria esperando e a levaria para casa. Precisava apenas adaptar o dispositivo que mandasse a roupa da moça junto. Pensaria sobre isso mais pra frente. Fez alguns rabiscos, com desenhos explicativos da engenhoca.

Mas abortou a ideia, pois num momento de lucidez observou que se algum dia tivesse uma filha ela poderia estar naquela situação, e não gostaria de saber que seria trocada por uma pizza de calabresa, apesar de jamais admitir que uma filha sua frequentaria este tipo de ambiente.

Entrou na academia. Jiu-Jitsu e musculação. Tentou uma aula de "body-funk-pump-street-beat localizado no spinning", só porque a professora era gostosa. Mas era tão descoordenado que achou melhor desistir, para não comprometer a reputação que tentava construir. Consultou uma nutricionista. Trocou a alimentação por uma mais saudável. Jogou fora os salgadinhos que tinha na despensa e doou pro porteiro do prédio o estoque de latas de refrigerante que mantinha na geladeira. Daquele dia em diante só sanduíche natural, salada e suco, poucas calorias e dieta balanceada. Só não conseguiu cumprir a determinação de tomar, no máximo, quatro tulipas de cerveja por semana, porque aí já era pedir demais. Era abusar da sua frágil força de vontade.

Financiou um fuscão vermelho meia-sete em suaves trinta e seis prestações. Não podia ficar sem carro, pois teria uma vida social intensa a partir de então. Botou roda palito, filtro escuro nos vidrosbolha e som de CD no porta-malas. Rebaixou a máquina.

Mandou um corte arrojado nos cabelos e comprou no camelô, por quinze paus, um ray-ban daquele dourado com lentes verdes. Retomou as roupas extravagantes que, mesmo esquisitas, conferiam personalidade, carimbavam sua identidade, registravam uma marca. Seu cartão de visitas perante a mulherada louca, que daria tudo para permanecer alguns momentos ao seu lado e apreciar sua cultura e tiradas brilhantes.

Tornou-se um cara mais gentil e sociável. O pessoal do trabalho notou seu novo astral, sua disposição em ser solícito com todos, principalmente com o mulheril. Virou um galanteador nato, poeta do cotidiano, trovador sempre pronto a uma citação romântica de última hora. Recitava poesias até para as meninas da limpeza.

Começaram a convidá-lo pra sair. Sinuquinha às quintas, happy-hour às sextas, pelada aos sábados, churrascada aos domingos. Sábado à noite frequentava a boate da moda. Ficou amigo do promoter da casa, o Batman, que liberava sua entrada e ainda dava desconto na birita. As boates viraram a faixa de Gaza, pois transformou as noites em autênticas guerras, que ele

intitulava "As mães de todas as batalhas", ou ainda "Operações tempestade no deserto". Encontrava a mesma turma de sempre. Era péssimo dançando techno-music. Aliás, achava o tal do techno um porre, porque era uma música que não tinha letra, só uma batida insuportável. Mas dançava, só porque as maravilhosas da boate dançavam doidonas e ele ficava tarado com aquilo. Já sabia a diferença entre o trance, o hip-hop, o jungle e o drummin'Bass. Fez até concessões musicais para coisas como aqueles funks de morro. Aprendeu as coreografias, ainda que se sentindo ridículo fazendo tal atrocidade. Colocou toda sua genialidade a serviço do cancioneiro e do entretenimento nacionais, compondo uma pérola chamada "Dança do Escroto", e que, como o próprio mote da música indicava, tinha uma coreografia peculiar e desengonçada, pra não dizer escrota mesmo. A rapaziada sempre pedia que ele mostrasse os passos ridículos que dava. Aí ele fazia cu doce e não mostrava, só de sacanagem.
Era um novo homem.

25

Ela retomou o curso, apreensiva pela possibilidade de reencontrá-lo. Mas ele nunca mais daria as caras por ali. Na verdade, não se surpreendeu que ele não aparecesse mais. O fato de ter trancado a matrícula de certa forma aliviava a tensão, apesar de ter sentido uma pontinha de curiosidade sobre o que estaria ele fazendo. Não queria mais pensar no assunto. Continuaria sua vida normalmente, escrevendo seus artigos e dando suas aulas.

Foi quando conheceu Stanley, o novo colaborador da seção de esoterismo do jornal em que trabalhava. Era o astrólogo que escrevia as previsões de cada signo para cada um dos dias da semana. Uma cabeça privilegiada, e ela gostava de cabeças privilegiadas.

Ele veio com uma cantada astrológica, dizendo que o ascendente em câncer no terceiro quadrante do zodíaco, em conjunção com marte na casa oito, combinava com o descendente em sagitário em contraposição à lua nova. Ela estranhou, haja vista que seu signo não era nem câncer e nem sagitário. Mas achou fascinante e quis saber o que diria o destino, o futuro financeiro e sentimental, quais seus pontos fortes e fracos e essas coisas em que mulheres costumam acreditar com mais intensidade. Principalmente em momentos de infelicidade.

Então ele fez seu mapa astral a partir da hora precisa em que ela tinha nascido, apesar de ela não se lembrar da hora exata e ter inventado uma. O mapa dizia que seria feliz ao lado de um cara com a cabeça privilegiada, sensível, com percepção extra-sensorial acima da média, sexto sentido aguçado e mais um monte de coisas que apontavam para ele próprio como a pessoa ideal para dividir a escova de dentes com ela.

Estava maravilhada com sua inteligência, com suas conclusões acerca da entrada da humanidade na era de aquário e as consequências que isso traria para a evolução da espécie humana enquanto ser pensante. Gostava quando ele falava do poder da atração da lua sobre as águas e a influência que isso tinha sobre a época do corte do cabelo e da tosa das ovelhas no Gabão. Na verdade, ele não sabia se existiam ovelhas no Gabão, nem ela, mas, caso houvesse ovelhas lá, a lua certamente teria alguma influência sobre o processo de tosa. E, de mais a mais, ela acreditaria até se ele dissesse que a lua determinava a alta ou a queda da bolsa de Tóquio, tamanha cena que ele fazia quando explicava suas teorias.

Fazia uma voz soturna, mágica. Paulo Coelho apostaria que ele entendia de alguma coisa do além. Era um orador nato, tinha o dom da falácia como poucos. Sabia os fundamentos da iridologia, cromoterapia, sonoterapia e de vez em quando, no meio da conversa, parava, exigia silêncio e, sem mais nem menos, começava uns mantras em sânscrito ou qualquer outra língua sagrada, que ela não entendia nada. Ele fechava os olhos, ficava em posição de lótus e mandava, durante dois minutos, um bando de palavras incompreensíveis a um cidadão ocidental com entendimento acima da média. Na verdade, ela achava até engraçado, mas se segurava para não rir. Apenas esperava até que ele parasse com aquilo.

Ela o achava bonitão. Tinha cabelos grisalhos, andava dentro de casa descalço e com um turbante na cabeça. Sua cama ficava sob uma armação de titânio em forma de pirâmide, que ele acreditava trazer boas energias para o corpo e mente.

Como nada poderia mesmo ser perfeito, ela achou um grave defeito nele: era separado. Na sua concepção, não deveria envolverse com homens que já tivessem sido casados antes, porque isto significava problemas. E, além de tudo, ele tinha sete filhos. E os nomes dos

bichinhos, coitados, iam de "Andrômeda" a "Alfa-Centauro", passando por "Vênus" e "Úrsula Menor", entre outros. Tinha calafrios ao imaginar um filho seu com nome de nebulosa.

Mas se divertia com ele. Chegaram a sair algumas vezes, sem nada muito além de uns beijinhos. Ele bem que tentou passar a mão nos seus peitos, com um papo meio sem nexo de que pareciam duas anãs brancas, e sob a alegação de que, segundo achados astrológicos em papiros da antiga Ásia Menor, as deusas tinham peitos que pareciam anãs brancas. Ela achou aquilo tão anti-romântico que falou pra ele enfiar a mão no buraco negro dele mesmo. Deram risadas, mas ela sugeriu que não fossem adiante, por enquanto.

Até que descobriu, por acaso, no computador que ele utilizava no trabalho, um programa que sorteava previsões e combinava palavras-chave e signos aleatoriamente. Era assim que ele "previa" o que diria em cada coluna sua sobre cada um dos signos. Desencantouse. Continuaram amigos, mas ela afastou-se gradativamente dele.

26

Susan era "uma puta de uma gostosa". Foi isso que ele achou quando a viu.

Conheceu-a durante um torneio aberto de vale-tudo do qual participou. Nos dez segundos iniciais da primeira e única luta de sua vida, um pit bull de cento e dez quilos aplicou-lhe um telefone que quase arrebentou com sua orelha. Socorrido às pressas, foi levado à emergência babando e não falando coisa com coisa.

Ela era uma enfermeira linda, linda. Toda de branco, parecendo um anjinho, com um chapeuzinho da cruz vermelha na testa. Ele retomou o pé da situação calamitosa em que estava e viu aquela maravilha olhando e passando mertiolate no que tinha sobrado de sua orelha. Sentiu-se a criança cuidada pela babá carinhosa que fala aquelas onomatopéias do tipo "gut-gut" e "bilu-bilu". Queria ter um talquinho ali pra ela passar no seu corpo todo, queria nanar no colinho daquela delícia, queria que ela lhe desse banho, de água e de hipoglós, queria tomar dois litros de leite no peitão dela. Se tivesse um papel por perto, anotaria estes comentários infantis.

- Você está bem? - ela perguntou.

- Nenê qué mamá na mamã!

- Hein?

- Er... Aham... Cof... Cof... Desculpa, tô bem. Obrigado. Nossa, foi um telefone tão forte que se não fosse você eu ficaria com a ligação ocupada dois anos.

Ela riu. E o achou simpático. Conversaram um pouco, surgiu um clima. Combinaram de sair dali direto pra um drink no apê dele. Entraram aos beijos. Deu um coice na porta pra que fechasse. Encostou Susan na parede, beijou seu pescoço, chupou sua orelha. Ela tentou chupar a dele também, mas ele deu um grito, pois ainda doía muito. Abriu a blusa de enfermeirinha que ela usava. Parecia uma daquelas fantasias que os homens têm de transar com uma colegial, uma feiticeira, policial, coelhinha e outros animais do gênero.

- Uhuuuuuuu! – eram os gritos do Horácio.

Uhu? Esse papagaio comeu cocô. O alface dele deve estar cheio de agrotóxicos. Melhor trocar o fornecedor de verduras pra um que tenha alimentos orgânicos e... Mas que diabos! Pensar em alimentos orgânicos logo naquela hora? Coisa mais inoportuna! - pensou. Foi pro quarto, fechou a porta e passou a noite numa sessão de sexo interminável, como jamais tivera antes. Ele chegou arrebentando, com a única posição que conhecia e que tinha batizado capciosamente de "mamão-papaya" (não era nada além do bom e velho "mamãe-papai", a versão invertida do "papai-mamãe"). Estava no olho do furacão, no epicentro do terremoto, na crista do tsunami. E ela era insaciável, queria mais, muito mais. Louca na cama, uma máquina de fazer sexo. E, além de tudo, era poliglota transando:

- Yesssss...Aahhhh...Yyesssssss... Oh my god... Yessss - ela gritava. Isto ele interpretou como um sinal de que mandava bem e de que ela o chamava de um Deus da cama. Mandou ver na sequência.

- No... No... Oh, nooooo... - ela gemia. Agora a interpretação era de que alguma coisa estava errada. Tentava dar uma caprichada na performance.

- Yessss... No... Yesssssss... Oh, nooo... What the fuck is this, my god of the sky... No... Oh, my fuck... No... Yesss, no, yesss... Ahhhh... - ela gritava e gemia, indecisa. Pronto, agora

já não sabia mais o que fazer.

Até que ele foi ficando sufocado, cansado, destruído. Tentava se desvencilhar e ela o puxava, cavalgava, pedia pra ser cavalgada, queria sessenta e nove, vinte e um, duzentos e doze, cento e cinquenta e sete. Ele preferiu não arriscar o cento e cinquenta e sete porque na verdade não sabia muito bem onde entrava o sete. E ela pedia pra ele dizer baixarias no seu ouvido, mas ele tinha vergonha e não dizia nem "Rebola, ordinária!", frase corriqueira até em boca de crianças inocentes. Dava nó em pingo d'água com luva de boxe, escapava por baixo e lá vinha ela com o candelabro italiano, o frango assado, a pira olímpica, a batedeira elétrica, o microfone suíço e o grampeador de papel.

Voltou a considerar seriamente a ideia da engenhoca do motel. Desejou por tudo no mundo que ela se transformasse em uma pizza de calabresa e em dois litros de coca-cola estupidamente gelada. Pela manhã ela se foi, dizendo que ligaria.

Tudo que ele não queria.

27

Sebastian era professor de direito da faculdade. Era um chato. Aliás, talvez "chato" fosse denominação elogiosa para a figura. Quem sabe "pentelho" fosse mais adequado ao estilo. Formado em Paris, já tinha doutorado com trinta e poucos anos. Fazia o jeitão almofadinha, sempre impecavelmente arrumado, de terno de microfibra e gel no cabelo. Tinha um carrão importado e fazia questão de estacionar na entrada da faculdade para impressionar as alunas. Sempre às voltas com convites que fazia às mais gostosas da classe para que conhecessem seu apartamento, em festinhas invariavelmente sem nenhum convidado que não os dois.

Ela o havia conhecido há pouco mais de dois anos, desde que ele tinha voltado da França. E de vez em quando ele mandava flores a fim de tentar uma saída, um cineminha, um chopinho ou qualquer coisa que tivesse seu fim em uma cama de motel. Só que ela nunca aceitou sair com ele. Primeiro porque sabia que seria uma queimação de filme praticamente irrecuperável, e segundo porque achava que, por estar com Stevens, não deveria sair com alguém que tivesse segundas intenções embutidas em um convite ingênuo para sair.

Desde que soube que ela estava solteira e desimpedida intensificou as abordagens. Comprou uma caixa de bombons finos e mandou entregar anonimamente. Entupiu sua caixa de e-mails com mensagens de amor. Enviou, diariamente, por duas semanas, buquês de rosas coloridas em tons claros, sem saber que elas significavam amizade e solidariedade, e não paixão. Ela já nem sabia mais o que fazer com tantas flores. Paul Macartney, que era alérgico, espirrava o dia inteiro. Tinha flor pra tudo quanto era lado dentro da casa, da cozinha ao banheiro.

Tentou de todas as formas evitá-lo, mas também não queria desagradá-lo. Achava que havia certa inocência em suas atitudes, apesar de não cogitar, sob hipótese alguma, fazer qualquer tipo de caridade ou filantropia com aquela inocência. E, além disso, eram colegas de trabalho, de modo que tinha que administrar o conflito da melhor maneira possível.

Certo dia ele resolveu dar o bote. Sexta-feira, final do horário de aulas. Ela caminhava para seu carro quando ouviu alguém chamar, vindo em sua direção. Tentou fingir-se de desentendida, apertando o passo.

- Oiiiiiiii!

- Olá! - o tom foi simpático e o sorriso o mais falso possível. Mereceria um Oscar pela performance.

- São realmente expressionantes as coincidências que acontecem na nossa vida, né? - Sebastian era meio criação. Trocava o prefixo "in" pelo "ex", pois acreditava ser muito engraçada essa coisa ridícula.

- Expressionantes?

- É. E excríveis também. Coincidência a gente sair na mesma hora da faculdade. Isto pode ser um bom sinal. Exclusive, eu estava pensando se você não queria sair, tomar um chopinho...

Ela percebeu que seria difícil livrar-se do pentelho. Melhor seria sair logo de uma vez e lá dizer que não tinha nada a ver. De repente ele se tocava, parava com a insistência e deixava de mandar flores para sua casa. Resolveu encarar de peito aberto.

- Hum. Tá bom, vai.

- Yes! - e deu um rodopio no ar parecendo um daqueles passos de mestre-sala na avenida,

abrindo a porta de seu carro já de joelhos para que ela, a porta-bandeira, entrasse.

- Eu vou no meu e você no seu - ela disse, secamente.

- Parfait, madam! Seu desejô cest una orrden - achava culto dizer frases em falso francês tupiniquim.

- Onde vamos? - perguntou ela sem muito entusiasmo.

- Que tal o "Mané do Repolho"? Ouvi dizer que tem uma cerveja geladinha e oferecem repolho assado, frito, cozido, ensopado, maturado ou "al dente". Ao gosto do freguês.

Inacreditável que passaria o resto de sua noite comendo repolho com um chato que não lhe acrescentaria nada. Mas iria no sacrifício, pelo bem de não tê-lo mais pentelhando futuramente.

Conversar com Sebastian era insuportável. Primeiro pelo esforço descomunal para parecer engraçado e segundo pelo jeito prepotente próprio dos advogados. Era daquelas pessoas que tentam fazer com que você acredite que conhecem profundamente todos os assuntos. Do tipo especialista em política, música, cinema, teatro, em temas como o antigo Egito, o novo milênio, o velho continente, as novas tendências da moda em Paris, as minhocas da Somália, os frangos da Dinamarca e a guerra biológica no Curdistão.

Até economia, matéria que ela dominava como poucos, chegaram a discutir. Ele falou dos exvestimentos que costumava fazer, investimentos estes que ela jamais teria coragem de arriscar. Onde já se viu apostar na alta das ações de empresas que investiam no programa espacial da Exdonésia (esta foi a gota d'água)? E por acaso a Indonésia tinha tradição em foguete?

Ele se entupiu de repolho de tudo quanto foi jeito. E bebeu tanta cerveja que ela já imaginou o estrago. Aquela verdura fermentando no seu estômago e migrando para o intestino delgado, após misturar-se com a cevada (o agente catalisador), certamente traria consequências avassaladoras para quem estivesse dentro de um raio de pelo menos vinte metros ao seu redor.

E aproveitou o momento:

- Olha, Sebastian, eu sei, e você também sabe, que eu não sou inocente...

- Exocente - ele corrigiu.

- Exocente?

- É, não é engraçado isso?

- O que?

- Exocente.

- Hein? Muito engraçado, mas pára com essa merda – fazendo aquele olhar de peixe morto do Garfield.

- Desculpa, não vou mais ser exconveniente - já sendo altamente inconveniente e dando uma risadinha marota.

Ela respirou fundo, segurando a mão para não dar uma porrada na cara dele. E continuou:

- Eu vou te ser sincera, tá?

- Seja.

- Olha, você é um cara legal, inteligente e tudo mais. Poderíamos até dar certo, quem sabe, num outro contexto, mas eu estou numa fase complicada. Acabei de acabar um relacionamento e não quero me envolver agora. Prefiro deixar esfriar o que aconteceu, ficar um pouco sozinha, curtir meu momento e ver o que acontece. (Tradução simultânea: "Eu não te

aguento. Você me sufoca. E sufoca meu cachorro também. Não aguento mais sua insistência, suas piadas infames, seu jeito de playboy, sua arrogância, sua metidez. Você não tem a menor chance. Não me procura mais, não fala mais comigo, para de mandar flores pra minha casa, pelo amor de Deus!").

Esta é a melhor desculpa de todas, nunca falha. As pessoas sempre compreendem e se calam, sem insistir mais, pois não há como contra-argumentar motivo tão sensato, que é querer estar sozinho após um relacionamento longo e intenso.

- Como assim?
- Eu não vou ficar com você. Não dá.
- Mas por que?
- Porque não dá. Não quero.
- Mas por que?
- Não seja exsistente - ela disse
- Exsistente?
- É, insistente. Não é engraçado? Tchau!

Levantou e foi embora.

Ele pediu mais uma porção de repolho ao quatro queijos e ficou ali, amargando o exacreditável fora que levou.

28

Tamanha era a mudança na vida dele que um belo dia começou a frequentar aulas de dança de salão. Não tinha muita convicção se macho que era macho fazia dança de salão, mas de qualquer forma tinham lhe dito que costumavam ser cheias de ajeitadas solteironas, separadas ou desquitadas, ávidas pelo interminável bate-coxa que eram as aulas. No início achou meio estranho. Na verdade se achava um escroto dançando cha-cha-cha, tango, polca e fox trote. Ninguém mais no mundo dançava cha-cha-cha, tango, polca ou fox trote. Nem sua avó. Preferia um forrozinho, lambada, xaxado ou qualquer dança mais animada e que o permitisse enfiar uma de suas pernas entre as duas pernas da adversária. Mas havia um bom estímulo para que fosse um aluno aplicado e assíduo: uma aluna que era uma coisa de cair o queixo. Ficou afim de sair com ela desde a primeira vez que a viu fazendo o *passo doble*.

Sarah era uma quarentona divorciada, com jeito de que havia sido hippie na adolescência. Estava sempre com blusa de linha, de alcinha e sem sutiã, saia multicolorida e sandália no pé. Prendia o cabelo em um rabo de cavalo que deixava à mostra a tatuagem de um tribal na nuca. Imaginava-a rolando na lama de Woodstock com os peitos de fora, ou então doidona imitando Janis Joplin, ou mandando uma performance inesquecível de striptease ao som de "*Lucy in the Sky With Diamonds*", em cima da mesa de um pub londrino.

Tinha umas pernas enormes. Eram tão bem torneadas e grandes que o único medo que o acometia em relação a ela era ter uma ziquezira como causa do sufocamento provocado pelo envolvimento das mesmas ao redor de seu peito. Certa vez teve um pesadelo horrível, com as gigantescas pernas dela transformando-se nos tentáculos de um polvo que soltava um líquido roxo em seus olhos, cegando-o. Mas para ter aquele corpo em suas mãos até correria o risco de encarar o trauma. Qualquer problema marcaria umas sessões no psicanalista mais tarde.

Viraram parceiros de dança.

Em certos momentos ele parecia Paul Macartney. Não o grande comendador da ordem britânica, um dos maiores compositores de todos os tempos, baixista da maior banda que o mundo já ouviu, mas sim o basset depravado. Grudava nela e só soltava quando o professor ameaçava jogar um balde de água fria para separar.

Em um dia qualquer, ao final da aula, acabaram saindo. Foram para o apartamento dela. Era um ambiente básico e amplo. Enfeitavam as paredes alguns pôsteres enquadrados. Um com a foto do Jim Morrison; outro com a do Bob Marley e a bandeira da Jamaica; um terceiro com o Mike Tyson e a inscrição "*Freedom*"; e por último um que tinha a figura do Chaplin e o discurso de "O Grande Ditador". Não havia móveis na sala, apenas tapetes e almofadas. Para ele era mais do que suficiente. Àquela altura do campeonato não precisaria nunca de uma mesa de jantar, uma estante, um revisteiro ou um cachepot?

A noite prometia. Sarah não ligou as luzes. Botou um CD do Grateful Dead baixinho para dar o clima e acendeu duas velas que estavam em dois grandes candelabros, um em cada canto da sala. Abriu um livro do Kerouac em uma página aleatoriamente e orou em voz alta o primeiro parágrafo. Tirou as sandálias e besuntou o corpo com um óleo à base de plantas raras, procedimentos que foram imediatamente seguidos por ele, que caprichou na demão do tal óleo. Daí ela botou pra queimar um incenso, invocando o triunvirato "Jimi Hendrix, Bob Marley e John Lennon", com a finalidade de purificar o ambiente e as mentes dos dois. Ele

achou impossível que sua mente pudesse ser purificada, já que suas intenções eram as mais libidinosas possíveis. Mas teve que achar lindo, para não desagradar Jimi, Bob e John, que Deus os tivesse. Rezou junto, com um olho fechado e o outro meio aberto dando uma geral naquela maravilha, sem prestar atenção em nada do que ela dizia.

Em pouquíssimo tempo estavam pelados, com ele beijando aquele corpaço. Notou que ela tinha uma curiosa tatuagem de coração na bunda com a inscrição "*All you need is love*", o que o estimulou mais ainda. Estava pegando fogo. Seria uma noitada daquelas mesmo. Então ela tirou da bolsinha um cigarro do diabo e o acendeu. Porra, ele pensando em sexo e ela maconhada, escondida por trás da maresia absoluta.

- Um trago? - ela ofereceu.

Ele nunca tinha provado e era radicalmente contra quem utilizasse aquele tipo de expediente. Onde já se viu? Aquilo era inadmissível, intolerável. Não compactuaria com tamanho absurdo. Só pessoas fracas de personalidade, de mente impura, sem nada na cabeça e sem o que fazer da vida faziam aquilo. Nem que fosse a última opção da sua vida, sob hipótese alguma daria um tapa no cânhamo. Era a decisão mais correta, sem dúvida: ir embora indignado com tamanha desfaçatez e abrir mão de ter uma noite inesquecível com aquela delícia de mulher, de passar a madrugada beijando aquele corpo lindo, aqueles seios fartos e perfeitos, aquelas pernas carnudas, aquele pescocinho cheiroso e...

- Manda aí, vai.

Pelo bem de agilizar o processo e iniciar o que interessava, deu um trago fundo na erva para matar a guimba. E não sentiu nada... Não sentiu mais nada a partir daquele instante. Na verdade, não se lembrou nunca mais quase nada do que ocorreu desde então. Os únicos resquícios daquela noite foram duas manchas vermelhas no pescoço, que levaram cinco dias para desaparecer. E a vaga lembrança de estar imerso num líquido roxo, com duas enormes pernas entrelaçando seu peito, juntamente com Bob, Jimi e John assistindo a tudo e cantando, a três vozes e em estilo gregoriano, o clássico do cancioneiro popular "*Vacillated we Crau*" (na tradução simultânea: "Bobeou a gente Pimba"). Os três vestindo túnicas brancas e capuzes pontudo, como se fossem da Ku-Kux-Klan, enquanto dançava em volta dos três uma horda de felizes gnomos, o cão chupando manga e o telettubie amarelo. Horrível. Um pesadelo daqueles. Dali em diante só suquinho e salada, como já havia resolvido anteriormente. Saíram mais algumas poucas vezes, mas ele nunca mais deu um tapa em nada que pudesse fazê-lo sentir meros devaneios tolos.

29

Finalmente ela tinha conhecido alguém que prestasse. Smith tinha o dom de ser galanteador ao extremo. Era capaz de pegar em sua mão e recitar Vinícius de Moraes como se estivesse com um ponto eletrônico no ouvido. Cerrava os olhos e, lacrimejante, proferia: "Eu deixarei que morra em mim o desejo de amar os teus olhos que são doces; Porque nada te poderei dar senão a mágoa de me veres eternamente exausto; No entanto, a tua presença é qualquer coisa como a luz e a vida...". Recitava com a naturalidade e a entonação que fariam escorrer lágrimas até dos olhos de um crocodilo, se é que crocodilo chora.

Conheceram-se na academia. Ele, gentilmente, fez questão de ceder seu lugar na rosca invertida para que ela malhasse primeiro. Trocaram olhares, começaram a conversar e descobriram várias coisas em comum. Desde o gosto por vinhos finos até a admiração pela corrente social-democrata, passando pelo fascínio ante a melancólica fase azul de Picasso.

Ele era formado em filosofia e pós-graduado em linguística e semiótica. Escrevia coisas profundas, como, por exemplo, alguns questionamentos sobre a essencialidade do ser e a perfunctoriedade do estar, sobre o não-homem e sobre a influência da política de resultados nos rumos da realização profissional e pessoal. Jogava frases inteligentes ao vento. Escrevia poemas. Dedicou um poema para ela em versos alexandrinos todos terminados em proparoxítonas, que ele recitou sobre a quinta dança húngara de Brahms de fundo musical. Um luxo. Ela não entendeu um "a" do que ele quis dizer em nenhuma das linhas do poema, já que ele rimava "fétido" com "sôfrego" e "gênese" com "flácido".

Durante algum tempo saíram, com ele sempre falando belas palavras. Ficava procurando a melhor colocação do artigo e a concordância que lhe parecesse mais apropriada para o contexto da frase, fazia análise sintática enquanto estavam jantando, discorria sobre a importância do estribilho em contraposição à estrofe. Às vezes ela conseguia falar alguma coisa, entre uma respirada e outra de seus discursos.

Mas nunca ficaram. Não houve tempo. Ele foi escalado para representar o país no CONGRAFRICPDESENFILPOSSOC - Congresso Africano para o Desenvolvimento da Filosofia Pós-Socrática. Cinco anos fora. Estudos infindáveis sobre a influência dos Pós-Socráticos no pensamento moderno das sociedades primitivas africanas. Algo como ficar enfurnado numa tribo de pigmeus durante anos, vendo se tais pensamentos tinham algum resultado prático na organização do trabalho. Uma pesquisa de suma importância para os rumos da humanidade...

E ele se foi, prometendo voltar algum dia.

Tinha um carinho por ele, mas a bem da verdade, deu graças a Deus por ele ter ido. Já estava de saco cheio dos assuntos. Queria alguém pra falar de temas idiotas, alguém que soubesse a importância de uma piada, de um comentário estúpido e engraçado, de alguém que fizesse uma besteira de vez em quando e que não soubesse a etimologia da palavra "profilaxia".

De modo que ela sabia que jamais teriam outra chance.

30

Stephanie e Gostosão conheceram-se em uma sala de batepapo da internet.

Ela tinha um metro e setenta e seis de altura, sessenta e um quilos, era loira de cabelos cacheados, olhos muito azuis, pernas muito bem feitas, cem de quadril, seios fartos e maravilhosos, boca no formato da boca da Brigite Bardot e os olhos da Michelle Pfeifer. Era perfeita... Bom, pelo menos esta tinha sido a descrição que ela própria tinha feito de seus atributos.

Apesar de estranhar o fato de ela se recusar a mandar uma foto, ele, o Gostosão, como um ser humano desprovido de maldade no coração e que jamais desconfiaria da sinceridade humana, acreditou piamente.

Ele disse que tinha um metro e setenta e sete de altura, porque não podia ser menor que ela. Uma gata daquelas jamais ia querer conhecer um nanico. Qualquer coisa, arranjaria um sapato com dez centímetros de sola pra dar uma melhorada.

Ela era quente, virtualmente quente. Fazia sexo virtual como ninguém, mandando posições virtuais maravilhosas, como o virtualmente fantástico "*cyber-69*", o virtualmente enlouquecedor "*upload-download anexado*" e o virtualmente incrível "*web shaking eggs*". Certa vez, ela fez um striptease virtual que o deixou maluco, tirando lentamente cada peça de seu conjunto virtual roxo de sutiã e calcinha, ao som de "Mon amour, meu bem, ma femme". Realmente ela era um tesão. E com um *nick name* daquele ainda era pra enlouquecê-lo, pois idealizava uma deusa linda, tipo a princesa de Mônaco, acabando com sua raça em uma noitada inesquecível que só ela poderia proporcionar.

Teclaram durante bom tempo, até que o encontro real tornouse inevitável. Ele, o Gostosão, já estava apreensivo por vê-la. Consultou seu livro "Como Conquistar..." no capítulo "Chat - Chateie você mesmo", sobre relacionamentos virtuais, e o que recomendava era cautela, porque em noventa e nove vírgula nove por cento dos casos as pessoas mentiam sobre si.

Ele não mentiu. Jamais faria isto. Quer dizer, se não considerarmos a história de sua altura e a de que tinha uma MercedesBenz do ano ao invés do fuscão, não tinha contado nenhuma mentira.

Combinaram um chopinho.

Foi, estacionou o possante duas quadras mais à frente. Ela estranharia o novo design de sua Mercedes, parecendo um besouro vermelho e antigo. O difícil foi equilibrar-se naquele sapato que alugou em uma loja com artefatos dos anos setenta. Colocou uma das roupas que Sullivan lhe vendeu e foi, confiante que seu bom gosto faria vista.

Ao chegar, sentou em uma mesa lateral e ficou observando para vê-la chegar. Esperou meia hora, secou dois chopes escuros e mandou ver numa porção de pescoço de peru frito. Estava ansioso por aquele que poderia ser o encontro da sua vida. Deu a última conferida no bolso para checar se tinha trazido as camisinhas. Ok, tudo em cima. De repente entra no bar uma loira escultural, destas de parar o trânsito, maravilhosa. Era tão deliciosa que a bunda dela chegou quase três segundos depois que o resto. Caso estivessem em um castelo durante a idade média, trombetas de ouro soariam anunciando sua chegada, tambores rufariam enquanto a multidão, ao som de um coral de duzentas vozes, acompanharia a entrada triunfal dela pela

porta principal e o céu se abriria como reverência àquela cena impressionantemente perfeita. Era a mulher mais linda que já tinha visto. Veio andando, com um passo firme em sua direção. Parecia uma égua puro-sangue trotando em câmara lenta em um desfile da cavalaria inglesa. Quis pegar as camisinhas, enchê-las e fazer balões para jogar para o alto, numa festa em homenagem àquela coisa maravilhosa que se aproximava. Quis ajoelhar e rezar, regozijarse com o criador e agradecer por aquela bonança, aquela graça alcançada, aquele milagre divino que só poderia mesmo ter a intercessão direta de "Jota Cê". Se Deus fez as mulheres de uma costela, aquela ali tinha sido feita de um bifão de filé mignon. Nem lembrou de anotar qualquer pedaço destes últimos e maravilhosos comentários gastronômico-religiosos.

Arrumou-se na cadeira, levantou os olhos e estendeu a mão. Ela passou direto. Não era ela. Aproveitou a mão levantada e pediu um chopinho pro garçom, para não perder a viagem. E então eis que surge uma mulher magrinha, baixinha, óculos de fundo de garrafa, branca de leite, vesga, boca fina, com um vestido sem graça e segurando uma placa com a inscrição "Gostosão". No mesmo instante um calafrio tomou conta de seu corpo, acompanhado de vertigens alucinantes. Nem pensou duas vezes. Fez-se de desentendido. Ela veio em sua direção, meio que suspeitando que fosse ele o amado virtual e perguntou, com uma voz fina e estridente:

- Gostchosão?
- Hein?
- É você?
- Eu quem?
- É você que tem uma Melcedes?

Sem titubear, mudou a voz e a fisionomia.

- Ih! Oh! Aí, mina, eu tenho é uma fuca bala meia sete. Qualé o K.O. aí, filé?
- Ah, desculpa.
- Tem pobrema não, aí! Os pessoal sempre confunde eu aí, tá ligada?

Pediu a conta e saiu, equilibrando-se na plataforma que tinha alugado.

Deu um *control-alt-del* na ideia da internet.

31

Ela continuava dando aulas, normalmente. Pelo menos tudo estava em seu lugar, caminhando sem maiores percalços.

Certo dia voltou para casa após ter ministrado uma palestra na faculdade de ciências econômicas. Estava muito cansada, pois aqueles eventos, além de desgastantes emocionalmente pela própria palestra em si, eram altamente chatos por conta do clima de formalidade. E por ter ela que fazer a social e sorrir para as cantadas dos executivos da plateia, que vinham cumprimentar sugerindo um jantarzinho após o término. Odiava aquilo, mas os ossos do ofício mandavam que fosse ao menos cordial. Sempre se esquivava com classe.

Chegando, jogou o material em cima da mesa e a roupa em cima da cama. Foi tomar um banho. Tomava banhos longos, de banheira, com sais. Fazia espuma e ficava de walkman na orelha, escutando uma das divas Ella Fitzgerald, Sarah Vaughan ou Billie Holiday. Era nestas horas de total intimidade consigo mesma que tinha as grandes ideias, tomava as melhores decisões ou então apenas relaxava e pensava na vida.

Após o banho demorado, vestiu uma camisola de seda que a deixou mais gostosa do que o normal e foi até a sala com um chinelinho de coelho e um daqueles turbantes que se faz com a toalha na cabeça. Ligou o computador e foi dar uma verificada nos e-mails que costumavam entupir sua caixa, ainda mais quando ficava dois ou três dias sem abrir.

Aparentemente nada de diferente, além do habitual. Um monte de mensagens em inglês que ela nem abria, pois sabia serem propagandas de coisas que jamais iriam interessá-la. Já deletava antes de ler. Havia também duas piadas de Sandra sobre a inferioridade masculina. Não achou a menor graça. E uma última mensagem, de algum desconhecido. No local onde deveria vir o nome do remetente apenas aparecia "(nenhum)", e no local do título da mensagem vinha escrito: "Primeiro Capítulo". Abriu só por curiosidade, pois tinha raiva de quem não se identificava. Viu que era um e-mail destinado somente a ela e começou a ler, sem entender nada.

Era uma história de amor, sem tempo e nem espaço definidos, sobre duas pessoas que não se sabia como eram, de onde vinham, para onde iam, como se conheceram ou onde estavam em cada momento. Uma bela história...

"Primeiro Capítulo

Era uma vez um mundo muito diferente. Na verdade, esse mundo não existia fisicamente. No exato instante em que ele fitava os olhos dela e ela, sem graça, dava aquele sorriso tímido, o mundo se criava. Ninguém o via, a não ser os dois. Era todo transparente, claro, de vidro, aconchegante e pequeno, pois tinha seu limite um pouco além da distância entre seus corpos. Mas como era grande, meu Deus! Aquele mundo diferente era enorme, fascinante, cheio de coisas legais e belas. Tinha belas histórias, lindos lugares, não tinha frio, medo, inveja, raiva ou mentira. O principal sentimento que imperava naquele mundo era a ternura de olhar, de sorriso, de palavras, de fascinação. Lá só se comiam coisas

gostosas, não havia política, corrupção, poder ou preocupação. Nem dinheiro e bens materiais. Cinquenta por cento da população daquele mundo (ela) representavam a beleza, a doçura, o carinho, a tranquilidade. Os outros cinquenta por cento (ele) representavam o desejo, a vontade, o fascínio pelos cinquenta por cento restantes (ela). De modo que viviam em harmonia. Ele não avançava dentro dos limites da parcela de terra que cabia a ela naquele latifúndio, ficando de longe apenas agradecendo para si a chance de viver em tal mundo de vez em quando. Conversavam, só isso, e parecia que, mesmo falando alto, as palavras não extrapolavam os limites daquele espaço imaginário. Tudo guardavam para si, porque a ninguém mais interessava o que acontecia ali dentro. Ele a desejava demais e faria de tudo naquele mundo por ela. Quando estava imerso nele, sem limite definido, sem noção de tempo, sem ideia de certo e errado, nada mais importava. Apenas queria tê-la em seus braços, segurá-la forte no seu peito, ver os olhos dela sempre brilhando para ele e ouvir sua boca falando o que quisesse. Ele não era lá essas coisas, mas tinha seus encantos. Era sincero, tranquilo. Ela parecia gostar. Bastavam alguns segundos perdida ali para que a paz invadisse seu peito, esquecesse os problemas, achasse tudo belo e engraçado. Era meio tímido e envergonhado, mas com ela se soltava e dizia tudo o que não costumava ter coragem. Ficava esperto, sentia-se um grande homem. Aquele mundo tinha essa influência estranha sobre ele. Já ela parecia não se abalar tanto assim. Não tinha coragem de dizer tudo. Continuava tímida, insegura. Era maravilhosa, grande, mas se apequenava quando questionada sobre seus sentimentos. Questionamentos estes com o intuito de ajudá-la, de fazer com que ela se sentisse segura ali, naqueles momentos tão perfeitos. Ele queria ser perfeito também, mas sabia que tinha defeitos, fraquezas e inseguranças, de modo que precisava mesmo dela às vezes. E lamentava quando o mundo se destruía, quando ela ia embora. Ficava olhando calmamente ela partir. Seu corpo, lindo, indo ao longe e seu cabelo brilhando, deixando para trás o desejo de encontrá-la novamente no mundo de vidro dos dois.

Era o mundo perfeito, e ia assim, sendo criado e destruído todos os dias...".

Parou por alguns segundos, olhar ao longe, sem entender o que significava aquilo. Teve certeza absoluta de que a mensagem havia sido enviada equivocadamente para seu endereço eletrônico, mas ficou imaginando como deveria ser o autor de tão belas palavras. "Que bom que ainda existem pessoas com esta sensibilidade e capazes de expressar sentimentos tão puros", pensou ela.

Ficou na dúvida se mandava para a lixeira ou se guardava aquela mensagem tão legal. Como tinha sido a única destinatária, decidiu guardar. Quem sabe fosse mesmo pra ela a mensagem e quem estivesse fazendo a surpresa se revelasse logo. Daria boas risadas se descobrisse ser alguém totalmente inesperado. De qualquer forma, não deixou de observar que o remetente tinha criado uma conta de email com o endereço: "omundodevidro@mail.com".

Nem respondeu a mensagem. Só fez esquecer.

Desligou o computador e foi deitar.

32

Mesmo que tentasse não conseguia esquecê-la, ainda mais porque a banda de Maurice havia gravado sua música, que já tinha relativo sucesso, primeiro lugar em algumas rádios em diversos cantos do país. Sempre que começava ele mudava de estação logo na introdução, pois ainda não tinha absorvido o impacto de não vê-la mais. Tinha orgulho, mas não queria escutá-la.

Pelo menos estava capitalizando uns trocados. Já havia recebido um gordo cheque relativo aos direitos autorais por sua única criação, mas por mais que o dinheiro estivesse entrando aquilo o incomodava profundamente, pois era proveniente da responsável por seu infortúnio de amor. Por diversas vezes esteve pensando neste seu infortúnio. Lembrava de cada um dos pouquíssimos momentos com ela, sentia seu perfume nas mulheres que cruzava nas noites, ouvia sua voz onde não havia ninguém, enxergava seus olhos negros nas nuvens carregadas pelas chuvas que caíam, deixando mais depressivos que o habitual seus domingos solitários. Via seu sorriso na boca de cada uma das pessoas que julgava serem felizes pelo simples fato de andarem sorrindo. Sabia que se houvesse um dia em que fosse obrigado a optar entre o ar e sua amada, acabaria dando seu último suspiro aconchegado em seus braços. Invariavelmente, quando no escuro de seu quarto estava, a última imagem que vinha na sua mente antes do sono profundo era de seu rosto perfeito. Cansou de sonhar as mais diferentes situações ao lado dela.

Como gostaria de poder não ser tão medroso ou orgulhoso e ter coragem de ligar e tentar explicar o inexplicável, justificar o injustificável, na vã tentativa de sensibilizá-la com seus motivos e fazêla enxergar que seu amor era o que de mais puro poderia haver! Teve vontade de ligar como da primeira vez, com a simples intenção de ouvir seu "alô", mas na mesma intensidade teve medo. Não o medo puro de ser incompreendido, mas o de, ouvindo sua voz, alimentar ainda mais uma paixão fadada ao ostracismo, ao esquecimento, a figurar para sempre no limbo de sua memória.

Ficou na indecisão por algum tempo. Pesou os prós e contras de procurá-la. Poderia, em uma previsão otimista, chegar e encontrála completamente acabada e triste pelo vazio em que havia se tornado sua vida, provocado por um ato impensado de fugir, e então convencer-se de que havia perdido o grande amor de sua vida: ele. Então ele chegaria e, num gesto de benevolência, perdoaria sem ressentimentos. Seriam felizes para sempre. Ou então, numa previsão mais pessimista, chegaria e ela nem abriria a porta. Seria recebido pela janela mesmo, tentaria argumentar suas razões e ela jogaria um vaso na sua cara. Ele desviaria e o vaso quebraria no chão, como em novela. Nunca mais se veriam.

Decidiu que o melhor era procurá-la e tentar pelo menos voltar a ser seu amigo. Que fossem pro inferno as consequências de seu ato, afinal de contas a poeira já havia baixado. Ela não podia ser assim tão durona.

Fez de tudo para convencer-se disto.

33

- Alô! - ela atendeu. - Alôôôôuô! Ela estremeceu. Reconheceu a voz. Não imaginou que teria coragem de ligar, depois de tudo o que havia acontecido. Não era possível que ele teria essa cara de pau de ainda procurá-la. Devia ter mudado o número do telefone.
- O que você quer?
- A gente precisa conversar.
- Não tenho nada pra conversar com você.
- Por favor, deixe que eu me explique!
- Não, de jeito nenhum.
- Por favor!
- Não tenho mesmo nada pra conversar com você neste momento.
- Veja bem, não vamos agir como crianças. Sei que você está com raiva, mas acho que poderíamos nos encontrar pra esclarecer as coisas. Não era nada do que você tava pensando.
- Sei...
- Por favor! A gente podia jantar amanhã e colocar os pingos nos i's.
- Ah, não sei não.
- Por favor.
- Não sei não.
- Por favor.
- Sei não.
- Por favor.
- Não.
- Ah, por favor, vai - afinou a voz, coisa típica de gente apaixonada.
- Tá, vai. Você não vai me deixar em paz mesmo, né? Te encontro amanhã, às sete, no Veadinho de Prata.
- Tá. Veadinho de Prata. Às sete. Um beijo.
- Tchau, Stevens.

No dia seguinte, às sete horas lá estava Stevens, chegando diretamente do aeroporto. Era um restaurante aconchegante, pequeno, todo em madeira. Lembrava aquelas choupanas do Asterix, com um sujeito tocando violino ao fundo, cabeças de veado na parede, fotos de montanhas com neve e uma lareira acesa. Foi atendido por um garçom loiro e branquelo, que usava uma roupa colada preta, colete verde por cima, calçando tamancos de madeira de holandês, alaranjados e com um bico apontando pro céu. Tinha um chapéu que era um chifre de alce na cabeça. Era ridícula a figura, mas fazia parte do clima do lugar.

Pediu um leite de cabra com conhaque, esquema refil, daqueles que se paga uma vez e se toma quantos copos aguentar. Uma hora e meia depois, quando também sua bunda já tinha ido pras cucuias e ele não aguentava mais leite de cabra, ela chegou.

Como de costume, estava linda.

Parece que demorou se arrumando só pra deixá-lo amarradão. Pernas à mostra. Vestidinho preto colado ao corpo. O perfume que exalava era de deixar o jardim do éden com vergonha de tão fedido. Ele tentou utilizar a velha tática de dar dois beijinhos no cantinho da boca, mas ela já esperava isso. Desviou como se fosse o Garrincha dando um olé em um de

seus Joões-bobos. Sentou e começou:

- Nem vem que não tem, tá?

- Mas, meu amor. Eu tava carente de amor. Pôxa, já passou tanto tempo! E de mais a mais ela não significou nada pra mim.

- Quem? A vagabunda?

- Também não é assim. Ela não é vagabunda. Eu a conheci numa festa. Eu tava bebum e ela me deu carona pra casa.

- Sei, e ainda foi no carro da vagabunda!

- Não, vagabunda não. Ela me fez um favor de não me deixar dirigir chapado. Isso é um perigo hoje em dia!

- Ah, muito dada a serviços sociais a vagaba!

- Já falei que ela não é vagabunda. Tá certo que eu nunca tinha nem falado com ela, mas eu me perdi no álcool e acabei ficando inconsequente. Ela...

-... a vagabunda...

-... tirou minha roupa para que eu me sentisse mais à vontade.

- Nossa! Que destreza, não? Você nem notou que estava pelado e embaixo dela em dois segundos? Só uma vagabunda consegue isto com um cara de noventa quilos.

- Vagabunda não.

- Vagabunda sim.

- Não vamos generalizar.

- Vagabunda, vagaba, vagabinha, vagabaça, vagabona e todas as terminações que podem caber na palavra.

Tava difícil convencê-la. Então ele apelou para a mais infalível das táticas, o plano B, a opção suicida, a perigosíssima e mais arriscada das tentativas, a última bala da agulha, a técnica limite, a derrocada final, o derradeiro suspiro, o método utilizado apenas em situações de extremo risco, como aquela:

- Ô toisinha mai totósa do tatai, pedôa ti nenê ati! Vô ti potá no tólinho i fitá di concinha com mamã i dá monti di bessinhos na mamã pá vê si mamã num fica bava com tatai ati. Ti ama tatai! Ô cô má celósa do tatai! Favôôô! Tatai num guenta mai ficá atim! - (Tradução simultânea: Ô coisinha mais gostosa do papai(Stevens), perdoa o nenê(Stevens) aqui. Eu vou levar a mamãe(ela) pra cama, ficar de conchinha e exauri-la sexualmente pra ver se a mamãe(ela) não fica mais puta com o papai(Stevens) aqui, que sabe que fez uma grande merda e agora tem que ficar recorrendo a este tipo de expediente. Eu(o papai) te amo! Ô coisa mais cheirosa(ela) do papai(Stevens)! Por favor, vai, porque o papai(Stevens) aqui está se sentindo um idiota(Stevens) falando assim na frente do restaurante(Veadinho de Prata) inteiro).

Pronto, foi o suficiente pra ela acreditar nele. Falando que nem neném, e com um "eu te amo" no meio, aí ficou difícil resistir. Tanto que pediu desculpas por ter sido incompreensiva em não entender os sentimentos dele, em não ponderar que a distância tinha destas coisas, em não avaliar prudentemente que homem é assim mesmo e por ter sido muito cruel em terminar por um simples chifre colocado na sua cabeça. Afinal de contas, o que é um chifre? Nada, quase! Um chifrezinho não é o fim do mundo! É só um galho na cabeça, nada grave. O que mais, senão uma pequena galharda retorcida enfeitando a cachola? Um chumaço de ramos secos adornando a parte superior do corpo? Um apêndice duro e recurvo guarnecendo a região entre os olhos e a nuca? Um tegumento marrom e cascudo compondo artisticamente o visual do

cabeção? Um reflorestamento pessoal tendo como solo o couro cabeludo? Ou seja, uma coisa sem nenhum impacto ambiental ou qualquer importância para o instituto do patrimônio histórico e artístico nacional.

E foram pra casa, direto. Entraram aos beijos. Estavam se engalfinhando nus na cama antes mesmo do Paul Macartney chegar e pegar a perna de Stevens.

Ele não era assim o que se podia chamar de um latin lover, um Casanova, um atleta de alcova, um expert na arte horizontal. Enfim, não era muito bom de cama, ficando sempre no tradicional papai e mamãe. Não tinha muita criatividade. Ela se esforçava pra inventar uma posição nova, colocando a perna por ali, por aqui, virando o corpo e entrando por baixo. Mas nada que fizesse inveja ao Kama Sutra e aos mestres do sexo tântrico.

Sintonizaram uma rádio e ficaram ali deitados, curtindo a volta. Foi quando, de repente, numa manobra rápida, intrépida, arrojada e lépida, ele deu um pulo da cama, sem pedir licença. Foi correndo pro banheiro e lá ficou por quase meia hora. Era a sequencia de leite de cabra reagindo. Tal qual uma lava que vem do interior da terra fazendo pressão até a explosão final na boca do vulcão, a merda saía de Stevens sem parar, ininterrupta e interminavelmente. Ele dava pequenos urros de dor.

Ela achou aquilo tão anti-romântico que até perdeu o tesão. Vestiu-se e ficou deitada na cama, de olhos fechados. Então começou a sentir que alguma coisa diferente a incomodava naquela situação, e não era o cheiro proveniente do banheiro. De repente, o som que saía baixinho do aparelho de som começou a tomar parte do ambiente, com uma melodia ao mesmo tempo doce e forte. De imediato ela não reconheceu, mas a voz entrou cantando uma letra que começou a lhe parecer familiar. Esforçou-se para lembrar de onde conhecia aquela canção, até que começou a reconhecê-la. Era a música composta por aquele louco que mal a conhecia. O arranjo, com cordas conduzindo a linha vocal, era lindo. O refrão entrava e saía tão harmoniosamente com a base ao fundo, que ela foi se envolvendo, entregando-se de olhos fechados e ainda deitada sobre o lençol de seda. Sentiu a música nos seus ouvidos e um arrepio que ia da nuca ao meio das costas, numa sensação quase indescritível, de tão estranha, inusitada e nova. Foram os três minutos mais esquisitos de sua vida, provocados por algo que ela tentava negar. Quando Stevens voltou do banheiro encontrou-a de olhos fechados, completamente fora dali e com uma expressão serena e calma como um anjo.

- Desculpa, meu amor. Leite de cabra. Foi mal aê!

Ela não disse nada. Apenas pediu que ele se fosse, pois não queria que ficasse ali naquela noite. Inventou a desculpa de precisar ainda absorver a volta abrupta do relacionamento. Combinaram que ele voltaria para sua cidade com a promessa de tentarem apagar tudo de ruim que tinha acontecido anteriormente. Ficariam juntos e marcariam novamente o casamento dali a algum tempo. Stevens foi ao portão com ela. Abriram. Ela só de camisão. Beijaram-se. Stevens entrou no táxi e foi pro hotel.

E ela confusa.

34

No mesmo instante em que o reencontro dela com Stevens acontecia no restaurante, ele se preparou para aquele que poderia ser o momento crucial de sua vida, que poderia definir sua felicidade suprema e eterna ou decretar o fim das esperanças de dias felizes na vida. Estava com a intuição de que tudo acabaria do jeito que mais desejava.

Preparou-se como nunca. Colocou sua melhor roupa, seu melhor perfume e passou para comprar uma rosa, que já sonhava entregar quando chegasse e os olhos dela brilhassem com sua aparição. Estava sereno. Um pouco apreensivo, é verdade, mas muito mais calmo do que estaria em uma situação desta há pouco tempo.

Foi no fuscão, ouvindo um CD de músicas italianas, do Pepino di Capri, para entrar no clima romântico que a ocasião pedia. Queria chegar desarmado de qualquer maldade ou rancor pelo ocorrido.

Deu azar.

Chegou no exato instante em que Stevens ia embora e a beijava no portão. Passou direto, estacionou alguns carros à frente. Ficou espreitando pelo retrovisor a cena que jamais imaginaria naquela noite: ela nos braços de outro. Reconheceu este outro como sendo o escroto da foto que ela segurava quando esteve em sua casa pela primeira vez e finalmente lembrou-se de tê-los visto pela televisão naquele fatídico reveillon solitário da virada do milênio.

Aquele momento representou o fim do sonho de tê-la algum dia em seus braços, principalmente pela lembrança da felicidade demonstrada pelos dois na entrevista diretamente de Nova York. Não podia acreditar que tinha sido tão idiota, tão inocente! Ficou muito puto consigo mesmo. Convenceu-se de que ela não merecia o amor puro e verdadeiro que ele tinha e de que, no fundo, ele era demais para ela. Jamais iria permitir-se novamente outra chance.

Aquela tinha sido a gota d'água. Começou a chorar, dentro de seu carro, sozinho. Uma chuva fina começou a bater contra o vidro, e as gotas escorriam como as muitas lágrimas que corriam de seus olhos. Pegou o CD que tocava e mandou pela janela. Que o Di Capri enfiasse o pepino no rabo. Aquela seria a trilha sonora de seu desencanto. Nunca mais ouviria canções italianas. Colocou o CD do Birinaite, uma de suas bandas preferidas, no mais alto volume que suas caixas de som podiam suportar, e saiu à máxima velocidade que seu modesto fusca aguentava.

A música dizia:

"... hoje eu só chego amanhã, só volto carregado, quem estiver do meu lado vai ter que me aturar, e se não aguentar pode ir embora que eu não vou ficar de fora. Eu vou me espalhar, ninguém pode me juntar, só quero saber de beber até cair, não existe miséria nesta noite, vou torrar minha grana, tudo pra poder me divertir...".

Acabou a noite na cidade baixa, com Sofia, uma puta lindíssima, escultural, loira, de mais de um e oitenta de altura e que fazia de tudo, sem restrições. Dormiu no ambiente dela, um quarto e sala modesto e sem nenhum luxo. Não fizeram sexo. Ela ficou acariciando-lhe o corpo enquanto ele, de olhos fechados, só conseguia pensar na cena que vira há pouco. Não conseguiria mesmo ficar excitado depois daquilo. Na verdade, não falou nada durante a noite inteira.

Pela manhã pagou o que devia e saiu como entrou, calado.

35

Alguma coisa a incomodava ainda, mas não sabia o que era ao certo. Sentiu-se realmente estranha ao escutar a música no rádio. Por que será que havia lhe tocado tanto assim? Será que porque sabia que a música era pra ela? Ou simplesmente pela beleza da melodia e da letra? Tinha voltado de verdade com Stevens, mas não estava feliz, definitivamente. Tentou se convencer de que era melhor encarar a volta como algo positivo, caminho natural da vida, chance de reconstruir uma relação que havia sido tão bela tempos atrás. Mas a ferida ainda estava aberta. Por mais que fechasse com o tempo, deixaria pra sempre a cicatriz que representava uma época de sofrimento. Teria que administrar isto, caso quisesse encarar novamente, e de verdade, o relacionamento.

O final de semana serviria para que colocasse os pensamentos em ordem, reorganizasse os arquivos na cabeça e voltasse a seguir o caminho com a convicção de ser mesmo o caminho certo. Ficou de bobeira, lendo os artigos que escrevera e que mandaria para a publicação na seção semanal de economia do jornal.

Almoçou sozinha, escreveu algumas coisas, assistiu ao filme da televisão e dormiu. Ao acordar ligou o computador para verificar os e-mails. Havia um de Stevens, contando como havia sido a volta para casa e se derramando por terem voltado bem. Duas ou três piadinhas de colegas da faculdade e mais uma mensagem "(nenhum)". Desta vez vinha escrito: "Segundo Capítulo".

O coração disparou.

Confirmou mais uma vez ser ela a única destinatária da mensagem. E leu:

" ***Segundo Capítulo***

Conheceram-se numa destas encruzilhadas da vida. Ninguém em sã consciência, inclusive os dois, afirmaria que entre eles poderia haver alguma coisa. Mas, por obra do acaso e do imprevisível, ou como se o destino estivesse brincando, criaram entre si uma relação de enorme cumplicidade e envolvimento.

No início era uma amizade pura e simples. Encontravam-se esporadicamente nos lugares mais improváveis e espantavam-se por isso. Daí a passarem a frequentar os lugares mais prováveis foi um pulo. Esperavam ansiosamente por momentos ao lado do outro, mesmo que apenas por uma olhada ou troca de sorrisos.

Até que ele começou a perceber que já não conseguia deixar de pensar em sua beleza nem por um instante em que estava acordado. E por muitas vezes sonhou com seus olhos. Acordava com ela ali, mas sozinho.

Então ele foi procurá-la dentro de si e descobriu que ela já preenchia grande parte de sua vida, porque muito do que fazia era em função de achar algo para agradá-la, que a fizesse mais feliz. Que fosse capaz de plantar nela a vontade de estar sempre perto dele.

E passaram a intensificar uma relação calada, implícita, sem o rótulo de que estavam juntos. Até porque não estavam. Ele jamais havia chegado perto demais, e, ainda assim, eram mais próximos do que muitos que se beijavam e trocavam carícias. Ela conhecia

muito mais sobre ele do que a soma de quase todas as outras pessoas a quem ele já tinha revelado seus segredos. E ele também sabia quase tudo o que ela pensava, queria ou gostava, mesmo sendo fechada e envergonhada em revelar seus sentimentos. Por diversas vezes ele se pegou falando por ela o que ela mesma queria dizer e não tinha coragem, pois não estava acostumada a revelar seus segredos. Ela se tornou menos tímida, menos preocupada com o que os outros diziam e mais confiante para enfrentar os problemas normais do dia-a-dia. Criaram um mundo só para eles, e usaram aquele lugar de um vidro imaginário como refúgio para o que sentiam. Eram felizes. Nada fora dali era capaz de abalar sua solidez".

Notou que aqueles e-mails, capítulo a capítulo, começavam a formar uma espécie de livro. Mesmo que não entendesse ainda o real significado da história, que não entendesse a razão de receber aquilo, e muito menos que não estivesse convencida de ser ela mesma a destinatária daquelas palavras, resolveu investir. O máximo que poderia acontecer seria desvendar o que significavam as mensagens e então chegar ao remetente. Digitou uma mensagem de resposta, sorrindo:

"*Não sei quem você é, nem por que me manda estas mensagens. Nem sei também se só eu mesmo as recebo. Só sei que estou curtindo a história. Olha que eu tenho minhas suspeitas, hein?*".

Preferiu ser bem seca e direta para não dar tanta bandeira. Imprimiu os dois capítulos e os guardou na gaveta do criado-mudo, ao lado da cama.

Começou a gostar daquilo.

36

Ele decidiu esquecê-la de uma vez por todas, e melhorou de vida sensivelmente. Estava mais tranquilo, abandonou a vida de luxúria que levava. Mas era o homem que nunca havia sido, nem solitário e nem doido. Estava mais seletivo em relação às mulheres. Não tinha mais tanta paciência com as que só queriam uma noite e nada mais. Queria, sim, alguém que tivesse em troca algo mais a oferecer além de um orgasmo. Uma mulher tranquila, inteligente, serena. Com estas características só conseguia ver na sua frente aquela que tinha sido seu grande amor. Só que aquele grande amor era inalcançável, e ele sabia que merecia achar outra pessoa. Pediu, nas muitas horas em que esteve sozinho, que fosse esta a vontade do destino.

Era meio de semana. Batman, seu amigo da boate, havia feito o convite para que fosse a uma badalada festa, com a presença de uma coelhinha da playboy e cerveja por conta da casa, sem ficha. Recusou o convite. Inacreditável, mas recusou o convite! Estava meio baixo astral naquele dia, de modo que ficaria sozinho assistindo a algum programa da televisão mesmo.

No início da noite o telefone toca.

- Alô!

- Alô... snif... - era alguém chorando.

- Quem é?

- Sou eu, Sullivan. Lembga de mim? Da "Bai de Áueg off déf".

Lembrou-se da bichinha gente fina que o havia atendido, por ocasião da compra das roupas extravagantes. Reconheceu a troca dos "erres" pelos "gês". Achou estranho aquilo, mas... Bem, diante de tanta coisa que tinha acontecido nos últimos tempos, aquilo não era nada.

- Lembro. E como você tá? O que houve? Por que tá chorando? Calma!

- Ai, desculpa... Snif... Acho que não deveguia ter ligado assim pga sua casa. Tomei a libegdade de pegar seu telefone no cadastgo de clientes da loja... Snif... Snif...

- Tudo bem, sem problemas. O que houve?

- Sabe, você foi tão legal comigo aquele outgo dia. Eu pguecisava de alguém entendido de guelacionamentos. Pga convegsar, pga desabafar, sabe? - ainda com voz de choro.

- O que houve? Foi o general?

- Não é genegal... Snif... É cogonel.

- Que seja. O que foi?

- Bem, ele me bateu... Snif... E me deixou e...

- E você tá puta porque ele te bateu? Com razão. Tem que dar queixa na delegacia da mulher, menina!

- Não! Só tô tguistinha pogque ele me deixou... Snif... Snif.

Porra, agora era conselheiro da bicharoca. Nunca imaginou que chegaria a tal ponto. Mas o cara era gente fina, e seria sacanagem deixá-lo na mão.

- Bom, primeiro respira fundo e pára de chorar.

- Tá - ainda chorando igual a uma cachoeira.

- Agora repete pausadamente comigo: "o rato roeu a roupa do rei de Roma".

- Snif... O gato goeu a goupa do gay de Goma... Snif...

- Bom, bom! Agora mais outra, concentrando: "comprei uma arara cara em Araraquara".

- Compguei uma agaga caga em agagaquaga.

- Isso, mais um pouco agora, respira fundo, catarse, sentindo o clima, foco na região abdominal: "quem com ferro fere com ferro será ferido". Vai, pausadamente...

- Snif... Snif... Quem com fégo fégue com...- e abriu o berreiro - aí, pôga, até você tá me sacaneando... Snif... Snif...

- Foi mal, não resisti.

- Ai, dugma-se com um bagulho desses, viu? Snif...

- Bagulho? Quem é o bagulho que dorme com você? O almirante?

- Não é almigante, é cogonel! Ele é lindo, tá? E não é desse bagulho que eu tô falando. É bagulho de fazer um som.

- Bagulho de fazer um som? Não tô entendendo nada. Bagulho, que eu saiba, é cigarro que passarinho não fuma. E não faz som nenhum. Nossa, como você é enrolado.

- Engolado é você. Bagulho é bagulho, e pgonto... snif

- Ok, então pára de chorar.

- Snif... Snif...

- PÁÁÁÁÁÁÁÁÁRA, PORRA!

Reparou que Sullivan só trabalhava sob pressão.

- Tá... Snif.

- Parou?

- Paguei.

- Pagou o quê?

- Não paguei ninguém. Eu só tô dizendo que paguei.

- Você tava devendo dinheiro pra alguém?

- Não! Paguei, do vegbo intgansitivo "pagar". Não é pagar do vebgo tgansitivo indigueto "pagar", tipo pagar alguma ggana pga alguém. Nada a ver com dinheigo. Não éga pga pagar com a chogadeiga? Então, paguei.

Não entendeu porra nenhuma, mas aproveitou que ele tinha parado de chorar e continuou:

- Primeiro você tem que decidir o que quer. Quer que ele volte?

- Quégo.

- Quer mesmo?

- Quégo, cguiatuga! É a coisa que eu mais quégo. Sabe, nunca vou encontgar alguém tão fogte, gostoso, queguido e que me guespeite daquela maneiga.

- Respeito? Ele nunca vai parar de bater em você. Tá no sangue.

- Que bom!

Agora era ele quem queria meter a mão na cara do Sullivan. Ô raiva daquela falta de amor próprio! Mas entendeu as razões dele. Cada um sofria do jeito que achava mais conveniente. Ele também havia tido um grande sofrimento de amor, de forma que não iria reprimir.

- Então liga pra ele.

- Você acha que eu devo?

- Ué. Deve. Não é isso que você quer?

- É. Ai, que conselho bom. Pogque eu não tinha pensado nisso? Então vou ligar. Obguigadão! Valeu, amiguinho.

- Tá. Falô!

- Um beijo.
- Hein?
Desligaram.
Toca o telefone novamente, na sequência.
- Alô!
- Mas você acha que eu devo ligar mesmo?
- Acho que se você não ligar vai se arrepender pro resto da sua vida.
- Então vou ligar.
- Tá. Falô!
- Um beijo.
- Hein?
Desligaram.
Toca o telefone de novo.
- Alô!
- E se ele não quiser falar comigo?

Porra, mas que caralho. Será que ele ficaria ligando a noite inteira? Respirou fundo. E falou, pausadamente:

- E - le - vai - que - rer! Liga logo.
- Então vou ligar.
- Tá. Falô!
- Um beijo.
- Hein?
Desligaram.
Toca o telefone.
- ALÔ! - já atendeu puto.
- E se ele não estiver?
- Aí manda ele pra puta que o pariu!
- Então vou ligar.
- Tá. Falô!
- Um beijo.
- Hein?
Desligaram. Ele já ficou com a mão no gancho.
Toca o telefone. Já atendeu indignado:

- Puta que o pariu, caralho, vai se fuder. Não me liga mais não, nunca mais. Não quero mais falar com você. Não aguento mais esse gagaga gagaga do cagalho! Só não vou mandar você enfiar este telefone você sabe onde porque é capaz de gostar.

- Quanta grosseria! Desculpa por estar te ligando. Só queria saber se é você que está me mandando os e-mails. Se não quer falar comigo, tudo bem, não ligo mais. E gagaga o que?

Meu Deus do céu! Meu Santo Antônio Casamenteiro! Meu São Judas Tadeu! Meu Santo Expedito! Minha Nossa Senhora desatadora de nós! - pensou, desesperado. Era ela. Quase teve um enfarte, um derrame, uma paralisia facial, um colapso nervoso.

- Er... Aham... Cof... Cof... Er... Aham... Cof... Cof...

- Por que você sempre faz "Er... Aham... Cof... Cof..." quando eu te pergunto alguma coisa?

- Er... aham... cof... Desculpa, vai! Eu achei que era outra pessoa. Mil desculpas, por favor.

Por sorte ela relevou.

- Tá. Mas me diz. É você que está mandando o livro?
- Que livro?
- Uns e-mails que eu estou recebendo.
- E-mails de quê? Livro de quê?
- Uma história de amor. Remetente anônimo.
- Ah, por que eu não tive essa ideia? Não, não sou eu. Quem me dera ter um dom desses.
- Então desculpa. Eu achei que era você.
- Por que eu?
- Por nada não.
- Sério. Por que eu?
- Sério mesmo. Por nada não. Esquece.
- Tem certeza de que não quer falar?
- Aham.
- Tudo bem, então. E... Olha, eu queria aproveitar pra pedir desculpas pelo que ocorreu. Você sabe, a música...
- Tudo bem.
- Não tive a intenção de te magoar, ou te assustar, sei lá. E, de mais a mais, basta você encará-la como uma música qualquer. Nem penso mais naquilo.
- Tá bom. Eu tenho ouvido nas rádios. Ficou muito bonita. Parabéns pelo sucesso.
- Obrigado. E como você tá?
- Levando a vida na boa. Voltei com meu ex-noivo.
- Sei. Parabéns - disse, secamente.
- Obrigada.
- De nada.
- Então tá.
- Tá, então.
- Tchau.
- Tchau.

Desligaram.

Toca o telefone de novo.

Era tudo o que ele desejava. Ela pediria desculpas por não têlo compreendido e implorar, chorando, que voltasse pros seus braços. Atendeu com a voz mais doce que já fez na vida.

- Alôôô!
- Ai, que delícia. Fiquei aguepiada, agóga. Ui!
- Puta que o pariu, Sullivan. Vai ligar pro brigadeiro. E não me enche mais o saco!
- Hmmmm! Olha, não tô nem um pouquinho bgava com você, tá? Só liguei pga aggadecer. Ele disse que ainda me ama e que vai me bater só de leve agóga, tá? Vamos até viajar pgum cguzeigo no Caguibe. Ui, adoguei! E não é bguigadeigo. É cogonel!
- Tá. Falô!
- Um beijo.
- Hein?

Desligaram.

Tirou o telefone do gancho e foi desenhar. Na vitrola "O Teatro dos Vampiros", da Legião. Rabiscou várias folhas e nada. Rasgou tudo e jogou a prancheta contra a parede.

37

Ela desligou sentindo-se estranha. Não sabia ao certo o que era, mas teve a leve sensação de que algo não estava bem consigo mesma. Não tinha entendido muito bem, ou não tinha parado para pensar a respeito ainda, do motivo de ter ligado perguntando se seria ele o autor daqueles e-mails. Tá certo que havia composto uma música, o que já fazia grande diferença, mas ele não tinha nem um pouco o jeito de quem seria capaz de escrever aquilo. E quanto mais ainda de insistir, depois de ela ter deixado de forma tão clara que não era o que andava esperando dele. Mas, ao mesmo tempo, sentiu que precisava falar com ele. Gostava de falar com ele. Queria falar com ele. É isso, falaria com ele. No fundo sabia que não podia desprezar assim uma pessoa tão pura e verdadeira, que tinha escrito uma canção maravilhosa só para ela. E escutava a música sempre, o que tornava praticamente impossível que deixasse de lembrar-se dele. Decidiu. Ligaria, pediria desculpas por não tê-lo compreendido e sugeriria uma conversa, quem sabe voltarem a se ver.

Ligou.

Estava ocupado.

Esperou dez minutos.

Estava ocupado.

Uma hora depois.

Estava ocupado.

Desistiu de ligar. Ele devia estar com alguém. Era melhor abandonar a ideia.

E ele com o telefone fora do gancho...

38

Passou o final da semana mal, angustiada, insegura e sozinha. Stevens estava longe e ela não estava nem um pouco afim de sair com alguém que ao final da noite estivesse interessado única e exclusivamente em descolar uma boa desculpa para passar a mão nas suas pernas e nos seus peitos. Na verdade, arranjaria boa desculpa para ficar sozinha, mesmo que Stevens estivesse por perto.

Não teve ânimo nem para ligar para uma de suas amigas. Sabia que acabaria falando sobre homens, principalmente se fosse com Sandra. Não queria passar nenhuma parte do seu fim de semana ouvindo palavrões acerca da estupidez masculina.

A bem da verdade, ficou em casa esperando para ver se recebia mais algum capítulo do livro. Notou que andava ansiosa demais por recebê-los e para, quem sabe, descobrir o autor. Tentava se segurar, fingir tranquilidade e só ligar o computador de vez em quando, mas não conseguia se enganar assim tão facilmente. No fundo, estava curiosa pra saber a continuidade da história. Nas vezes em que tentou, nada de mensagem nova.

Ficou na companhia de Paul Macartney, curtindo as horas passarem e pensando na morte da bezerra. Pegou seis filmes na locadora, mas só assistiu a um deles. Cuidou do pequeno bonsai de vinte e dois anos que tinha, aparando os galhos mais fracos e regando a terra. Fez a unha, máscara no cabelo, cuidou da pele e nas horas vagas lembrou um pouco de Stevens. E muito mais de seu ex-aluno, compositor e amigo. Sentia que precisava conversar com qualquer pessoa, e queria muito que essa qualquer pessoa fosse ele.

Enfim, passou o fim de semana em branco.

Segunda-feira cedo. Não dava aulas este dia, mas tinha que adiantar algumas coisas da faculdade. Aproveitou para ir até lá a fim de sair de casa e parar com a paranóia de se enclausurar à espera de algo que nem sabia direito o que era.

Ainda estava tentando livrar-se da sombra de Sebastian, que realmente não tinha entendido que não era mais para procurá-la, de modo que chegou mais cedo e foi direto à sua sala, para diminuir as chances de encontrá-lo no meio do caminho.

Chegando lá não se conteve. Ligou o laptop que utilizava para preparar as aulas quando estava na faculdade, só para dar mais uma última verificada. Abriu, gelou, tremeu, e não pôde acreditar que finalmente havia chegado a esperada mensagem:

"Terceiro capítulo

O que ela mais apreciava era que, apesar de ele ter a vida muito corrida, atribulada e cheia de compromissos, sempre se mostrava interessado no que ela fazia. Estava constantemente perguntando como andavam as coisas que gostava e como ia o andamento dos projetos pessoais, dos planos de vida. Sentia que gostava de perguntar pelo simples fato de vê-la contar seus segredos com os olhos brilhando. Dava força para tudo o que ela planejava, por mais malucas que fossem as ideias. E ele sinceramente sentiase bem em compartilhar os sonhos dela.

Vivia dizendo que ela era linda. Elogiava tanto que algumas vezes ela ficava por demais encabulada e se perdia dentro de si mesma, pedindo que parasse. Mas não era

sincera quando fazia isto. No fundo, amava que ele fizesse tanto e que tivesse tamanha admiração pelas pequenas coisas que fazia. Surpreendia-se por ele às vezes contar detalhes de como ela havia estado vestida em um encontro há muito tempo, lembrar-se do penteado, da cor do batom, do cheiro do perfume, da sombra nos olhos. E de cada palavra que ela havia dito, se com expressão serena, tranquila, tensa ou alegre.

Por muitas vezes ela duvidou de tudo aquilo ser sincero. A troco de quê ele teria essa admiração tão grande? Mas acreditava na pureza de sentimento que alguém poderia sentir, até porque sentia isso por ele também. Desta forma, apenas continuava seus dias sonhando a seu lado e sabendo que tudo o que acontecia era porque era para ser assim: apenas duas pessoas num mundo particular e fascinante".

Pra quê tudo aquilo? Por que ele não se revelava pura e simplesmente? Adorava, mas ao mesmo tempo começava a sofrer por aquela história. Cada uma das poucas linhas de cada capítulo exercia uma coisa esquisita sobre ela. Sabia que, mesmo as personagens fazendo parte de um mundo irreal, o dono das palavras devia ser alguém diferente, misterioso e que sabia muito bem o tipo de reação que andava provocando. Tinha que ser alguém que a conhecesse muito bem. Que soubesse o que causaria com aquela declaração de amor indireta travestida de capítulos de livro. Stevens? Sebastian? Smith? Stanley? Algum ex-namorado? Algum colega da faculdade? Do curso? Aluno? Quem?

Resolveu adotar a estratégia de responder a todas as mensagens que recebesse dali em diante:

"*Estou muito curiosa para saber quem você é, mas também fico meio perdida com a demora entre cada um dos capítulos. Na verdade, me*

acho meio idiota por responder a alguém que não sei quem é. Preferia que você se revelasse".

Imprimiu o terceiro capítulo, guardou e continuou imaginando quem poderia ser, quem teria seu endereço de e-mail. Desistiu de pensar, pois sua lista de endereços era gigantesca. Do pessoal da faculdade e dos cursos que participava, passando pelos vários amigos e familiares. Resolveu dar uma conferida em uma de suas suspeitas, já que estava ali mesmo: Sebastian. Afinal de contas ele tinha dado em cima de diversas formas, mandando flores, bombons e tudo mais. Será que existia uma pessoa tão sensível sob a capa de grosseria que ele apresentava?

Foi até a sala dele.

- Oi - ela disse.

- Oiiiiiii! - respondeu ele, espantado, já se arrumando na cadeira.

- É você?

- O que?

- É você que está me mandando o livro?

- Livro? É, bem...

- Não se faça de desentendido. Fala logo. É ou não é?

- Tá, tudo bem. Sou eu que estou te mandando o livro, sim.

- Como... Como... Como você consegue escrever aquilo? - disse sorrindo e em tom doce, meio atordoada e não acreditando que pudesse ser verdade.

- Aquilo? Bem, eu acho que é... Bem... Acho que um livro é sempre um livro, né?

- É?

- Realmente, o tema do livro é muito exteressante, um tema que fala de... De... Hum... De... - e levantou a sobrancelha, esperando alguma luz.

- Finanças públicas!

- É, finanças públicas. É um tema que eu domino como ninguém, próprio de pessoas exteligentes. Aliás, se você quiser a gente pode discutir isto mais tarde lá no meu apê.

- Deixa pra lá. Esquece.

Saiu batendo a porta, dando graças a Deus que não fosse ele. E Sebastian não entendeu nada, mas cogitou a hipótese de escrever um livro sobre finanças públicas. De repente ela ficaria afim.

39

Chegando em casa ligou para Sandra. - Oi, miga! - Oi, miga! - Tava pensando se você não queria tomar um lanche. Tô precisando conversar, desabafar, sei lá.
- Tá. Vou praí daqui a pouco.
- Te espero, miga!
- Tchau, miga!

Enquanto Sandra não chegava, tornou a ler os três primeiros capítulos, embora quase já os soubesse de cor. Quando a amiga chegou, lancharam e conversaram, logicamente, sobre homens. Aliás, este parecia ser o único assunto abordado quando se reuniam. Ela defendia com unhas e dentes que a felicidade plena de uma mulher depende de ter ao lado um homem companheiro, carinhoso, amigo, compreensivo, leal e bom de cama. Já Sandra apoiava-se na tese de que felicidade não depende nem um pouco dos homens, que nenhum é totalmente amigo e companheiro. E que, pros homens, a compreensão só vale quando não pesa na decisão ter que abrir mão do futebol, da cerveja e dos amigos.

Então ela mostrou um bom argumento de que ainda era possível encontrar alguém com sensibilidade suficiente para, em meio à loucura do mundo e do dia-a-dia, provocar as reações que sua cabeça andava experimentando. Deixou Sandra ler os três primeiros capítulos do livro que recebia, já esperando a sequência de palavras de baixo calão: "Homem não presta, não vale o que o gato enterra. Não se pode acreditar nestas falsas e doces palavras. Homem é isto, homem não é aquilo, homem é o cacete!".

E Sandra leu e releu, em silêncio.

Seus olhos brilharam e encheram-se.

Como assim? Sandra comovida?

- O que houve, miga?
- Nada não.
- Fala!
- Linda a história - enxugando as lágrimas.
- Você achou? - perguntou sem acreditar.
- Como seria bom se houvesse tanta gente assim, né?
- É.

A história havia provocado uma reação totalmente inesperada. Sandra estava triste e sentia uma ponta de inveja da amiga, desejando por um instante que um dia ainda pudesse viver algo parecido. Conversaram por muito tempo. Sandra desabafou e ela descobriu que, bem no fundo, sua amiga era uma completa apaixonada pelos homens. Um sofrimento de amor na juventude jamais revelado a ninguém havia feito com que os tivesse como inimigos desde então. Não conseguia se permitir confiar novamente em um homem, dedicar seus momentos, seu amor. De tal forma que havia criado um *bunker* de gelo ao seu redor, usando o ataque como melhor defesa para não admitir que era solitária, sozinha e o que mais desejava no mundo era ser amada por um homem companheiro, carinhoso, amigo, compreensivo, leal e bom de cama. O desabafo esteve contido e preso em seu peito por muito tempo, esperando a oportunidade de sair e livrá-la de uma angústia sem fim. As poucas palavras dos capítulos, aliadas ao fato de ser uma situação diferente recebê-las anonimamente, tinham conseguido

despertar em Sandra o que aparentemente seria difícil imaginar algum dia. Isto era mais um motivo para deixá-la mais curiosa ainda por desvendar quem seria o responsável pela história.

E lá vinha sua música novamente começando a tocar na rádio. Escutou, calada, ao lado de Sandra, sem revelar que aquele estrondoso sucesso havia sido composto para ela mesma. Pra não piorar o estado da amiga.

- Música linda essa, miga - disse Sandra.

- Ô! Linda demais.

Sandra parecia outra pessoa a partir daquele momento, mas, no fundo, era a mesma de sempre. Só que agora despida de todos os pré-julgamentos em relação aos homens. Chegou ao até então inacreditável ponto de incentivar que ela procurasse o escritor secreto enquanto houvesse tempo, de qualquer forma, sem deixar passar a rara oportunidade de viver história tão fascinante.

Mas ela estava segura e preferia não precipitar as coisas. Esperaria mais um pouco para ver o que aconteceria então.

40

O último telefonema havia acabado de vez por todas com qualquer esperança que ele ainda alimentava de que ainda haveria uma mínima luz no final do túnel. A frieza com que ela o tratara, e a certeza da volta com seu ex-noivo, eram provas definitivas de que ela nunca quis nada com ele, nem nunca ia querer.

Decidiu vender o carro. Voltou a usar as mesmas roupas de antes, a frequentar a vídeo-locadora, a ser um cara quieto e introspectivo. Não foi mais a festas, bares, boates, sinuquinha ou churrascada aos domingos. Passou a doar o dinheiro que ganhava com a sua música para uma instituição de caridade.

Retornou ao mundo de onde não deveria jamais ter saído.

Era novamente um homem sozinho e bem menos feliz...

41

Após não muito tempo, em um dia qualquer exatamente igual a todos os anteriores, ele levantou cedo e preparou-se sem nenhum cuidado para o trabalho. Não esperava que aquela poderia ser uma data marcante e o primeiro dia do resto de sua vida. Tomou uma tigela de leite com café pelando e dois pães com manteiga, na refeiçãopadrão de suas manhãs, e saiu para o metrô. Ao chegar, entrou no vagão da frente e sentou-se na primeira cadeira, sozinho. Nada de procurá-la no último vagão, como fez por muito tempo. De cabeça baixa olhava pela janela as paredes passando, num olhar fixo e distante.

- Com licença. Tem alguém aqui neste banco?

Ele nem se virou. Não respondeu nada. Continuou olhando pela janela. Não poderia mesmo impedir que alguém sentasse a seu lado.

- Eu só queria saber se ainda existe a possibilidade de a gente conversar.

Reconhecendo a voz, virou e não acreditou no que ouviu. Ela estava ali, a seu lado, da mesma forma como da primeira vez que a viu, linda. Estava de calça jeans, camisa social branca dobrada até o meio do braço, pulseira de bolinhas brancas, sem maquiagem alguma, um olhar sereno e calmo.

- Existe.

Pela primeira vez ele não fazia "Er... Aham... Cof... Cof". Era um cara mais seguro de si, definitivamente. Desceram na estação seguinte e seguiram conversando e caminhando sem rumo.

- Olha, eu tenho pensado muito em você. O que fez por mim, ao me dedicar a música, foi super legal. O fato de eu ter recémterminado um relacionamento me deixou completamente sem direção, e você ter feito aquilo sem bem me conhecer me assustou. E eu não tinha o direito de sumir daquela forma, independentemente de qualquer coisa. Tenho sentido muita falta das nossas conversas, das nossas aulas particulares, de você no curso e das poucas vezes em que você foi à minha casa. Acho que podemos voltar a nos ver. Sei que podemos ser grandes amigos. Sei que você pode voltar a fazer parte da minha vida e eu da sua.

Ele com o olhar triste, tomado ainda pelo abatimento.

- Me perdoa por ter sido tão burra e não ter nem levado em conta que você, ainda que nem me conhecesse direito, tivesse expressado seus sentimentos em forma de uma música linda daquela.

Rá, bonito, né? Agora vai ficar achando que é assim? Pisa, trata mal, despreza, volta com o noivo, faz sexo quando bem entende e quando está sozinha e solitária volta correndo com o rabo entre as pernas pro papai aqui? Tá achando que eu sou igual a sapo cururu, que por mais que tu chute ele sempre volta pulando rapidinho? Tá achando que eu tenho cara de iô-iô ou de bumerangue, que tu joga e ele volta pra tua mão a hora que tu quer? Tu tá sonhando que eu sou igual a bola de boliche, que tu alisa, enfia o dedo, manda embora e ela volta deslizando pra tu alisar, enfiar o dedo e mandar embora pela segunda vez? Tu tá viajando na maionese que eu sou igual a chiclete, que tu pisa em cima e ele gruda no pé mesmo assim? Tá doidona acreditando que eu sou igual a peido embaixo de cobertor, que tu larga a bomba e cheira de volta na mesma hora? Tá maconhada pensando que eu sou igual a pentelho de sabonete, que por mais que você tire e jogue no ralo ele sempre aparece de volta? E tu tá maluca pensando

que eu sou fácil e compreensivo só porque você tem um rostinho bonito, é gostosa, cheirosa, inteligente, delicada, é a mulher da minha vida e vem com essa voz doce e maravilhosa fazendo essa cara de cachorrinho triste pedindo perdão? - pensou.

- Ei, que cara é essa? - perguntou ela.

- Ahn? Nada não. Eu já tinha te perdoado lá no "com licença".

Ela sorriu. Estava feliz.

A última coisa que ele desejaria era ser seu amigo. Não que não gostasse dela como amiga. Adorava sua companhia, mas o rótulo "amigo" o incomodava. Ela era a mulher da sua vida, e ele desejava tanto estar ao seu lado que não gostaria de ser toda hora chamado de amigão, além de temer pela possibilidade de ver novamente a cena dela com outro. Mas se existiria alguma forma de algum dia ficarem juntos, esta forma teria que, necessariamente, passar pela fase da amizade. E continuou:

- Tudo bem. Podemos ser amigos. Só não queria mais falar sobre esse assunto de eu ter gostado de você algum dia e ter viajado na ideia de que poderia te ter pra mim. Quem me dera! Logo eu! Com você! Vamos esquecer isto, mesmo, de verdade.

- Não acho que você tenha que pensar nisso, nesse "logo eu! Com você!". Eu não sou melhor que você, e você não é pior do que eu. Eu nunca achei isso.

- Não me depreciei. Apenas sei agora quem sou e até onde posso ir. Aprendi a aceitar as consequencias de meus atos. Sei que nem tudo que eu fizer necessariamente sairá como planejo.

- Te entendo, e também sou assim. Mas não vamos falar sobre isto agora. Vamos deixar as coisas como estão. O que for pra ser, será.

Ele gostou desta última frase: "O que for pra ser, será". Já poderia considerar que ainda existia a tal luz no final do túnel. Trabalharia aos pouquinhos para tentar fazer "o que era pra ser, ser mesmo". Mesmo ela sendo noiva, ainda teria alguma chance, principalmente pelo fato de estar sempre ali, próximo a ela. E, de mais a mais, sabia que, se destruísse a história dela com seu noivo, a história dos dois poderia começar a partir dali. Tudo valia no amor e na guerra. Sabia que ainda teria o célebre e pegajoso mandamento martelando diariamente sua cabeça: "Não cobiçai a mulher do próximo". Mas como o próximo não estava próximo, não haveria de ter nenhum problema com o divino no dia do purgatório.

E deram um longo abraço.

Passaram o dia de bobeira, perambulando pela cidade. Tomaram suco no bar mais pé-sujo da mais pé-suja das galerias do centro; comeram churros no parque; deram risadas com um artista performático de rua que fazia sombra nas pessoas, imitando-as; babaram com um negão conhecido pela alcunha de "HappyYear – The Saint", que montou uma bateria velha no meio da multidão e fez um solo de vinte minutos; assistiram a um filme cabeça de produção franco/holandesa no cinema mais cabeça da cidade sem entender uma vírgula, agradecendo aos céus ter dado problema na fita e eles não precisarem assistir ao final; entraram em todas as lojas de discos que encontraram no caminho, escutaram um monte de músicas sem comprar nada e quase brigaram, pois ele achava que o último CD do Skank era tão bom quanto o primeiro LP do Marciano Sodomita. Ela achava o Skank fraco e, apesar de não conhecer o Marciano Sodomita, não poderia jamais conceber gostar de uma banda com um nome desse.

Por fim, acabaram revelando um ao outro os sonhos secretos que nunca compartilharam com ninguém: ele queria poder tocar todos os dias o seu violão para uma linda mulher ao

redor de uma fogueira em uma praia deserta, e ela queria poder viver da dança e passar seus dias dedicando-se unicamente a isso. Eram sonhos distantes demais das obrigações rotineiras e da realidade cruel do cotidiano, com todos os problemas, simples ou graves, stress da cidade, contas a pagar, filas intermináveis, trânsito caótico e, na verdade, poucos momentos de lazer, despreocupação e felicidade plena. Não que tivessem vidas ruins, longe disso, mas confessaram que preferiam ter a certeza de nunca saber o que estariam fazendo nos dias, meses e anos seguintes. Ponto em comum.

E ele nem se tocou de ter faltado ao trabalho. Terminaram sua tarde com o sol se pondo atrás do banco do parque em que estavam sentados, tomando sorvete e discutindo qual seria o melhor diagnóstico a colocar no atestado médico que teria que fraudar. Ela sugeriu aneurisma cerebral, pneumotórax e unha encravada, tudo ao mesmo tempo. Ele preferiu gases. E deram risadas.

Nenhum dia seu jamais havia sido como aquele, mas não se empolgou à toa.

O que fosse pra ser, seria.

42

Ela acordou tarde no dia seguinte, sábado. Já tinha mandado as matérias semanais para o jornal e não queria pensar em trabalho. Ficou na cama lembrando-se da ternura e da inocência no olhar que ele tinha. Deu risadas sozinha. Quando o telefone tocou ela foi atender, esperando que ele estivesse ligando para lhe desejar bom dia.

- Alô!
- Bom dia, flor do dia!
- Oiiii! Quem fala? - perguntou toda doce, não reconhecendo ainda a voz.
- Eu, meu amor!
- Stevens? - sem conseguir esconder uma ponta de decepção.
- É, meu amor.
- Como você está?
- Estou ótimo. Cheio de novidades.
- Que bom! Quais são?
- Estou chegando aí hoje à noite. Quero que a gente converse. Vou te mostrar uma coisa e te fazer uma revelação.
- Er... Aham... Cof... Cof... Hein? É?
- É, meu amor.
- Que bom!

Esforçou-se muito para mostrar ter achado bom que ele mostrasse alguma coisa. Mas de qualquer jeito ainda ficou curiosa para saber qual seria a tal revelação. De repente ele poderia ser o tão esperado escritor.

- Se prepara, tá, amor? Te quero linda, amor.
- Tá bom.
- Então tá, amor.
- Então tá.
- Um beijo, amor.
- Outro.

Até sentiu-se culpada de pensar assim, mas realmente a quantidade de "amor" que ele falou não fez o menor efeito. Ela até ficou meio enjoada. Levantou e foi à cozinha preparar seu desjejum. Iogurte com cenoura para a cor da pele, gelatina para retardar a celulite; granola para regular o intestino; florais de Bach para a memória. Adorava misturar o que aparentemente parecia não ter nada a ver, e sempre saía alguma coisa gostosa.

Como de costume, começou seu dia dando uma olhadinha "sem compromisso" na sua caixa de e-mails. Enquanto as mensagens não apareciam, sentiu o coração disparar. Isto não era para acontecer assim. Estava ficando dependente demais daquelas mensagens vindo de sabe lá quem.

Para sua surpresa, a única nova mensagem era a que tanto esperava. Largou a comida e nem tocou mais nela.

"Quarto capítulo

Um belo dia, quando o mundo de vidro novamente se criava, ele resolveu ultrapassar o limite até então imposto de forma subentendida. Não estava escrito em lugar nenhum até que ponto ele poderia ir, mas sabia, instintivamente, que havia a linha após a qual tudo seria mais complicado e profundo. A transposição deste limite o fascinava, mesmo sabendo que as consequências poderiam ser devastadoras no seu coração e no mundo de vidro deles.

Até aquele momento, justamente pelo fato de que jamais haviam se tocado, toda a conquista havia sido feita apenas com palavras. O que ele lhe falava ela tomava como lições de vida. Aprendia muito com ele. E não se dava conta de que ensinava muito também. Eram capazes falar horas sobre um único tema. Se estivessem no mundo real, fora de seu mundo de vidro, jamais gastariam mais que meia dúzia de palavras para discorrer sobre aquilo. Achavam beleza e graça nos mais sérios assuntos e seriedade nos mais superficiais, debatendo pelo simples prazer de estarem frente a frente. O tempo voava lá dentro. Uma conversa tola durava horas que pareciam minutos.

Mas ele queria mais. Queria tocá-la e experimentar novas sensações ao seu lado. E foi assim que, neste dia, tocou suas mãos. As mãos dela eram frias, gélidas, finas, brancas, macias. Diferentes das suas, quentes e grossas. Segurou-as levemente e em cada um de seus dedos subia e descia, quase não os tocando. Não queria perdê-la, e olhava seus olhos de forma tão terna e profunda, que sentiam que a primeira conexão que haviam feito era o prenúncio de haver ali muito mais que admiração e respeito.

Ficou por muito tempo acariciando aquelas mãos tão macias. Ela parecia envergonhada, pois não esperava tal atitude por parte dele. Mas por nada neste mundo, e muito menos no pequeno mundo dos dois, iria reprimi-lo. Gostava muito dele, pois era sensível, doce e carinhoso, qualidades raras e que poucas pessoas costumavam dar importância. E ela era uma destas poucas pessoas.

Aquele pequeno gesto tornar-se-ia eterno dentro dela. Jamais esqueceria dos dois ali, no escuro, fazendo de um simples toque uma troca de carinho, de amor, de vida".

Quem diria que um simples toque de mão pudesse ser uma troca de vida? Quem seria capaz de escrever aquilo, daquela forma tão intensa e exagerada, mas ao mesmo tempo gostosa? Quem seria capaz de ter inventado tal mundo? Começou a escrever, ainda fascinada, mas meio puta com o anonimato do autor.

"Por que você nunca responde aos meus e-mails e só fica contando sua história? Já tô cansada de te mandar mensagens perguntando. O que você quer? Qual o objetivo de ficar me escrevendo isto? Quer que eu implore que se revele? Quero mesmo saber quem você é. Ou então não precisa mais escrever, nunca mais...".

Pensou bem e apagou a última frase: "Ou então não precisa mais escrever, nunca mais". Queria mesmo era continuar recebendo eternamente a história. E enviou, desolada por ainda não saber quem era o autor e encantada por fazer parte de tudo aquilo. Imprimiu o quarto

capítulo e juntou tudo.

43

Ele acordou muito cedo neste mesmo dia, antes mesmo de Horácio, apesar de ter virado a noite produzindo mais um de seus rabiscos. Botou um walkman no ouvido e quando já caminhava pela calçada ouviu o papagaio mandando que ele, o féla da puta, se levantasse. Deu risadas. Não queria ficar em casa, e sim poder curtir seu dia o mais intensamente possível. Estava sereno e descolado, só faltando dizer por aí aquelas coisas do tipo "olá, sol!", ou então "bom dia, árvore!". Sabia que não havia acontecido nada muito comprometedor entre os dois, mas o simples fato de voltar a fazer parte da vida dela já o credenciava a ser um homem mais feliz.

Convencia-se cada vez mais, por experiência própria, que era impossível que alguém pudesse ser feliz se não fosse ao lado de outro alguém. Resolveu andar até onde tivesse vontade, sem destino algum, para ver as pessoas nas ruas, curtir o dia começando, olhar o nascer do sol, respirar o ar puro da manhã. Em tudo que olhava lembrava dela.

Quis ter o maior dinheiro do mundo para enchê-la de presentes todos os dias e levá-la aos lugares mais bonitos que existem. Quis ser o cara mais inteligente do mundo, só para explicar a ela todas as coisas aparentemente sem explicação. Quis ser o mais forte do mundo, só para colocá-la no mais alto pedestal já construído. E o mais sensível de todos, só para dizer sempre o inesperado nos momentos mais inusitados de suas vidas. Por fim, quis ser o mais poderoso do mundo, só para tê-la perto quando bem entendesse. Mas sabia que não era o mais rico, nem o mais inteligente, nem o mais forte, sensível ou poderoso homem do mundo. De riqueza só poderia oferecer seu amor, de explicação somente o que sentia por ela, de força apenas carregála no seu coração, de sensibilidade somente enxergar além de seus olhos, e de poder, apenas tê-la dentro de si, como naquela hora.

Parou no parque onde estiveram no dia "da volta". Sentou no mesmo banco, contemplando na paz o movimento que surgia das crianças correndo pra lá e pra cá; dos velhos com seus companheiros caninos fazendo aquilo que o pessoal pisaria em cima mais cedo ou mais tarde; do vento balançando as árvores, das pombas fazendo aquilo que o pessoal levaria na cabeça mais tarde ou mais cedo. Foi uma manhã de tranquilidade e felicidade, como há muito não tinha sozinho. Era ele, num banco de parque do centro da cidade, com o sol no rosto, estirado de olhos fechados, na paz, escutando uma bela música. A letra, trilha sonora de seu dia, dizia:

"Leva esta canção de amor dançante pra você lembrar de mim, seu coração lembrar de mim. Na confusão do dia-a-dia, no sufoco de uma dúvida, na dor de qualquer coisa. É só tocar essa balada de suingue inabalável, que é oásis pro amor. Eu vou dizendo, na sequência, bem clichê: eu preciso de você..."

E um sorriso incontido de felicidade no rosto.

Era um daqueles momentos em que nada daria errado, nada poderia atrapalhar a continuação de um estado de total ausência de problemas. Tudo no seu lugar, tranquilamente disposto em harmonia. Para coroar o dia só mesmo estando com ela, mas talvez estivesse com um medo preso no peito de que não fosse mais tão bom como havia sido. Resolveu andar até a casa dela para fazer uma surpresa. Quem sabe combinavam de sair à noite. Avistou uma linda roseira e não titubeou, arrancando a maior e mais linda rosa. Ela ficaria impressionada com seu galanteio. Realmente, tudo perfeito naquele dia...

- BONITO, HEIN, CIDADÃO? - gritou um policial, cutucando o cacetete nas suas costas.

- Hein? - fazendo-se de desentendido, com o pé atolado na terra da roseira.

- BONITO, HEIN? PODE IR SE EVADINDO DAÍ! - gritando.

- Realmente! Uma beleza estas rosas. De que espécie? perguntou isso segurando a maior delas na mão e tirando o pé da lama.

- E O TRANSEUNTE TÁ ACHANDO POSITVO SUBTRAIR A ROSA DO CANTEIRO? - gritando.

- Que rosa?

- ESSA DAÍ DA SUA MÃO, Ô CEGUETA! - gritando.

- Ohhhh! Sabe que eu nem tinha reparado? Realmente um absurdo alguém retirar uma rosa tão linda.

- POIS É, ACHO QUE O BICHO VAI PEGAR PRO TEU LADO! - gritando.

- Er... Veja bem, podemos resolver este imbróglio de alguma forma menos... Traumática, eu diria?

- IMBRÓGLIO? TÁ ME XINGANDO, RAPÁ? O QUE TU TÁ QUERENDO INSINUAR? - gritando.

- O senhor, que é uma pessoa perspicaz, entenderá o que eu quero dizer.

- PERSPICAZ? NÃO ME XINGA, NÃO, Ô! TU QUER VIRAR PRESUNTO NA MINHA MÃO? OLHA O RESPEITO! MEU NOME É TENENTE SAM BERNARD, PRIMEIRO BATALHÃO DE INFANTARIA ARMADA ATÉ OS DENTES! - gritando.

- Calma, tenho certeza de que até sua progenitora me daria razão de que você é uma pessoa perspicaz - tentou o máximo da gentileza.

- AGORA VOCÊ FOI LONGE DEMAIS! PROGENITORA É A TUA MÃE, Ô SEM-EDUCAÇÃO! RESPEITO É BOM E CONSERVA OS DENTES! - gritando e já segurando as algemas para prendê-lo.

- Er... Aham... Cof... Cof... Não, você não está me entendendo. É... Bem... Que tal um cafezinho pra resolver?

- CAFEZINHO? VIXE MARIA! EU NÃO SOU DESTE TIPO NÃO. ACHO QUE VOU TER QUE CHAMAR A VIATURA. COMIGO NÃO TEM ESSE NEGÓCIO DE CAFEZINHO, NÃO! JÁ GANHEI VÁRIAS MEDALHAS E CONDECORAÇÕES POR BRAVURA, CORREÇÃO E ÉTICA. A PARADA TÁ FEDENDO PRO TEU LADO, CIDADÃO! - gritando, completamente indignado com a proposta.

- Mas...

- Quanto? - sussurrando e olhando de soslaio.

- Cinquentinha resolve?

- AINDA TÁ FEDENDO DEMAIS. ACHO QUE VOU TER QUE CONDUZIR O ELEMENTO PRATICANTE DO DELITO AO MEU COMANDANTE! - agora tinha ficado realmente fora de si.

- Cenzinho?

- O CHEIRO TÁ MELHORANDO, MAS O MELIANTE, AUTOR DA GRAVE OCORRÊNCIA...

- Centoecinquentinha...

- MELHORANDO, MAS O VAGABUNDO EXECUTOR DE PROFUNDO ATO INFRACIONAL...

- Duzentinhos, vai...

- TÔ COMEÇANDO A NÃO SENTIR MAIS O FEDÔ, MAS AINDA NÃO TÁ TOTALMENTE AUSENTE DE ELEMENTO DOTADO DE CHEIRO DESAGRADÁVEL, PORQUE O MARGINAL ENVOLVIDO EM FLAGRANTE ILÍCITO PENAL...

- Duzentosecinquentinha, e não se fala mais nisso...

- Positivo e operante! Mas só pra tu, que é meu chegado, é sangue-bão, chapa-quente, da hora e gente-fina. Não sou de fazer concessão pra qualquer um, viu? - sussurrando e olhando de soslaio.

Pagou com uma dor imensa no coração e no bolso, mas haveria de valer o sacrifício, pois qual mulher em sã consciência não gosta de receber uma linda rosa?

Andou até a casa dela. Tocou a campainha.

Ela abriu, linda, com os olhos ainda brilhando pela emoção dos e-mails. Vestia uma blusa cor de rosa de alça, que combinava perfeitamente com a cor de sua boca e um short minúsculo velho, destes que só se tem coragem de usar em casa. Surpreendeu-se com a presença dele ali, inesperada.

- Oiii!

- Desculpa vir assim sem avisar. Na verdade eu tava passando aqui perto e resolvi te fazer uma visita. O que foi? Tava chorando?

- Nada não.

- Nada mesmo? Quer que eu vá embora?

- Não.

- Pra você - e entregou a flor que tinha custado o olho da cara.

Ela adorava estas gentilezas que ele fazia, do nada.

- Nossa, é linda. Não precisava se incomodar.

Incomodar? Por duzentos e cinquenta paus, o mínimo que eu merecia era um beijo na boca - pensou.

- Uma flor para uma flor.

De vez em quando ele soltava estas frases feitas que não ajudavam em nada. Mas era compreensível, porque ainda não estava totalmente afiado na arte de conquistar.

Ela sorriu.

E ele emendou, meio que sem graça por estar ali.

- Bom, então tá.

- Então tá.

- Já vou. Preciso ir. Tenho compromisso.

- É?

Na verdade ele estava louco para que ela o convidasse para entrar, mas não queria se entregar demais.

- Vou indo então - disse ele.

- É?

- É.

- Então tá.

Na verdade ela estava louca para convidá-lo para entrar, mas não queria se entregar demais.

- Tá, então.

- Você não quer entrar? - ela cedeu.

- Quero.

- E o compromisso?

- Que compromisso?

- O seu.

- Meu? Quem falou em compromisso?

- Ah, deixa pra lá. Entra logo. - e o puxou pelo braço.

Entrou e ficou na sala esperando, enquanto ela foi ao quarto mudar o short, pois estava encabulada pela velhice da peça. Já previu que ficaria ali por mais ou menos uma hora esperando que ela decidisse qual short colocar. Preparou a bunda pro sono milenar.

Lá de dentro ela gritou:

- Se você quiser soltar o Paul Macartney para que ele te faça companhia enquanto me troco, tudo bem. Ele é super amigo. E gosta muito de você. Ele que me contou.

Ai, que cascata. Ele contou? Não precisa mentir, né? Tá achando que eu sou otário de acreditar que aquele bostinha gosta de mim? E ainda por cima que falou? Aquele analfabeto? Nem sonhando! Não solto aquela salsicha imoral cheia de pelos e de pulgas nem fudendo. Vou deixá-lo apodrecendo naquele canil pro resto da vida pensou.

- Tá bom. Eu solto. Lindinho!

E ficou ali por mais ou menos meia hora, esperando que ela escolhesse o short e sendo sarrado pelo cão, indignado. Então ele viu umas folhas em cima da mesa da sala e perguntou:

- O que são estas folhas?

- Er... Aham... Cof... Cof... - agora era ela que fazia estes barulhos. Pegou a mania dele - Não são nada não.

E veio correndo do quarto, linda como sempre, vestindo outro short, um branco igualmente minúsculo e velho, com uma cordinha de amarrar, cordinha esta que ele teve que se segurar para não puxar.

Ela deu um vôo sobre as folhas, saltitando numa pirueta cinematográfica, sem dar tempo de ele ler.

- Não são nada não. São só uns escritos que tenho pro jornal. Nada interessante.

- Deixa eu dar uma olhada, ué. Gosto das coisas que você escreve.

- NÃO! Você vai odiar! Ainda não revisei. Está cheio de erros - sorriso amarelo no rosto.

- Então tá. Você é quem sabe.

Eram os e-mails. Na verdade, ela ficou muito afim de mostrar a história. Talvez viesse a se arrepender mais tarde por não mostrar, pois ele seria alguém com quem compartilharia facilmente aquilo. Como homem, certamente entenderia em detalhes a alma masculina, a ponto de dar bons conselhos. Mas ao mesmo tempo sentiu uma coisa estranha, como se algo a impedisse de contar para ele que alguém estava se declarando, já que tinha sido tão cruel por ocasião da história da música que ele tinha feito. Não seria justo contar pra ele que estava fascinada com aquela declaração de amor. De modo que preferiu simplesmente omitir.

- Que tal provar da minha especialidade? - sugeriu ela, mudando de assunto.

- E o que seria?

- Limonada suíça. Receita da minha bisavó, passada como segredo de mãe para filha. Coisa de tradição familiar, você sabe, né?

- Hmmm! Quero sim - estava curioso.

- E ficaram conversando, enquanto ela preparava o suco e ele admirava discretamente seu belo corpo.

- Prova pra você ver que delícia.

- Não tenho dúvida! – disse isso olhando pro corpo dela.

- Nem eu.

- Manda - e deu uma talagada.

- Bom, né?

Por sorte ela não percebeu a cara de nojo que ele fez. Estava literalmente horrorosa a limonada.

- Cof... Gasp... Cof... Hummmm! Deliciosa.

- Que bom que você gostou - agradeceu ela - Tá achando o quê? Tradição é tradição, né?

- Ô!

Teve uma ideia brilhante como saída para a situação. Mataria dois coelhos com uma cajadada, livrando-se do suco e do basset de uma só vez. Arquitetou, em poucos segundo, a vingança contra Paul Macartney. Sorriso diabólico no rosto. Sabia que bicho sempre quer comer tudo o que a gente come.

- Nossa, o que é aquilo? - gritou, apontando para a janela.

- Hein? - ela se virou.

Então ele entornou todo o conteúdo de seu copo na tigela do cachorro, que foi voando beber, largando sua perna. Tomou tudo em poucos segundos e caiu duro.

- Ah, desculpa. Pensei ter visto um negócio.

- Que negócio?

- Um treco esquisito voando. Deixa pra lá.

- Cof... Gasp... Cof... - dessa vez era o Paul Macartney.

- AI, MEU DEUS. PAUL MACARTNEY! - gritou ela ao ver o bicho estrebuchando no chão.

Tocou-se da cagada que tinha feito. Poderia se transformar em um assassino de uma hora pra outra. Correu até ele e o pegou nos braços, clamando:

- Paul, meu amigo. Acorda, por favor, coisa mais linda do papai!

Voaram pro veterinário, que fez até massagem cardíaca no animal para reanimá-lo. Graças ao bom Deus a coisa mais linda do papai ficou bem, afora a gastrite aguda. Enquanto aguardavam a liberação do paciente, ficaram na sala de espera, conversando:

- O que vai fazer hoje à noite? - perguntou ele, já com a clara intenção de convidá-la para o tão sonhado cinema, suspenso desde o fatídico dia.

- Hoje vou sair com o Stevens, meu noivo. Ele vai chegar e a gente vai jantar. Quer conversar comigo alguma coisa que eu não sei o que é.

Aquilo era mais uma facada no seu coração. Era sempre assim. Quando ele se animava lá vinha uma ducha de água fria para acabar com a alegria de seu dia. Preferiu, naquele momento, nem ter ido atrás dela.

E ela perguntou:

- E você, o que vai fazer?

- Coincidência, vou jantar com minha namorada também.

- Er... Aham... Cof... Cof. Namorada? Você não me disse que tinha uma.

Nem eu sabia. Acabei de inventar só pra não ficar por baixo e na condição de coitadinho,

enquanto você sai com o cara e passa a noite numa sessão interminável de sexo e eu fico com meu papagaio assistindo à "Loucademia de Polícia 23" - pensou.

- Pois é. Estou namorando. Ela é linda. A gente já está junto há um tempinho.

- Er... Aham... Cof... Cof. Que legal! Gostei de saber – ela disse isso com a cara mais sem graça do mundo.

Chegou o paciente, ainda debilitado, mas já apresentando o velho olhar libidinoso. Este olhar era a confirmação de que estava bem.

- Bom, já vou indo - disse ele.

- Já?

- É, tenho compromisso.

- É?

- Com minha namorada.

- Então tá.

- Então tá.

Deram dois beijinhos e ele se foi.

Em outros tempos ele trocaria os dois beijinhos por um na boca, mas daquela vez nem pensou nisto. Foi embora, sentindo-se um homem triste mais uma vez.

44

Chegou em casa atordoado e não pensou duas vezes. Ligou pra Susan, a enfermeira. Convidou-a para sair, em tom monocórdio:

- Alô! - ela atendeu.
- Vamos sair?
- Nossa, o que você tem?
- Vamos sair?
- Pra onde?
- Vamos sair?
- Tá bom. Vamos. Pra onde?
- Jantar.
- Tá bom. Me pega aqui que horas?
- Me pega você. Vendi meu carro.
- Tá. Que horas?
- Às oito.
- Não sei se vou estar pronta.
- Às oito.
- Mas...
- Às oito.
- Tá bom, às oito.
- Às oito.
- Tá, já ouvi.
- Às oito.
- EI, CHEGA! - ela se irritou.
- Foi mal. Te espero às oi...
- Já sei, às oito.
- Tchau. Um beijo.
- Outro.

Às oito e pouco chegava Susan, linda e deliciosa, com um vestidinho sumário na altura das coxas. Ele gostou do que viu. Não estava mais tão mal-educado e aéreo quanto antes. Muito pelo contrário. Estava muito simpático e galanteador, talvez já querendo se convencer de que era melhor partir pra outra, ao invés de alimentar a falsa esperança de ainda tê-la em seus braços.

- Ooooiiiii! Nossa! Vou ter um quiproquó, um derrame, um aneurisma, uma crise de asma. Traz a bombinha de ar... - e simulou uma parada cardíaca.

Ela riu, encantada com sua graça. Beijaram-se. Ele quase engoliu aquela boca carnuda.

- Uhuuuu! - gritou Horácio.
- Deixa comigo, garota. Não vou decepcionar - disse, virandose pro papagaio.
- Vamos? - perguntou ela.
- Ontem.

Ele estava de calça preta, de microfibra, camisa pólo verde clara, um cinto havana, um sapato havana e gel no cabelo. Impecável.

Foram ao melhor restaurante da cidade, o "Sounds of Silence". O nome combinava perfeitamente com o clima que imperava no local. Era pequeno, sóbrio, aconchegante, com colunas brancas em estilo grego, o teto rebaixado com sanca de gesso e luz indireta. As mesas eram pequenas, em geral para duas pessoas, com cadeiras rebuscadamente detalhadas e acolchoadas com motivos rococós. A prataria parecia toda novíssima, de tão areada que era. Era um destes lugares em que a gente só vai uma vez na vida porque, segundo as estatísticas, a média de tempo gasto até que se recupere o rombo no cheque especial provocado pela soma entre a conta do restaurante e a conta da UTI que salva o cliente do choque pelo valor, gira em torno de dois anos.

Mas ele não estava nem aí. Queria celebrar o momento em grande estilo, comer e beber como um rei e depois ir ao motel mais caro da cidade. Destes com três andares, piscina, sauna, pista de dança, churrasqueira, placar eletrônico, dardo, mesa de truco, banheira com hidromassagem, TV de sessenta polegadas, controle remoto que abre o teto e uma pequena cama.

Sentaram-se em uma mesa lateral, com uma pequena luz dicróica sobre os dois. Coisa fina. Solicitaram o menu ao maitre. Não entenderam bulhufas do que era servido ali, pois os nomes dos pratos iam de "Ballotine de Canard au Bechamel" e "Le Velouté de Courgettes" a "Emincés de Porc aux noix de Cajou", passando por "Brochettes de Thon au Sésame". Preferiu deixar o chef escolher, desde que não fossem os brochettes, pra não dar a ideia e atrair maus fluidos. E divertiram-se com a ignorância própria.

De repente, entre uma risada e outra, ele olhou por cima do cardápio e não pôde acreditar no que viu. Ela entrava com Stevens no mesmo restaurante. Ficou duro, paralisado, estático, imóvel, perdido, incontrolado, desfalecido, prejudicado, abalado, destemperado, destrambelhado, um lixo. Por que as coisas sempre aconteciam daquela forma? Será que o sofrimento não acabaria nunca?

Ela tinha que escolher justamente aquele restaurante? Naquele dia? Realmente, o universo não estava conspirando para que encontrasse a felicidade - pensou, lamentando profundamente que não fosse ele que estivesse jantando com ela.

E não conseguiu não reparar em como estava maravilhosa. Sentiu a maior inveja da história por alguém. Inveja de Stevens. A mesma inveja que sentiu ao vê-los dando a entrevista em Nova York. Ela usava um conjunto preto, de calça e casaco aberto, tipo executivo, com uma blusa cor de rosa de alcinha. O sapato, que devia ter uns quinze centímetros de salto, a deixava enorme. Pela primeira vez a via com o cabelo preso em um coque que deixava sua nuca branca à mostra. Era, definitivamente, a cena mais maravilhosa que jamais poderia sonhar em ver durante todo o resto da sua vida.

Só que ele não fez questão nenhuma de se esconder. Muito pelo contrário. Estava tão arrumado que se aprumou mais ainda na cadeira e chamou o maitre, pedindo o vinho com o nome mais feio da carta.

Estava se esbaldando.

45

Enquanto isso, ela sentava com Stevens em uma mesa distante, sem notar a presença dele ali. Pediram o cardápio e escolheram um dos pratos que já estavam habituados a comer naquele restaurante onde eram frequentadores assíduos. Conversaram sobre a vida entre um gole e outro de champanhe, até que o prato chegou e ele, antes de dar a primeira garfada, atacou:

- Pois é, meu amor.

Ela sorriu. E ele continuou.

- Eu viajei até aqui porque quero te fazer a revelação de uma coisa que está acontecendo e que eu acho que você já sabe o que é.

- Não faço nem ideia.

Ela disse isso já suspeitando que ele finalmente revelaria ser o autor do livro que recebia e que faria com que ela soubesse que era, além de lindo, um homem romântico e que zelava pelas pequenas coisas nas mulheres.

- Bem, eu fico meio sem graça de dizer, acho que você sabe o motivo.

- Hmmm! - e pôs um sorrisinho sacana no rosto.

- Bem, é difícil de revelar.

- Tenho uma ideia. Você toma coragem enquanto eu vou ao toalete retocar a maquiagem. Quando voltar quero saber, viu? Sem rodeios, por favor, mocinho.

- Tá.

Ela pegou sua pequena bolsa e se levantou em direção ao toalete. Neste momento, ele sentiu um frio na espinha, pois ela vinha em sua direção e ele não sabia o que fazer. Respirou fundo e esperou. De repente ela começou a reconhecê-lo, diminuindo as passadas como se mudasse o ritmo e entrasse em câmara lenta, misturando surpresa e descontrole emocional. Então ele pediu licença a Susan, largou o prato e se levantou. Ficaram alguns segundos parados. Ela não acreditava que ele estivesse ali, vestido daquela forma, extremamente arrumado, em contraste com o habitual. Seu coração teve a mesma reação que a dele quando a viu.

Lentamente, ele pegou sua mão, deu um leve beijo e ficou acariciando levemente por mais alguns segundos junto com um sorriso no rosto e o olhar mais fundo que já havia dado, olho no olho.

- Cof... Cof... - era Susan tossindo seco

Desconcertado, lembrou-se de apresentá-las. Apresentou como sua ex-professora de economia.

- Muito prazer - disse Susan.

- Encantada - ela disse, com o sorriso mais sem graça possível.

E ela não conseguiu olhar para mais nada. Estava fascinada pela presença dele ali e sua voz ficou mais doce do que nunca. Continuou:

- Você vem sempre aqui?

- Primeira vez. Coincidência te encontrar .

- Eu venho de vez em quando. Gosto de ambientes claros e tranquilos, como este.

- É. Bonito aqui. Romântico, aconchegante.

- É.
- É.
- Então tá.
- Então tá.
- Tá, então.
- Então tá.

Ele beijou sua mão e despediram-se, ainda segurando e apertando forte, como se não quisesse soltá-la e que ela se fosse. Ela então foi ao toalete, entrou e ficou na frente do espelho, sem entender o motivo de estar daquele jeito. Segurou-se para não chorar, passou os dedos no rosto, sentiu o perfume que ele deixara em suas mãos, quis sumir dali e não voltar jamais. Esperou, acalmou-se, retocou a maquiagem, que já ameaçava borrar com as lágrimas que quase caíam dos olhos. Respirou fundo e voltou para sua mesa, tentando esconder o nervosismo.

Stevens continuou.

- Bom, vou te contar, então.
- Hein? O que?
- O que eu ia te contar.
- Me contar? O que?
- Ei, presta atenção!
- Hein? Ah, vai, fala.
- Eu estive pensando muito e acho que está na hora de a gente resolver nossa vida, juntar os trapos, dividir o colchão, as contas, a escova de dente, ter um cafofo só para nós, um canto na mesma cidade... Bom, quer casar comigo? Pronto, falei.

Tirou do bolso uma caixinha preta e a abriu, deixando à mostra uma enorme aliança cravejada de brilhantes, enquanto meteu um sorriso de galã no rosto, com uma das sobrancelhas levantada e a outra abaixada.

Ela tomou um susto, mas bem lá no fundo de sua alma ficou satisfeita por não ser ele seu escritor secreto.

- Er... Aham... Cof... Cof... É... Hum... Nossa, que surpresa! Não esperava - e pegou a aliança.

No mesmo instante, ele via de longe tudo o que acontecia e entendia exatamente o que a cena revelava: casamento à vista. Então, de súbito, chegou em Susan e deu o mais longo beijo que já havia dado em alguém, como o homem mais apaixonado do mundo. Não estava com vontade de beijá-la, mas usou aquela atitude como defesa em relação ao que acontecia na mesa ao fundo do restaurante.

E ela continuou, para Stevens:

- Ufa! Você me pegou desprevenida! - disse, dando um sorriso amarelo e suando igual a uma cachoeira, enquanto olhava para a aliança.

Foi quando viu a cena do beijo que ocorria na outra mesa e, completamente desconcertada, emendou.

- Ai, eu preciso pensar.

Stevens, que já dava como certo o consentimento, tomou um susto com a resposta. Ao mesmo tempo ela via que no fundo do restaurante ele pagava a conta e levantavam-se. Desejou por tudo no mundo que não estivesse ali, vendo-o ir embora com outra enquanto era pedida em

casamento.

Passaram pela mesa, que ficava no caminho da porta. Ele deu um sorriso leve e sem graça, virando as costas e saindo do restaurante apressadamente. Como previsto, ele estava em estado de choque. Muito pelo valor da conta, mas principalmente por saber que ela jamais seria sua, de uma vez por todas. Viu claramente na sua cara a satisfação ao receber aquela aliança enorme, jóia que ele jamais teria condições de comprar, e por consentir em ficar com Stevens para o resto da vida. Ela:

- Olha, Stevens, eu realmente preciso pensar. Você me pegou desprevenida mesmo. Estou confusa e não tenho certeza do que quero. Preciso de um tempo, por favor. Vou pensar com carinho na proposta. Não fica chateado não.

- Tá. Beleza! Perfeito! Você é quem sabe. Eu espero. Não vou te pressionar. Não estou com raiva - disse isto sem conseguir esconder a irritação e o desapontamento.

Mas ela foi sincera consigo mesma. Não quis precipitar as coisas e tomar uma decisão que não fosse definitiva, que tivesse dúvidas quanto a ser cem por cento certa. Terminaram o jantar em silêncio, pagaram e ela pediu que ele a deixasse em casa, pois queria ficar sozinha para absorver o impacto da proposta e pensar.

E assim foi feito.

Chegando, abriu sua caixa de e-mails e lá estava:

" Quinto Capítulo

Por muito tempo seu mundo de vidro limitou-se ao que conversavam enquanto suas mãos se tocavam, num balé silencioso dos dedos se entrelaçando. Isto bastava. Ele achava que já havia avançado demais o limite seguro o suficiente para não provocar a destruição daqueles momentos de ternura entre os dois. Tinha medo de que o encanto fosse quebrado, caso fosse muito cedo para ir além do que já acontecia. Mas começou a perceber que, durante todas as noites em que estava sozinho e que seu mundo de vidro estava longe de ser criado, não conseguia pensar em mais nada além de sua boca dizendo tudo o que costumava dizer e que o deixava embriagado, trôpego, fora de si. Já tinha reparado em como ela falava, como sorria e como molhava os lábios com a língua, enquanto jogava os cabelos para trás da orelha e reclamava da secura do tempo. Estar tão perto dela e tão longe de sua boca o perturbava demais.

Na vez seguinte em que tiveram o prazer de criar seu mundo de vidro, ele lhe ofereceu uma rosa, que ela adorava. Representava o que havia de mais puro e sincero. Mas raspou o caule, tirando os espinhos, pois não queria que ela entendesse que abaixo da beleza das pétalas existia algo que pudesse feri-la. E ele então pediu que ela fechasse os olhos. Ela aceitou cegamente o que ele pedia naquele momento. A pouca luz do ambiente criava um clima de magia e mistério no ar. Começou, então, a passar a rosa levemente no rosto de sua amada. Mal encostava as pétalas macias em sua pele, sentia que os lábios dela tremiam levemente. Passou na testa bem devagar, ao redor dos olhos, na face e nos lábios, desenhou o formato da boca com a rosa e ela deu um sorriso, talvez sentindo as cócegas que o pequeno veludo da flor fazia em seus lábios. E respirava fundo, respiração calma e profunda.

Era um momento de ternura, de beleza, de calma, de paz. Não precisavam dizer nada, e não disseram. Em silêncio, por muito tempo, ele acariciou e admirou aquele rosto de anjo, calado, de olhos fechados.

Ela dormiu um sono leve.

Quando abriu os olhos depois de algum tempo ele havia ido embora, com a flor que guardava o cheiro de sua amada.

O mundo de vidro era destruído mais uma vez".

46

Ele saiu do restaurante com Susan sem dizer uma só palavra. Foram direto para o motel. Susan não fazia a menor ideia de que, na verdade, ele estava pouco ligando por estar ali. Estava de corpo presente, mas com a mente em outra galáxia. Ele bem que tentou superar a tristeza de sua alma para fazer com que Susan não percebesse o que tinha havido, mas estava difícil. Claramente seu semblante era de desolação. As cenas dela chegando, indo falar com ele, o olhar que tinham trocado. Ela recebendo a proposta de casamento e transbordando alegria pelo pedido. Tudo virou um filme desconexo, com imagens sem começo ou meio, mas com a certeza de um final triste.

Esforçou-se muito para ficar excitado. Era impossível que não ficasse louco por Susan em uma situação normal. Ela tinha se preparado, vestido um conjunto minúsculo preto de calcinha e sutiã. Muito provocante e sensual. O local era perfeito, a melhor suíte do melhor motel da cidade. Mas não houve o que fizesse com que ele se ligasse no momento. Ela tentou animá-lo com um striptease sensualíssimo sob a única luz direcionada e que iluminava uma pequena parte do quarto; tentou falar baixinho no seu ouvido coisas que seriam impublicáveis no jornalzinho da comunidade; tentou beijar tudo o que estivesse na frente, mas sem sucesso.

Até que ela resolveu perguntar:

- O que houve?
- Hein?
- Você não está aqui.
- Desculpa, não é nada com você.
- É com aquela do restaurante, né?
- Quem?
- Não adianta disfarçar. Eu vi o jeito que você olhou pra ela.
- Desculpa, não era pra ser assim.

- Tudo bem. Na verdade eu senti foi um pouco de inveja mesmo. Quem me dera ter alguém que me olhasse do jeito que você olhou pra ela.

- Pô, eu fico super sem graça de falar isto contigo, porque não é justo que você, que sempre foi legal comigo, esteja aqui falando deste assunto.

- Tudo bem. Eu nunca tive a pretensão de que você gostasse de mim desse jeito. Gosto de estar aqui, da sua companhia, do seu caráter e de seu jeito, mas se você quiser a gente pode ir embora, na boa.

- Quer saber? Não vou ficar aqui lamentando. Vamos esquecer isto tudo, tá? Mudando de assunto?

- Mudando.

Passou a mão nos cabelos dela e deu um grande beijo. Fizeram amor até amanhecer. Na churrasqueira, na pista de dança, na cama, no chuveiro e na banheira. Jogaram dardo, baralho, viram filme de sacanagem até enjoar, abriram e fecharam o teto com o controle remoto umas trinta vezes e dormiram abraçados. Pela manhã, despediram-se para não se verem nunca mais.

E ele passou o resto de seu dia na companhia de sua prancheta e seus lápis.

47

Ela pensou durante uma semana inteira na proposta de Stevens. Era a decisão entre tentar fazer dar certo com alguém por quem tinha carinho, mas já tinha percebido que não era o homem da sua vida, ou então esperar até que o amor que sempre esperou aparecesse. Com o risco de isto jamais acontecer.

Mandou uma carta, junto com a aliança:

"*Stevens.*

Tudo o que passamos juntos foi bom, valeu. Você sempre me respeitou, a não ser por aquela traição. Mas isto eu já superei e não é o que está pesando para que tome a minha decisão. Eu realmente não estou certa de que este seria o passo mais correto a ser dado. Acho que não estou preparada para enfrentar uma vida a dois ao lado de alguém que não me dê plena certeza de ser quem eu desejo estar ao lado todos os dias, o dia inteiro. Você vai se dar bem ainda, sem dúvida, porque é um cara brilhante, inteligente, sensível e sabe o que quer. No fundo, não consigo ver muito futuro na nossa relação, porque acho que nossos planos não se encaixam perfeitamente e não sinto possibilidade de crescer. Por isso, prefiro seguir meu caminho sozinha, em busca de viver algo que não sei bem o que é. Sinto uma saudade estranha de algo que não vivi. Quem sabe também ainda me dê bem algum dia. Espero não me arrepender. Um beijo no coração".

Rompeu o relacionamento que parecia perfeito aos olhos de todo mundo, mas que achava não ser o que esteve procurando a vida toda. Fez o que o coração mandou, mesmo lutando contra a força em sentido contrário exercida pela cabeça. E continuou com a paranóia de procurar notícia do seu escritor secreto, abrindo constantemente sua conta de correio eletrônico. Tinha sido uma semana sem receber nada que prestasse. Já estava puta de ter só que deletar mensagens de propagandas e piadas infames.

Foi então que, como se estivesse entendendo sua angústia, o mensageiro anônimo mandou mais um capítulo de seu livro.

"Sexto Capítulo

Ela jamais esqueceria seus lábios tocando as pétalas da flor, pois, a partir daquele momento, começou a desejar ter sua boca completamente entregue à dele também.

Estavam prestes a se encontrar novamente, e ela decidiu que cederia ao amor que sentia por ele e por seu jeito carinhoso de tratá-la. Não pesaria demais as consequências, não criaria nenhum tipo de barreira, não impediria o óbvio. Mesmo sendo tímida a ponto de tremer pela hipótese de demonstrar que o desejava mais do que tudo na vida.

Encontraram-se mais uma vez e o pequeno mundo de vidro que se formava ao redor de suas mentes, de suas ideias e de seus desejos estava mais claro e calmo do que nunca. Ficaram se olhando, sem dizer nada por um longo tempo. Sorriram, e demonstraram só com esta atitude a verdade do sentimento. E, a partir daí, ele não entendeu o que havia com ela, porque sabia que ela tinha medo, era muito tímida e sempre esperava que todos os passos

fossem dados guiados pelas mãos seguras que acreditava que ele tinha. E foi então que, como que procurando um tipo de comunicação que a deixasse mais à vontade, ela fechou os olhos e começou a tatear o rosto dele. De modo que ele cerrou os seus olhos também e começou a sentir suas mãos percorrendo cada detalhe de seu rosto.

Ele ameaçou murmurar alguma coisa, mas ela colocou o dedo na frente de sua boca, como se pedisse que não dissesse nada. Não precisava. O cheiro das mãos dela passando aumentava mais ainda o desejo que tinha de que o tempo parasse. Aquele cheiro ficaria para sempre na sua memória. Curtiu as mãos acariciando seus cabelos, que ela sempre dizia achar lindos.

De repente, ainda de olhos fechados, sentiu que ela aproximava seus lábios dos dele. Esperou, pois queria que ela mesma tomasse a atitude de beijá-lo, para que tivesse certeza de que fazia exatamente o que queria, por livre e espontânea vontade. E ela veio, calmamente, respiração funda, como se tomasse coragem para chegar e fazer o que jamais imaginara antes e que parecia inevitável a partir daquele momento.

Encostaram os lábios secos. Talvez a apreensão os tivesse secado mais que o habitual, mas podiam molhá-los o quanto quisessem, bastando apenas deixarem-se levar pelo belo momento que se avizinhava e não o interrompessem por nenhum motivo do mundo. Quando seus lábios se tocaram ele sentiu uma pressão forte no peito, incontrolável, como jamais imaginara antes. Sentia que aquela fração de segundo selava e extravasava a clara força do amor que sentiam e que até então estava guardada dentro de cada um.

Foi o que ele havia esperado por toda a eternidade dos pequenos momentos em que estiveram juntos. Tocaram seus lábios, beijaram-se longamente. Abraçaram-se, sentiram o gosto de suas bocas e o cheiro de seus corpos misturarem-se para formar um novo e particular cheiro. O cheiro do sentimento puro que sempre houve entre os dois... ".

Precisava de alguém para conversar, ah, mas precisava muito. Depois dessa porrada, então, é que precisava mesmo! Sentiu muita vontade de ligar para a única pessoa, além de Sandra, com quem concebia compartilhar o recebimento daqueles capítulos. Apesar de ter certeza de que ele estaria com Susan, a vontade de ouvi-lo era muito maior do que qualquer coisa naquele momento. Não pesou as consequências.

- Alô!...

Ela desligou. Não estava certa se devia ligar. Ficou sentada no sofá, analisando os prós e contras de telefonar. Ligou a televisão e procurou algo que pudesse demovê-la da ideia de falar com ele. Procurou um milhão de motivos para não procurá-lo, mas a vontade parecia ser maior. Quinze minutos depois resolveu ligar de novo.

- Alô!...

Desligou novamente.

Resolveu ligar de novo. Que se danasse que ele estivesse com alguém. Sentia demais sua falta.

- Alô!...

Ficou em silêncio. E ouviu, no segundo seguinte:

-... No momento não posso atender. Saí de viagem e só volto no final do mês. Após o sinal, deixe seu recado. Obrigado.

Tentou controlar o choro. E disse:

- Por que você viajou assim, sem avisar? Me liga quando voltar.

Desligou e desabou a chorar, sem acreditar ter feito aquilo. E ele teria que avisar? Baseado em quê essa premissa? Ela não o tinha desprezado, não estava noiva, não tinha aberto mão de conhecê-lo melhor? Não tinha relegado a canção ao plano da insanidade, e não do sentimento sincero? E agora cobrava sua atenção, sua consideração? Por que? Não estava sendo egoísta? Que raio de atitude foi aquela?

Não queria se convencer, mas sentiu um vazio enorme, provocado por sua ausência. Precisava dele mais do que qualquer outra pessoa naquele momento. Só que já era tarde. Sentou na frente

do computador e desabafou, respondendo novamente sem saber a quem:

"*Porra, por que você continua fazendo isto comigo? Eu continuo te mandando as mensagens e você não se revela. Por que? Tem medo de alguma coisa? Tudo bem, vai, você pode até me achar uma babaca agora, deve achar lindo ver que eu estou muito afim de que você diga quem é, o que quer. Quer saber? Estou de saco cheio desta merda. Não quero que você me mande mais nada de capítulo de história nenhuma.* "

Desta vez ela não apagou a última frase. E chorou...

48

Ele viajou para a Europa, com a intenção de esquecê-la. Visitaria os lugares que sempre teve vontade e que só conhecia por livros de história. Largou Horácio no hotel de pássaros. Uma lágrima correu dos olhos do bicho na despedida, se é que papagaio chora. Financiou passagem, hotel e passeios antes de sair. Não importava que levasse a eternidade pra pagar, pois seria a melhor forma de desfazer na sua cabeça a paixão incompreendida que nutria por alguém que, àquela altura, estava se preparando para casar, experimentando vestido e montando enxoval, comprando sofá, paninho de prato, armando chá de panela e o escambau. Queria muita paz neste tempo todo, não encontrá-la em algum lugar inesperado, nem saber nada sobre ela. Foi, levando apenas a sua inseparável pequena prancheta de desenho.

Não falava nada de inglês, nem de espanhol, nem de francês ou italiano. Mas imaginou que, se falasse as palavras no bom e velho embromês, daria para se virar no inglês; se falasse as palavras com a boca mole e voz de bêbado, daria para se virar em espanhol; se falasse fazendo biquinho e com jeito fresco, teria como se virar em francês; e pro italiano tava bem, pois já sabia a palavra mais importante da língua, que é "lasagna".

E foi assim que passou um mês inteiro no velho continente, conhecendo os mais belos lugares que já tinha visto e sendo motivo de achincalhe em francês, espanhol, italiano ou inglês, provocando risadas com as palavras proferidas que ninguém entendia e as mímicas para conseguir as coisas. Virou-se como pôde. Não conseguiria mesmo se enganar de ser possível não pensar nela em nenhum momento. Pensou, pensou, pensou demais, todos os dias.

Em Veneza, alugou uma gôndola para conhecer a cidade. Péssima ideia, porque o clima romântico do lugar e a quantidade de casais apaixonados que viu resultaram em um porre antológico. Tentou provar ao gondoleiro que conseguia se equilibrar em um só pé dentro da gôndola, enquanto cantava "*o sole mio*". Por muito pouco aquilo não resultou em uma tragédia, porque de tão chapado que estava caiu no canal e teve que ser salvo pela guarda municipal.

Em Paris outra cachaçada. Foi ao Mouline Rouge e ficou doido com aquelas dançarinas de cancan levantando a saia e mostrando as calcinhas. Propôs casamento para meia dúzia delas e acabou no palco, aplaudidíssimo pelos presentes e abraçado a uma fileira de dançarinas, enquanto tentava levantar as pernas junto com elas, na coreografia tradicional da casa. Terminou sua noite no alto do Arco do Triunfo. Tentou jogar-se de lá, quase protagonizando uma cena de consequências avassaladoras. Acabou vendo o sol nascer quadrado e depois liberado, o que foi lucro, pois poderia até ser deportado.

Na Noruega foi a um almoço que tinha uma celebração viking destas preparadas especialmente para turistas, onde os atores entravam com uma roupa de pele amarrada por um cinto preto, tinham um chapéu de chifre na cabeça e cantavam as canções típicas do país. Como se há centenas de anos algum daqueles animais irracionais vikings fosse ficar de mãos dadas cantarolando musiquinhas da *Broadway*. Totalmente alcoolizado, juntou-se a um grupo de estudantes alemães embriagados que vinham diretamente da Oktoberfest de Munique e inventou uma música em cujo refrão todo mundo teria que gritar: "Chifrudos! Chifrudos!", saudando os nativos do país.

E lá ia ele durante a apresentação, cantando, batendo e subindo nas mesas, regendo com um garfo, uma faca e conclamando a galera no refrão, que em bom alemão gritava:

- Chifrrrrudas! Chifrrrrudas!

Na Suíça foi até os Alpes, se empolgou e alugou um par de esquis numa destas estações super chiques. Subiu no teleférico até o alto da montanha e, ao chegar lá, não teve coragem de descer esquiando. Voltou pelo teleférico mesmo e, sem sucesso, quebrou o pau com o pessoal que alugava os esquis pra tentar recuperar a grana, já que não desceria "nen porrr un cacetê!", conforme tentava explicar aos instrutores, no francês imaginário que falava.

Em Londres pegou o último trem de volta ao hotel após um *city tour* e se perdeu, indo parar no subúrbio industrial da cidade, às onze da noite. Perambulou atrás de informações de como voltar para o hotel, que ficava perto do Big Ben.

Caiu na besteira de pedir informações a um grupo de três punks que faziam uma fogueira dentro de uma lata e escutavam Sex Pistols enquanto se chutavam.

Chegou de mansinho e sorrindo, querendo ser simpático.

- Plis! Mim querer go to "Big Bang", the clóc. Big clóc. Mim nôu falar english... Mim perdideichon véri mãch...

Os três entreolharam-se, incrédulos com a figura esquisita de roupa estranha na sua frente, falando palavras completamente incompreensíveis. Os dois primeiros, um de cabelo laranja, que fedia a ovo podre e tinha uma pequena faca enfiada no nariz, e outro de cabelo roxo, que fedia a lixo molhado e tinha uma caneta encravada na orelha, ficaram apenas olhando feio. O último, que parecia o líder e tinha a cara inteiramente tatuada, segurava um amortecedor de caminhão na mão. E gritou, revoltado:

- Hey man! Are you taking wave with my face? With my face? My face? What the fuck are you trying to say?

Ele só entendeu o "sei".

- Iéis! Não sei. Nôu saber nada. Mim ser "estrandgeiro"!

- What the f... Give me your clock, man, now! - gritou.

- Iéis! The clóc. Big Bang!

- Hey man! I will bang your big head! - e voaram os três nele.

O diálogo, autêntica troca de experiências culturais, coisa linda e grande benefício da globalização, terminou com ele tendo seu relógio roubado e sendo perseguido pelos três, que pareciam querer enfiarlhe acintosamente o amortecedor, enquanto gritavam:

- Go drink in the ass, fucking tourist!

Por fim, no Vaticano assistiu à missa papal e pediu que, quando voltasse da viagem, não encontrasse nunca mais com ela.

E assim foi, de cidade em cidade, de trem em trem, de metrô em metrô, de hotel em hotel, que ele passou seu mês sem conseguir esquecê-la um só dia. O pôr-do-sol era a cara dela chegando; os raios da lua cheia lembravam seu olhar; a neve branca sua boca; a multidão seu corpo; os quadros nos museus sua voz; os pombos nas praças suas palavras. Qualquer coisa era ela, dela e tinha a ver com tudo o que ela dizia ou fazia. Mas procurá-la não fazia mais parte de seus planos. Ela que fosse feliz ao lado de Stevens. Aliás, queria que eles se ferrassem. Não queria mais saber de qualquer coisa que dissesse respeito a ela. Não queria mais encontrá-la, nem olhar em seus olhos e saber de seus problemas ou conquistas.

Nunca mais.

49

Enquanto ele realizava sua epopéia européia e enfiava o pé na jaca, ela enfiava a cabeça no trabalho. Decidiu voltar a tocar sua vida para não enlouquecer de vez. Tarefa difícil, pois agora recebia diariamente um novo capítulo do livro que descrevia a paixão perfeita entre duas pessoas. Realmente, o remetente não tinha ficado sensibilizado com seu pedido que a esquecesse de vez e parasse com aquilo.

"Sétimo capítulo

... e quando menos esperavam, apesar de ser este o caminho natural do andamento dos acontecimentos daquele mundo, já trocavam as confidências mais íntimas, em momentos mágicos, nos lugares mais inesperados. Ele fazia questão de passar as mãos nos cabelos dela enquanto conversavam, pois achava lindo quando ela fechava os olhos, abria de leve a linda boca que tinha e se entregava ao toque de sua mão. Por diversas vezes ficaram de olhos fechados, escutando alguma canção com ela apenas sentindo o calor de suas mãos na nuca, mesmo estando frio fora do mundo dos dois. Os beijos particularmente diferentes e suaves que tinham experimentado, haveriam de se repetir mais muitas vezes. Por muito tempo não passariam dali, sem que isto significasse que não havia algo muito forte entre os dois. Não era necessário. E nada mais...".

...

"Décimo capítulo

... algumas vezes pegavam-se contando sobre os problemas fora do mundo que criaram. Procuravam evitar que alguma coisa pudesse atrapalhar o que sentiam um pelo outro e abalar a estrutura imaginária de vidro de seu mundo. Ajudavam-se, tentando fazer com que uma palavra ou um gesto clareasse as coisas, explicasse o que poderia parecer confuso, tornando a vida do outro um pouco melhor. Tudo pelo simples prazer de saber que isto faria com que seu mundo continuaria sendo tranquilo, belo e perfeito. E que continuaria como refúgio de seus sonhos e dos maiores momentos de felicidade de seus dias...".

...

"Décimo quinto capítulo

... apesar de viverem a irrealidade de seu mundo tão intensamente, eles jamais haviam dito um para o outro o que sentiam. Ela sabia o que ele sentia, e ele também sabia o que ela sentia, mas apenas pelos atos que praticavam e presenciavam, nunca com palavras. Um

belo dia ele decidiu dizer que a amava, porque todas as pequenas coisas que ela tinha feito até então tinham sido responsáveis pela construção de um sentimento sólido e sincero dentro dele. Não podia mais segurar apenas para si a felicidade e o prazer que sentia por estar com ela no mundo que criavam e destruíam. Precisava dizer o que representava e o que sentia por ela, mesmo que algum dia jamais pudesse ter imaginado que a falta de coragem o levasse a tal ponto. E mal sabia ele que ela havia esperado e se preparado muito tempo por aquele momento, dele dizendo aos seus ouvidos que a amava demais... ".

...

"Vigésimo Capítulo

... pois a cada dia eles estiveram mais próximos. Não havia mais nada que pudessem esconder um do outro. O que sentiam era intenso demais, não precisava mais ser tratado como ilusão, algo impossível e inimaginável há algum tempo. Ela já havia tomado coragem e revelado que o amava mais do que tudo, estava segura disso. Entregava-se a seus braços naturalmente, sem restrições. Tinham o hábito de fazer carinho um no rosto do outro enquanto diziam palavras de amor. Tomavam vinho, a bebida predileta em seus encontros, de um jeito peculiar. Ele colocava a bebida na boca e, enquanto beijavam-se, ia passando alguns goles para ela. Riam demais da cena, à medida que iam ficando meio altos. Ele inventava poesias de improviso e dizia no seu ouvido apenas sussurrando baixinho. Poemas sobre o mundo de vidro dos dois e sobre tudo o que ela representava para ele ali... "

...

"Vigésimo terceiro Capítulo

... e também recitava tantos versos sobre os dois e sobre diversas cenas que criava na sua cabeça, que se encantava com as viagens que ele tinha, como: "Cada vez que você vier, rindo, sendo pra mim, nada mais importará, irei contigo... Cedo, tarde, noite ou dia, será sempre assim, depois de você nada valerá tanto, nada mais... São três horas da manhã e você aí, toda de branco, dançando sem parar, não percebe nada... Nem sei se tudo o que acontece tem muito sentido, e nem sei se vale a pena correr algum risco de me entregar de corpo e alma, se melhor manter a calma ou guardar tudo aqui.... Mas a calmaria de te olhar me faz tão bem .." , imagens que a faziam ter mais ainda ternura por ele. Ficava parada e com olhar ao longe,

perguntando-se como ele tinha o dom de fazer tantas coisas belas por ela... ".

...

"Vigésimo quinto Capítulo

... porque algumas vezes eles estiveram no escuro com ele, bem baixinho, falando no ouvido e deixando a língua tocá-la de propósito de vez em quando outras coisas que inventava: "Toda vez que pedir pra sair eu vou, toda vez que pedir pra voltar será já, toda vez que pedir pra compreender eu calarei, e toda vez que não entender basta perguntar... Toda vez que pedir no claro, é claro que sim, no escuro for, será assim. Toda vez que perder o rumo serei teu passo, se fugir desse mundo, deixe que eu te laço, toda vez quando chorar será um abraço... Toda vez que desesperar eu calmarei, toda vez que sonhar e esperar eu vou trazer, toda vez quando se entregar eu vou fazer... Toda vez quando demorar, eu vou perder o sono de vez, e toda vez que for embora, não serei mais eu"...

...

"Trigésimo Capítulo

... e a cada nova poesia que ele trazia ela encantava-se mais ainda, pois via nele a serenidade que sempre sonhou encontrar em alguém. Dava risadas para si mesma, não acreditando que aquilo era para ela, já que nunca havia imaginado que pudesse ser objeto da "perda de tempo" de alguém escrevendo poemas. Não achava que merecesse, mas ouvia com atenção, alimentando ainda mais o desejo de que aquilo jamais acabasse: "Pra fazer uma bela poesia basta um lápis na mão, você na cabeça, a solidão, o silêncio e a saudade. Ver seu rosto na parede, sua boca em cima da televisão, um sorriso na minha gaveta, um abraço forte caído no chão... Ter sala vazia, garrafa cheia, TV ligada a tarde inteira, rotina do dia-a-dia, agenda lotada, madrugada fria... Fazer rimar, viajar, a alma no papel colocar, e no final do dia poder sozinha te achar, na beira do mar... E beijar você de novo... Ee beijar você mais uma vez". Era por estas e outras que o amava a cada dia mais que o anterior e menos que o seguinte... ".

...

"Trigésimo terceiro capítulo

... cada vez que olho pros teus olhos, ou que fecho os meus pra te ver melhor, cada vez que eu escuto tua voz, ou me calo pra te ouvir melhor, cada vez que saio com você a caminhar e fico pra trás só pra te observar... Tenho certeza de que é você mesmo quem eu sempre procurei a vida toda, quem foi a personagem principal da história que eu escrevi na cabeça, e que, se não tinha rosto, toque ou sentido, tinha presença forte e marcante, certa, certeira, inteira, em algum lugar desconhecido. Desconhecido, frio, em preto e branco. Que só conheceria quando você aparecesse, que só aqueceria quando você sorrisse, que só coloriria quando você surgisse, do nada, sem dizer palavra, verso ou canção. Como estes versos que te faço agora, e que virarão canção, certamente, com a melodia da tua voz, o ritmo do teu coração e a harmonia dos teus olhos... Que eu fecho os meus pra ver melhor.".

Desejava, a cada novo capítulo, que pudesse viver aquilo.

O mundo de vidro "d'Ele" e "d'Ela" continuava sendo criado e destruído a cada novo encontro e nada o abalava. Ela sabia que era uma história impossível, mas a que desejou para a vida toda, como em geral era desejo de todas as pessoas sonhadoras, como ela. Gostava de ler o que acontecia e imaginava como eles poderiam ser. Imaginavase ali. Encantava-se com as poesias "d'Ele", ou dele, e com a capacidade que tinha de encantá-la, pois sabia que, no fundo, as poesias eram dirigidas indiretamente a ela, por meio "d'Ela".

Comprou uma pasta e foi montando o livro. Leu algumas vezes a história do começo ao fim, e já sabia quase de cor cada um dos capítulos. Estavam cada vez mais apaixonados os dois no livro e ela apaixonada também por seu escritor secreto, alguém que ela já tinha desistido de imaginar quem era.

Até que num dia recebeu mais uma mensagem com um capítulo. Abriu, ansiosa. Qual foi sua surpresa ao não encontrar nada dentro. Era uma mensagem vazia.

"Trigésimo quinto capítulo

...

".

Estranhou. A mensagem não tinha vindo. E respondeu:

"*Sua última mensagem não veio. Deve ter havido algum problema. Mande de novo, por favor*".

No dia seguinte chegou outra:

"Trigésimo sexto capítulo

...

".

Não queria acreditar, mas parecia que a história ficaria sem o final que tanto esperou: o real encontro dos dois, ou melhor, o real encontro dela com quem mandava o livro. As mensagens vazias deviam mesmo ter um significado importante. E foi também um vazio e uma dor fortes dentro do peito. Sensação de perda, de abandono, como se significasse que jamais iria conhecê-lo. Estava mesmo sozinha, depressiva, sem ninguém para desabafar o que sentia. Aquelas últimas mensagens vazias machucaram muito mais do que se trouxessem palavras rompendo uma coisa que ela nem sabia muito bem se havia começado um dia.

Sem nem entender a causa de tomar tal atitude, tirou o telefone do gancho e ligou, deixando uma mensagem na secretária eletrônica, meio chorosa:

- Eu sei que você vai achar estranho eu te ligar mesmo sabendo que você está viajando, mas eu precisava demais que você estivesse aqui comigo. Preciso te contar uma coisa que tem acontecido. Sinto agora a falta de um amigo pra conversar e você é a única pessoa que fala o que preciso ouvir, que me escuta. A única que tem a sensibilidade, dentre tantas que conheci na vida, pra entender que sentimentos podem ser verdadeiros sem que necessariamente ocorram na hora mais certa. Na verdade, estou me sentindo meio idiota de falar sozinha, e você ainda pode ficar puto comigo, porque a sua namorada pode pegar a mensagem e dar problema. Mas eu queria que soubesse que não tenho a intenção de te prejudicar. Só estou sozinha precisando de um amigo. Então é isso.

Aproveitou e mandou um e-mail para o correspondente secreto:

"*Tenho que te dizer algumas coisas... Sabe, primeiro agradecer por tudo. Você é, ou melhor, deve ser uma daquelas pessoas que Deus só faz de vez em quando. Acho que nunca parei para te dizer o quanto é importante e o quanto me fez ser mais feliz. Só não entendo a razão de você sumir, parar de me enviar a história que já faz parte de meus dias. Ela não tem final? É isso? Termina assim, sem mais nem menos? Você quer que eu interprete que a história acabou?*

Por isto, simplesmente por não dizer o que houve entre eles, está me fazendo sofrer. Tenho que te confessar uma coisa: estou te odiando... Então é isso".

E em vão continuou os dias esperando algum capítulo daquela história sem fim, a reconsideração por parte do autor. "Ele" e "Ela" estariam em que lugar? Fazendo o quê? Já confundia história com realidade. Sonhava com "Ele" chegando e fazendo com ela tudo o que tinha feito com "Ela". Passou os dias seguintes muito mal, perdida entre o trabalho e a faculdade. Não saiu pra se divertir nenhum dia. Comprou o CD da banda de Maurice e escutava sem parar a sua música, sozinha em casa.

Até que chegou o final do mês. Entraram, enfim, em dezembro. O final do ano se aproximava, e nem todas as festas de fim de ano, confraternização no trabalho, natal, reveillon, motivos sempre mais do que esperados por todos, causaram alguma expectativa. Desta vez, ao contrário do ano anterior, ela passaria as datas sozinha mesmo, sem ninguém. Não queria festa, presentes, nada, pois não tinha muitos motivos sinceros que justificassem alegria e comemorações. Talvez até viajasse sozinha para recarregar as energias e iniciar o "verdadeiro novo milênio" de espírito renovado.

Um dia, ligou para Sandra e contou o que sentia. Contou que nunca mais tinha recebido os

e-mails daquela história e que não tinha mais certeza de algum dia saber a razão daquilo tudo. Na verdade, parou de esperar e queria esquecer tudo o que tinha acontecido. Sentia se uma idiota, esperando alguma coisa que nem sabia o que era e também já nem queria mais saber quem tinha mandado. Rotulou a história toda como "uma grande confusão".

Revelou que aquela bela música tinha sido composta para ela. E que sentia muito a falta da presença do amigo, que tinha sido tão doce compondo aquelas belas palavras. E que estava angustiada por ele nunca mais tê-la procurado e não ter correspondido ao que ela tinha dito nos recados ao telefone, pois tinha certeza que já tinha voltado de viagem e mesmo assim não a procurado.

Confessou que estava de saco cheio do trabalho, da faculdade, dos cursos e palestras. Que não sentia a menor vontade de sair e retomar a vida intensa que sempre teve.

Sandra entendeu direitinho o que se passava.

E ajudaria.

50

Após o mês de férias ele voltou. Reencontrou sua amiga Horácio, que já até tinha aprendido mais algumas frases. Sentiu falta de ser acordado diariamente por seu despertador verde. Ouviu os recados da secretária eletrônica, mas voltou decidido a não ligar para ela, ainda que isto pudesse causar dor profunda no coração. Sentiu uma ponta de tristeza nos recados, mas ela que procurasse seu noivo para desabafar, pois não pertencia mais à sua realidade. Não quis nem pensar naquilo, já que tinha decidido não mais alimentar o amor impossível que ela representava e assim não sofrer como das outras vezes.

Foi ao encontro com os amigos de colegial. Cada um contou o que andava fazendo, como de costume. Henry, o advogado, entrou numa grana preta, pois seu escritório havia movido uma ação do Metallica contra a indústria da música sobre questões de direitos autorais e disponibilização de músicas pela internet; Charles virou ex-diretor da empresa de segurança em estradas por satélites. Agora era o presidente; Sergy continuava na tentativa de fazer abertura total das pernas, mas já tinha ido a uma festa na casa do Van Dame; Mark foi convidado para integrar o elenco de um humorístico de sucesso, e estava namorando a filha de um pastor; Andrew continuava com os horários lotados, principalmente de mulheres esperando que ele procurasse alguma cárie inexistente, com a única pretensão de ficarem deitadas na cadeira olhando para seus olhos azuis; Richard tinha virado capitão e principal estrela da máquina saudita de jogar bola do Al Hammlasnasser Abd al-Aziz ibn Khalid Fahd-Fahd foothzbahllz khlub, campeão invicto da liga independente fundamentalista islâmica de futebol; Maurice, cada vez mais famoso com seu CD, graças à composição que havia recebido de presente do amigo; e ele, que todos notaram parecer um novo homem. Ela tinha sido a responsável pela transformação em sua vida. Certamente, jamais teria mudado tanto a ponto de viajar, conhecer gente nova, ser um "compositor", se não tivesse tido em sua vida a participação dela. Foi a primeira vez que se sentiu bem de verdade encontrando a rapaziada.

Retomou o trabalho, voltou a sair e a frequentar a boate onde seu amigo Batman trabalhava. Mas não conseguia gostar de ninguém. O estrago provocado por ela realmente tinha sido profundo, pois ainda pensava de vez em quando em onde ela estaria com seu noivo e como estaria sua vida. Só que associou aquela cena que vira no restaurante a ela responder "quero!" a uma pergunta sobre querer que ele sumisse para sempre de sua vida e esquecesse de vez que tinha composto uma canção, e não apenas a querer se casar com Stevens. E não queria ser chamado de amigo por ela. Não queria ser seu amigo, e pronto!

Até que um dia, altas horas da noite, estava em casa se preparando para assistir à sessão "Spielberg também presta" que havia programado. Separou o refrigerante e os salgadinhos, arrumou o lugar de Horácio e apagou a luz. De repente toca a campainha.

Foi até a porta e, pelo olho mágico, viu que era uma desconhecida. Abriu.

- Sim?

- Olá, meu nome é Sandra. Você não me conhece, mas preciso muito conversar com você.

Sandra tinha ido até lá por iniciativa própria e sem o conhecimento da amiga, para fazer uma coisa que dizia sua intuição feminina, aguçada desde que resolveu abandonar o movimento em defesa dos direitos da mulher. Foi atrás do endereço no curso e resolveu tomar uma atitude para ajudá-la.

- Sim, entre.

E por uma hora ela falou o que achava que acontecia. Contou que a amiga não tinha aceitado a proposta de Stevens, que sentiu demais sua ausência quando tinha viajado e que tinha até decidido passar o final do ano sozinha, pois estava mal. Sugeriu que ligasse, porque sentia que ele era a pessoa que ela mais queria ver no mundo.

- Ela não está pra se casar?

- Não. Ela não aceitou. Não gosta dele.

- Mas...

- Minha intuição me diz que ela gosta de você.

- ...

- É sério. Acho isso.

- Tá, mas não é do jeito que eu queria. Isso não adianta. Já fiz até uma música pra ela e nunca senti que tivesse tido algum efeito, que ela tivesse entendido o que eu dizia na letra.

- Ela me contou da música. Comprou o CD e escuta o dia inteiro.

- É?... Não sei, preciso pensar. Já penei demais. Agora eu tô super bem, consigo nem lembrar dela. E, de mais a mais, ela tem uma simples amizade por mim. Sei que ela gosta de mim, mas como amigo, e isso não basta. Queria muito mais que isso. Quem sabe algum dia a gente volte a se falar legal, mas por enquanto prefiro tentar esquecer esta história de vez. Se eu encontrá-la será pior.

Sandra teve uma recaída momentânea e perdeu a paciência, emendando:

- DEIXA DE SER CAVALO! QUE SACO! PRESTA ATENÇÃO NO SERVIÇO! ELA GOSTA MUITO DE VOCÊ, ANIMAL! MUITO, ENTENDE? VOCÊS HOMENS SÃO UNS IDIOTAS MESMO! Ô RAÇA INFERIOR! NÃO ENXERGAM UM PALMO À FRENTE DO NARIZ, BANDO DE CEGOS!...

Ele ficou até com medo, acuado, encolhendo-se no sofá.

- Desculpa, vai, me empolguei.

- Er... Aham... Cof... Cof... Tá, gosta muito de mim. E daí? E isso adianta alguma coisa?

- Adianta, sim, porque é uma forma carinhosa de ela te considerar. Ela sente sua falta de uma forma diferente. Contou pra mim a forma que você olhou pra ela no restaurante, a música, as coisas que você fala. E olha que de relacionamentos homem-mulher eu entendo muito bem.

E ficaram ali, conversando. Ela querendo ajudar a amiga e ele sem acreditar no que ouvia.

- Bom, deixa eu ir embora. Já cumpri meu papel. Espero que você saiba tirar bom proveito do que te disse. Só te peço pra não fazêla sofrer. Não importa o que faça, mas olha lá o que vai fazer, viu?

- Vou olhar.

- Vai olhar?

- Vou.

- VAI MESMO? - gritou, relembrando os velhos tempos.

- VOU! - ele respondeu com convicção.

- Vou te dar o meu telefone. Qualquer coisa, pode me ligar. Sem medo de ser feliz.

- Valeu.

Ele anotou o telefone de Sandra. Despediram-se. E ela saiu com a leve sensação de dever cumprido.

51

Não conseguiu dormir aquela noite. Tentou de todas as formas acreditar no que Sandra havia dito, mas estava reticente quanto à possibilidade de ser verdade. O mês de viagem, apesar de que quase se poderia considerar não ter sido uma viagem solo, pois ela esteve em pensamento em todos os lugares que visitou, havia de certa forma servido para que ele se acostumasse com a distância, com a ideia de que ela era mesmo um desejo impossível e de que todos os sinais que foram se apresentando ao longo do tempo foram dados para confirmar isto.

Por alguns momentos riu, como se estivesse se autosacaneando por sofrer daquele jeito, angustiado por não saber o que fazer. E em outros momentos teve pena de si mesmo, sentindo fazer um papel patético em um filme que não tinha mesmo por que ter um final feliz. Ao mesmo tempo, havia gostado do que tinha ouvido, de que ela não se casaria e de que sentia sua falta. Quanto a ela gostar dele da forma que achava Sandra, achou exagero. A prudência adquirida nos tombos que havia levado, quando achava que o chão sob seus pés era firme, ainda gerava a incerteza e a insegurança que, no fundo, ele gostaria de não ter. O fato de uma amiga ter tirado conclusões acerca dos sentimentos que ela tinha por ele não o convencia de que o passo certo a ser dado seria procurála. Não queria ser assim tão covarde, tão bundão. Queria poder ter coragem de, na linguagem popular, "tacar o foda-se" para tudo e correr atrás dela, confiando no que a amiga lhe confidenciara. E quando se olhava no espelho e lembrava de como ela era maravilhosa até desistia por alguns segundos. Era muito improvável que ela pudesse querer mesmo ser mais que simples amiga. Na verdade, odiava aquela história de amiguinho que conversava qualquer assunto e falava só coisas que ela queria ouvir. Que merda de papo era aquele de "não, a gente não pode dar certo porque somos muito amigos"? Isto era a maior estupidez que já tinha ouvido! Como se, para dar certo com alguém, este alguém tivesse que ser um inimigo. De repente, se ele virasse seu inimigo ela gostaria. Se desprezasse, xingasse, humilhasse, não desse a mínima para o que ela fazia, não a colocasse tanto assim no pedestal que tinha criado, quem sabe ela viria se arrastando e dizendo: "Que bom! Nós não somos amigos! Podemos dar certo!".

Só que ele não era assim. Não conseguia imaginar-se um sacana, nem que fosse de brincadeira, pois sabia que seus olhos jamais mentiriam quando tentasse ignorá-la. Não era tão bom ator.

Estava muito decidido a não procurá-la de jeito nenhum. Ou melhor, procuraria sim, pois não tinha nada a perder. Quer dizer, tinha sim muito a perder. Poderia levar o tombo derradeiro, sem direito a outra chance, caso ela viesse com aquele papo de "estou confusa, vamos ser amigos". Mas também tinha a ganhar, caso ela soltasse um "estou afim, vamos ser mais que amigos". Isso, agora estava decidido: correria o risco. Imaginou-a toda linda, com os olhos brilhando e lágrimas de emoção, quando ele dissesse que tinha descoberto que a amava desde a primeira vez que a tinha visto, na televisão, durante o reveillon passado. Pensando bem, melhor não procurá-la. Ela ia achá-lo um tarado, um louco, um maníaco que se apaixona por alguém que vê na televisão. Pensou melhor, pesando as consequências. Ia, pronto! Não, porra, não ia, definitivamente. É claro que deveria ir. Rá, nunca! Ia, não ia, ia, não, não ia.

- E aí, Horácio? Vou?

- Vaaaaai, féla da puta! - disse, durante uma cambalhota.

Tomou um susto, mas riu. Quem dera seu amigo soubesse o conselho que dava. Pena que bicho não pensa.

- Pois é, Horácio. Eu tô muito afim, mas ela não tem nada a ver comigo. É outra realidade, outro nível.

- Acostume-se à derrota, pois a vitória não pertence ao infeliz - mandou muito bem o Horácio.

Ele se impressionou com o gabarito do Horácio:

- Porra, meu! Até crase rolou! Matou a pau!... É, acho que você tá certa. Sou um pobre coitado mesmo. Tenho que me acostumar com isso, de uma vez por todas. Definitivamente, não vou mais cogitar procurá-la. Ou vou?

Acabou caindo no sono sem saber como resolver o dilema. Quem sabe acordaria decidido. Não tinha tido nunca mais nenhum indício explícito de que poderia ir atrás dela, e só faria isto com cem por cento de certeza de que seria mesmo o correto a ser feito.

Pela manhã levantou com a certeza: não devia procurá-la nunca mais.

52

Enquanto ele se decidia, lá estava ela, sozinha em sua cama, já sem esperanças de que recebesse um telefonema dele. Já tinha aberto todas as portas com os recados na secretária eletrônica. Caso ele quisesse poderia naturalmente ligar, mas seu silêncio indicava que estaria com alguém e não ia procurá-la.

Acabou decidindo que o melhor a fazer seria passar o natal sozinha mesmo e viajar para o reveillon. Aprontou passagem, hotel, roteiro completo e resolveu as pendências no trabalho e na faculdade. Faria um cruzeiro pelo Caribe, pegaria um sol e ficaria longe de gente conhecida, durante "a mais emocionante de todas as viradas que o mundo até então tinha tido o prazer de celebrar". Triste ironia do destino, pois há exatamente um ano jamais imaginaria terminá-lo daquela forma. O natal seria dali a poucos dias, e ela sairia de viagem já na sequência para passar um tempo fora do ar e tentar voltar com a velha disposição que sempre teve e que havia perdido.

Só tinha uma coisa que teria que fazer de qualquer jeito, uma coisa que ainda a intrigava e incomodava profundamente. Ligou seu computador, meteu no fone "Champagne Supernova" do Oasis e começou a digitar a última mensagem de todas para seu escritor secreto, que tinha sumido inesperadamente da mesma forma como havia aparecido na sua vida. Ao final, apagaria o endereço para nunca mais se lembrar daquilo tudo.

"Eu já tentei entender a razão disto tudo, mas não encontrei resposta. Você chegou não sei de onde, com esta história maluca deste mundo irreal, destas duas pessoas que não sei quem são, destes lugares e situações impossíveis de conceber tão perfeitamente no mundo real. Sei que me conhece como pouquíssimas pessoas, porque soube perfeitamente como fazer para me atingir lá no fundo. Sabe que eu acharia a história demais e que ficaria muito afim de saber quem é a pessoa que pensa tudo aquilo. E eu quis mesmo muito te conhecer, porque tudo o que você escreve sei que faz parte da sua personalidade e de seu caráter. Confesso que invejo o que "Ele" e "Ela" viveram, e tenho certeza de que você deve ser capaz de fazer acontecer pelo menos um pouco daquilo tudo, o que já te torna especial. Não vou negar que esta situação inusitada de receber a história me fascinou demais, e nunca imaginaria que pudesse acontecer comigo, mas infelizmente você se foi não sei para onde. De modo que te mando esta última mensagem como um desabafo antes da viagem que farei, sem nem saber se a receberá. Pretendo ir para bem longe daqui por um tempo, sei lá, espairecer e esquecer de tudo, apesar de saber que levarei suas palavras dentro de mim. Sei que agora tenho o direito de te dizer quem eu queria que você fosse, já que você não fez questão alguma de se revelar. Bem no fundo desejei demais que fosse uma pessoa que apareceu realmente na minha vida, uma que me dedicou uma canção, foi sincera, carinhosa e sempre fez coisas legais para mim, mas que acabei deixando escapar por entre os dedos, não dando a mínima para os sentimentos tão puros que ela tinha. É, as coisas são assim mesmo. A gente nunca dá o valor devido ao que vem fácil e fica querendo complicar, achar problemas e defeitos. Defeitos estes que demoramos a reconhecer como inexistentes e simplesmente frutos da nossa imaginação. Infelizmente mesmo você não é esta pessoa, e eu realmente fiquei intrigada sobre quem seria. Mas não vou te cobrar que se revele, porque isto talvez nem tenha mais tanta importância agora. Na verdade, se eu pudesse me enganar,

preferiria que nada disso tivesse acontecido".

53

Trinta e um de dezembro de 2000, onze e meia da noite. Finalmente chegava "a verdadeira virada".

"Êxtase", um enorme transatlântico de treze andares, deslizava pelo mar calmo de águas claras e quentes do Caribe. Começava uma festa impressionante no convés, com balões brancos dentro de uma piscina iluminada, uma banda de oito cubanos mandando ver na salsa, merengue e reggae, um monte de drinks coloridos pegando fogo, outros saindo fumaça, whisky à vontade, show de pirofagia, dançarinos jamaicanos requebrando e levantando a massa em coreografias acompanhadas pelos passageiros mais animados. Todas as pessoas muito felizes por estarem naquele esquema realmente vip, com grande expectativa para tudo o que aconteceria madrugada adentro.

A festa pegando lá em cima, mas ela ainda sozinha na sua cabine e sem muita pressa para sair. Não acreditava muito nestas superstições de final de ano, mas estar linda, de branco, ter bons pensamentos e ficar sozinha tinha sido a forma que optara para atrair bons fluidos. A bem da verdade, sua cabeça estava a quase cinco mil quilômetros dali. Começou a se arrumar, calmamente. Um vestido branco longo, com um decote generoso mostrando as costas queimadas e uma fenda na altura da perna, deixando-a discretamente à mostra. Um sapato de salto agulha também branco e um colar de pérolas completavam o visual. O cabelo preso num coque com uns fios soltos na nuca, um lápis preto nos olhos e um batom vermelho conseguiam o que aparentemente poderia parecer impossível imaginar: ela ficar mais linda do que já era.

Então bateram na porta da cabine.

Quando ela abriu não havia ninguém, apenas um envelope colorido colocado no chão sob uma flor, como se fosse um presente. Olhou pelo corredor estreito e não viu ninguém. Estranhou, mas pegou a rosa na mão e abriu o envelope.

Havia um papel dentro, que trazia um texto datilografado em uma destas máquinas de escrever antigas e que ninguém usa mais. Texto que ela leu ali, em pé mesmo, sem entender direito o que estava se passando.

"Último Capítulo

Talvez ela quisesse saber a razão de ter havido um livro como aquele...

"

Então ela saiu fascinada e correndo, subindo as escadas até a festa no convés, sem acreditar no que acontecia e ouvindo a multidão começando a gritar, enlouquecida:

- Ten... Nine... Eight... Seven... Six...

Quando chegou, correu os olhos pela festa até que, finalmente, descobriu seu escritor secreto do outro lado da piscina, sorrindo, de terno branco, cinto e sapato havana, gel no cabelo, com uma mão no bolso e outra segurando uma taça de champanhe, oferecendo a ela um brinde, enquanto milhares de fogos coloridos estouravam no céu claro, sobre o mar.

E ela sorriu.

Créditos das Citações

***Maskavo**: "Por você" – Quim, Prata, Marrara, Marcelo – Deck – Do CD "Já"*
***Marisa Monte**: "Não vá embora" – Marisa Monte e Arnaldo Antunes – Ed. Monte Songs / Rosa Celeste (BMG) – do CD "Memórias, Crônicas e Histórias de Amor"*
***Skank**: "Balada do amor inabalável" – Samuel Rosa e Fausto Fawcet – Ed. Sam Music – do CD "Maquinarama"*
***Birinaite**: "É hoje o dia" – Maurício Gomyde – do CD "Birinaite"* ***Nelson Gonçalves**: "Chore Comigo" – Adelino Moreira* ***Vinícius de Moraes**: "Ausência" – Antologia Poética – Livraria José Olympio Editora - 16ª edição.*

